

ROXANE NORRIS

O MISTERIOSO CONDE DE
Rothesay



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

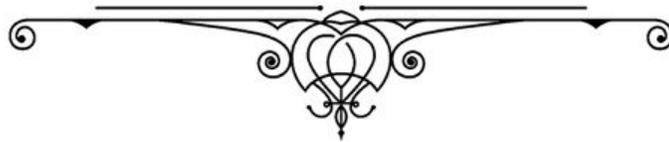
Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ROXANE NORRIS

O MISTERIOSO CONDE DE
Rothestay



1ª Edição

Santa Catarina - 2016



Copyright © 2016 Qualis Editora e Comércio de Livros Ltda

Todos os direitos reservados e protegidos.

Nenhuma parte deste livro, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Editora: Simone Fraga

Preparação do original: Janaina Rico

Revisão: Sônia Carvalho

Capa: Renato Klisman

Diagramação de e-book: Cristiane Saavedra

Produção editorial: Equipe Qualis Editora

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

N853o

Norris, Roxane, 1973 -

O misterioso conde de Rothesay/ Roxane Norris. – [1. ed.] –

Florianópolis, SC: Qualis Editora e Comércio de Livros Ltda, 2016.
176 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-85-68839-32-4

1.Literatura brasileira 2. Ficção 3. Romance de época I. Título.

CDD – B869.3

CDU - 821.134.3(81)

1ª edição - 2016



Qualis Editora e Comércio de Livros Ltda
Caixa Postal 21023
Florianópolis - Santa Catarina - SC - Cep.88047-970
www.qualiseditora.com
www.facebook.com/qualiseditora
@divasdaqualis



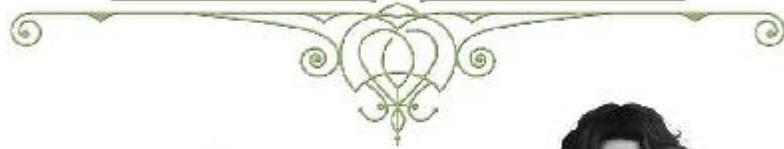
NOTA DA AUTORA

Nomes e lugares podem, e devem, conter semelhanças com a realidade, embora não sejam fatores determinantes na narrativa. Reservando-se à autora, o direito de administrá-los para tornar sua leitura mais atrativa e interessante.

Boa leitura!



THOMAS HATTWAY E IRINA REIMS



ÍNDICE



[Capa](#)

[Ficha Técnica](#)

[Nota da Autora](#)

[AS IRMÃS REIMS](#)

[A PRECEPTORA](#)

[ROTHESAY](#)

[O NOIVADO IMPROVÁVEL](#)

[CASA COMIGO?](#)

[UM ANEL DE NOIVADO](#)

[O BAILE](#)

[OS BERTRAND](#)

[UMA PRECE](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)



AS IRMÃS REIMS



O cheiro de pão fresco tomava conta do ar da pequena casa em Carlisle, à beira da estrada, banhada pelas luzes parcas de uma manhã de primavera. Há muito Edward Reims já havia saído para o sermão matutino, e as meninas buscavam avidamente ajeitar a rotina da casa. Irina era a mais velha das filhas de um pároco viúvo, cuja vida após a morte da esposa estava totalmente voltada à educação das jovens e ao presbitério que assumira antes mesmo do casamento, por gentileza de Lady Charlotte Boyle – filha do Conde de Carlisle e sua única herdeira. Com o casamento entre Lady Charlotte e o Duque de Abercorn, e o falecimento do Conde, posteriormente, a propriedade da família era pouco utilizada. Exceto, quando Lady Boyle, agora Lady Charlotte Hamilton, usava-a para fugir das temporadas londrinas.

Nessas raras ocasiões, em que Lorde Hamilton ficava entretido com negócios, Lady Charlotte retomava os ares de sua infância na propriedade de sua família, ao norte da Inglaterra. Não era incomum, portanto, vê-la envolta com as três irmãs, pelas quais sempre nutriu sincera simpatia. Nunca pensou em esconder a afeição que nutria por elas, pois quando deixou sua casa, apenas Irina era nascida. E, ao receber a notícia, anos depois da morte da esposa de Edward, só conseguia imaginar que destino teriam as jovens em vista dessa má sorte.

Por muitas vezes, tentara beneficiar a mais velha com sua influência, sugerindo diversas vezes a Edward, que ela a acompanhasse à Hamilton ou à Bath. Todavia, o fato das irmãs

ainda serem muito pequenas sempre adiava a apresentação de Irina à sociedade. Nos poucos meses, em que Lady Charlotte se dispunha a dar-lhes atenção, Irina era, em maior parte, o centro dela. Acreditava a Lady que, ensinando-a, esta poderia passar seu conhecimento às mais novas, o que sempre fora sua determinação. E assim, de fato, ocorreu... Embora o desejo de ver a jovem ter um bom casamento sob sua influência, tornava-se cada vez mais distante.

Deve se questionar, certamente, o porquê de uma mulher rica, bela e inteligente se ver às voltas com pessoas tão humildes. Ocorre que o Conde sempre teve admiração por Edward Reims, desde que este se apresentou ainda solteiro, para ocupar o presbitério e teve a aprovação de Charlotte, com quem o nobre dividia certos ideais. Infelizmente, o mesmo não se podia dizer da Condessa de Carlisle, uma mulher cujo peso da falta de herdeiros homens ao título, tornava o casamento da filha, com um nobre de elevada posição, algo imprescindível.

Não era raro vê-la improvisando jantares e bailes à medida que Charlotte crescia, porém essas circunstâncias se multiplicaram quando a jovem mostrou certa afeição diferenciada para com o jovem padre. Tal relação nunca foi desaprovada pelo Conde, mas a Condessa estava inclinada a desfazê-la, e inegavelmente o fez. Não sei se para o bem ou mal de ambos, a separação prematura dos jovens apaixonados foi firmada. O padre se casou pouco tempo depois de Lady Charlotte e não se pode dizer que não foi um homem apaixonado e devotado à esposa. O mesmo, porém, não podemos dizer da moça que nunca pôde dar filhos ao marido. Aos olhos da sociedade, esse era o principal motivo que levava o Duque a se dedicar em excesso aos negócios e aos jogos, quando o primeiro lhe cansava a mente.

Expostos os motivos da afeição de Lady Hamilton às Reims, voltemos à última visita da senhora a sua propriedade, que não só levou felicidade ao coração de Irina, que a tinha praticamente como mãe, como iria se desdobrar em muitas outras aventuras.

Estava a jovem senhora, com seus cabelos ainda louros

repuxados ao cimo de sua cabeça sob um coque, ouvindo Irina declamar alguns versos que compusera quando o mordomo se apresentou com a salva de prata entre as mãos enluvadas e uma mínima reverência, anunciando:

— Esta mensagem acabou de chegar, milady.

Graciosamente, Charlotte lhe sorriu, tomando a mensagem para si, enquanto Irina interrompia sua récita e aguardava.

— Obrigada, Walter.

O mordomo assentiu e se retirou. O amplo salão onde estavam, com suas paredes de cor damasco e seus móveis de cor clara, permitia que a Duquesa pudesse ter uma mínima privacidade, junto às portas que dariam para os jardins, enquanto Irina disfarçava a falta de atenção procurando o ponto em que parara no livro a sua frente. Seus olhos iam e vinham da imagem de Charlotte, que começara a ler com uma ruga entre os olhos, e esta aumentava conforme avançava a leitura. Por mais que quisesse fixar a atenção em seu texto, era impossível não reparar que a carta causara comoção na mulher. E o que atingia Charlotte, também angustiava a jovem.

Com a respiração alterada, viu Charlotte dobrar o papel e olhar pelas vidraças com um profundo pesar, e não podendo mais ficar sob aquela tortura, Irina a interrompeu:

— Há algo em que eu possa ajudar?

Os olhos extremamente azuis de milady fixaram os verdes dela, deixando escapar um suspiro dos lábios enquanto o fazia.

— Não sei se realmente podemos fazer algo nesse caso... — ponderou a Duquesa. — Certamente não é o tipo de pedido que poderia esperar...

— Se está tão preocupada, devo crer ser um segredo — observou a jovem. — Deseja que me retire para que possa ponderar melhor?

Os azuis a avaliaram com carinho e depois sorriram, repondendo-lhe:

— Não é um segredo. — Estendeu a carta na direção de Irina. —

É um pedido de ajuda, mas de alguém que não ouço falar há muito tempo.

A jovem tomou a carta para si, mas antes de lê-la, ressaltou:

— Tem certeza que posso?

— Claro — respondeu-lhe de pronto. — Não cogitaria mostrar-lhe, se não confiasse que pudesse me ajudar na resolução do problema e em sua discrição. Vamos, leia logo — Incentivou-a.

Com um sorriso, Irina aquiesceu, desdobrando a folha. Não, sem antes, observar o selo rompido com curiosidade. Jamais o vira em sua vida, tinha certeza. Fosse quem fosse não era alguém, ela supunha, das relações mais íntimas de Charlotte. Com certa avidez, a jovem devorou as linhas bem escritas. Em termos gerais, a carta não trazia nada de comprometedor entre seu interlocutor e seu leitor. Em breves palavras pedia-lhe ajuda quanto a sua filha, que se encontrava à beira da idade de ser apresentada à sociedade. E não havia a mínima esperança, no momento, que isso pudesse ser feito, se a jovem seguisse sem preceptora como se encontrava.

Por alguns segundos, Irina se sentiu decepcionada. Sua mente de escritora já elucubrara mil e uma possibilidades sobre o conteúdo e o remetente. Excetuando que não conhecia o Conde de Rothesay, quem supostamente assinara a missiva. Pensava, pensava, mas não se recordava de ter ouvido seu nome antes.

— Então, o que acha? — Lady Charlotte inquiriu-a.

— Parece que, seja lá quem for, está bastante preocupado com a filha... — disse com cuidado. — Deve haver uma forma de ajudá-lo, a senhora não acha?

Lady Charlotte deu a volta nos móveis e se encaminhou para onde Irina se encontrava de pé, e sentou-se no sofá de brocado verde musgo, indicando que a moça fizesse o mesmo.

— Sente-se, Irina. — Observou a jovem sentar-se ao seu lado, com seus cabelos ruivos ondulando a sua volta e pequenas sardas sobre o nariz e as maçãs do rosto, realçadas por aqueles intensos olhos verdes. Definitivamente ela era adorável, admitiu Charlotte a si

mesma, era uma pena que aos vinte e cinco anos não tivesse pisado uma única vez nos salões londrinos. Deu um longo suspiro e afastou esses pensamentos, completando: — De fato, haveria muitas possibilidades de ajudar meu primo, caso não existissem certas restrições em relação a sua pessoa.

Os olhos verdes piscaram algumas vezes.

— Restrições? — As sobrancelhas empinaram em alerta.

— Meu primo, o Conde de Rothesay, não é o tipo convencional — ela ponderou. — Em sua juventude, foi um dos melhores partidos da sociedade. Meu tio era o Barão de Windsor e também Conde de Plymouth, Archer Windsor, e tinha em seu único filho, um futuro promissor para a família e títulos. — O semblante da Duquesa se anuviou.

— Ele se envolveu com algo ilegal? — A veia artística gritando por um ato de espionagem da parte do nobre. O coração acelerou em antecipação.

— Nada tão grave... — Irina se sentiu murchar uma segunda vez. — Contudo, por todas suas conquistas e flertes nos salões era visto com certo receio e otimismo pelas mães aflitas por um bom partido. Havia reservas quanto sua proximidade, mas Thomas sempre soube o limite de seus atos, sabe?

— Sei... — A jovem pressentiu uma terceira frustração e temeu não resistir à conversa.

— Pois bem, confesso que sempre senti estima por ele e o recebia em minha casa, mas fui proibida por Harold quando as fofocas sobre sua mulher e filha assaltaram a todos, inclusive minha tia, que se recusou a vê-lo e a esposa, e assim tornar o casamento legal— explicou Charlotte. — Embora, Thomas não necessitasse da aprovação dos pais, já que há dois anos herdara o título de Conde de Bute de um primo escocês, que morrera sem deixar herdeiros. A partir desse dia, nunca mais foi visto em sociedade. Nunca vimos o rosto da tal mulher ou da criança.

— Isso é horrível! Foi tão absurdo assim, vê-lo casado?

— A moça em questão tinha procedência duvidosa, foi o que disseram na época — A Duquesa tocou delicadamente no assunto, que há muito não era comentado. — Dizem que chegou grávida ao Castelo de Rothesay...

— Acredita nisso, milady? — interpelou-a preocupada. — Sempre foi tão ponderada em todos os conselhos que me dá, que não ousou crer que tenha errado no julgamento do caráter de seu primo — pausou. — Vejo que ainda nutre certa afeição por ele. Não acredita realmente nos mexericos, não é?

Seus olhos azuis nos verdes, ternos.

— Não — confirmou a Duquesa. — Sei que Thomas era um paquerador contumaz, bebia um pouco, mas raramente jogava. Entretanto, era extremamente inteligente e perspicaz. Aos vinte anos era membro da Academia de Ciências e prezava isso, a despeito do que meu tio tenha lhe dito de contrário. — Seu olhar vagou pelo rosto de Irina. — Não abandonaria isso tudo pelo casamento. Algo aconteceu... Algo que as fofocas estão longe de conceber.

— Vai ajudá-lo, sei que vai...

— Harold não deixaria. — Fixou seus azuis nela tristemente. — Thomas jamais nos procurou, não acho certo rechaçar essa aproximação depois de anos.

— Quanto tempo exatamente, milady?

— Quatorze anos. — Irina se surpreendeu diante daquela confissão.

A julgar pela idade de Charlotte, que deveria ser a mesma de seu pai, quarenta e poucos, o Conde deveria ter seus quarenta anos completos — conjecturou a jovem. — Não haveria problema, assim sendo... Talvez ela pudesse...

— Eu vou — Cada centímetro da jovem reagiu, determinado.

— Como? — surpreendeu-se a Duquesa.

— Quer ajudá-lo, não é? Faça-o através de mim, escreva-lhe avisando que está me enviando.

— Irina, não seria certo expô-la desta forma — ponderou

Charlotte.

— Confio no seu julgamento, o Conde é um bom homem — definiu. — O Duque não se oporá a minha ida, aliás, nem saberá dela e milady estará fazendo o que seu coração manda.

— Minha querida... — Puxou-a para um abraço. — Não quero que sofra.

— Ficarei bem. — Afastou-se, mirando-a com carinho. — Prometa-me que vai levar Gwen com você, a vida no campo está deixando-a cada dia mais triste. E, sem mim, aqui...

— Levarei— prometeu-lhe, beijando-lhe o cimo da cabeça. — Falarei com seu pai ainda hoje, mas deve me prometer também que se houver qualquer problema, irá me procurar.

— Feito. — Sorriu-lhe agradavelmente, pondo-se de pé. — Irei aprontar minhas malas.

A jovem se ergueu e correu para a porta, saindo alegremente da sala. A premissa de uma aventura cheia de mistérios e entrelinhas a fascinava. Entretanto, a mulher que ficara ao sofá dizia a si mesma que estava fazendo o certo... Certamente estava.

Era a única possibilidade.



A viagem até a Ilha de Bute era longa e demoraria dias. A despedida da família havia sido sob muitas lágrimas e pedidos de prudência. Lady Charlotte disponibilizara uma de suas carruagens para a viagem e os poucos pertences de Irina foram acomodados com precisão em um único baú. Não acreditava que a reclusão do Conde exigisse mais do que levava consigo, embora milady lhe houvesse cedido também uma bolsinha com algumas moedas de ouro — caso houvesse necessidades extras — ao abrigá-la ternamente em seus braços, beijando-lhe os cabelos com carinho de mãe.

Quando Irina subiu na carruagem e a brisa correu seu rosto, por algum motivo além de seu conhecimento, sentiu-se tomando o destino nas mãos. Seu pai e irmãs ainda se debruçaram na pequena janela com mais algumas recomendações nos lábios, mas foram breves minutos até o cocheiro estalar o chicote, pôr os cavalos em movimento e só restarem acenos no ar em meio a lenços brancos.

O estado de excitação que estalava suas veias foi aos poucos se esvanecendo sob o êxtase da paisagem que corria ao longo da estrada. Muito mais rica que a inglesa, a paisagem escocesa a encantava. Seus inúmeros vales estreitos e lagos, que sucediam uns aos outros, refletindo o pálido sol que cobria vez ou outra, as terras altas e costeiras da viagem. Os carneiros pastavam soltos em prados tão verdes que pareciam pinturas contra o céu azul, único.

Volta e meia, Irina fechava seus olhos para guardar a imagem em sua cabeça. Quem sabe não as usaria como fundo para alguma de suas histórias? Estar ali, observando aquela beleza de perto, era com se de certo modo, o tempo fosse impedido de passar. Em nenhum momento pegara o livro que trouxera para distrair-se na viagem — indicação de Lady Charlotte, que sempre a presenteava em suas visitas com algumas peças literárias. Seus tesouros, afirmava a jovem —, embora várias páginas de sua caderneta de apontamentos tivessem sido consumidas avidamente por observações de paisagem, bem como ideias que floresciam junto com elas.

Envolta neste frenesi de emoções, a jovem mal percebera o quanto haviam avançado. O dia ameaçava findar em poucas horas e os cavalos já não rendiam o que deveriam quando o cocheiro sentenciou a parada. E, somente após um banho reconfortante, pode sentir como a viagem a cansara e desabou ao encontro de lençóis de algodão limpos. Não importava onde estava, queria apenas dormir... As imagens da *Highlands* a perseguiram em sonho e se viu sendo beijada por um homem alto e moreno, cujo rosto não conseguia definir. E mesmo nunca tendo desfrutado de um beijo, era capaz de sentir-lhe a urgência em cada investida contra seus lábios.

Acordou nas primeiras horas da manhã, arfando ferozmente. Os ares da Escócia definitivamente mexiam com seus nervos. Decidiu,

ao voltar à carruagem, concentrar-se somente nas paisagens. Homens escoceses eram selvagens demais para seu gosto.

O restante da viagem até Bute seguiu tranquila, com metade da caderneta entregue as suas anotações. Contudo, ao chegarem ao pequeno porto onde ela tomaria um barco para a ilha, notou que algumas nuvens se assomavam sob a terra distante e um arrepio cobriu-lhe a pele. Havia gasto seu tempo anotando sandices — protestou consigo mesma — Esquecera completamente de treinar como se apresentaria ao Conde.

Não poderia disparar a dizer que desde cedo aprendera a ter responsabilidades, e que cuidar da casa, das irmãs e do pai a gabaritava para o cargo. Seria extremamente rude. Claro, havia a carta de recomendação de Lady Charlotte, mas sua intuição lhe dizia que somente isso não lhe traria salvo conduto. O barco oscilou sobre as ondas e Irina se viu pensando na figura do Conde. Um homem austero, com cabelos grisalhos e ombros encurvados pela severidade da vida que levava recluso num castelo. Baixo e de nariz anguloso como o falecido Conde de Carlisle. Isso trouxe um leve sorriso aos seus lábios e a fez notar que o capitão da embarcação lhe dirigia a palavra:

— Vamos atracar, senhorita.

Irina consentiu a intervenção em seus pensamentos e voltou à cabine, recolhendo suas coisas. Assim que desembarcou, entretanto, um cocheiro muito bem vestido veio em sua direção, abordando-a gentilmente:

— Senhorita Reims?

— Sim, sou eu mesma.

Ele lhe fez uma mesura antes de prosseguir:

— Por favor, queira me seguir. — Irina assentiu com a cabeça, andando atrás dele na direção de um coche aberto preto. Seu olhar verde oscilou entre o céu e a condução. — Como chegou dentro do horário, o Conde a espera para o jantar.

Ela novamente aquiesceu duvidosa de que um carro aberto

deveria ser usado em condições climáticas com aquela: uma tempestade anunciada. O cocheiro a instalou confortavelmente no coche, com o baú aos seus pés e subiu ao seu assento, pondo-os em movimento.

Não estavam a mais de dez minutos na estrada, quando o céu escureceu de vez e começou a ronar sobre suas cabeças. Instintivamente, Irina ponderou:

— Falta muito para chegarmos?

— Já estamos na propriedade do Conde — determinou o homem. — Tudo o que vê, faz parte de Rothesay.

— Parece lindo — devolveu enquanto tentava segurar o pequeno chapéu sobre sua cabeça, que o vento insistia em retirar. — Contudo, devo crer que se demorarmos muito, ficaremos encharcados até os ossos.

O cocheiro não lhe respondeu, pois também não havia muito que argumentar, já que inevitavelmente como ela previra os pingos grossos se arremeteram contra eles no instante seguinte, tornando-se cada vez mais insistentes. Não havia trazido sombrinha consigo e se irritava ao pensar que o Conde podia ter sido tão insensível com sua pessoa ao ponto de enviar-lhe aquele tipo de condução. Rangeu os dentes, indagando a si mesma se poderia piorar sua situação... E, como se Deus ainda achasse pouco estar encharcada, o coche atolou na lama que se formara em meio ao bosque que circundava a propriedade.

O cocheiro tentava todas as técnicas que conhecia para desatolá-los, mas o terreno era um charco e quanto mais era revolvido, pior ficava. Determinada em dizer, o mais rápido possível ao Conde, o que pensava sobre o desleixo com o qual presenteava seus visitantes, a jovem estocou o criado:

— Diga-me, para que lado é o castelo?

O olhar aturdido do homem mostrou que ele não tinha ordens de lhe revelar nada, sequer acatar-lhe um pedido. Quem, raios, o Conde pensava que era para tratar qualquer ser humano daquela maneira?

— Bem... — Saltou do coche à lama e afundando até as panturrilhas nela. — Já que se tornou mudo com a tempestade, não se incomode em se esforçar com nada. Eu mesma acho o caminho até o castelo. — Deu-lhe às costas e partiu para a noite.

— A senhorita não deve ir sozinha...

Irina já não lhe ouvia. Entrara pelo bosque portando somente a capa, em cujos bolsos carregava seus pertences mais preciosos, sua caderneta e a bolsinha de milady. Não sabia que direção tinha tomado, os raios cortavam o céu e o vento zunia pelos arbustos. Seu vestido estava arrasado e começava a duvidar que fosse sair viva de sua aventura.

Ora, por que o Conde tinha que ser tão desprezível? Acaso testava-lhe a resistência? Espirrou forte, tendo o rosto coberto de água e os cabelos grudados a ele. Estava cansada e com frio, e nem uma luz surgia em seu caminho. Quando já estava quase se entregando ao desespero, um relincho atrás de si, fez com que voltasse seu corpo para onde vinha o barulho e visse um vulto negro correr em sua direção.

Caso sua mente já não fosse repleta de imaginação, teria se apavorado mais do que lhe era possível em tais circunstâncias. Deu alguns passos para trás em apreensão, batendo forte com a cabeça num galho — o que lhe provocou dor e uma praga proferida em baixo tom —, para em seguida sentir-se zozza e ao mesmo tempo içada para o vazio por um braço extremamente viril. Não lembrava que o cocheiro fosse tão forte, e certamente não havia mais ninguém por perto para surgir tão prontamente em seu auxílio. Queria lhe perguntar, pedir-lhe algo, mas estava sonolenta e não conseguia ver-lhe o rosto. Devia dizer-lhe que ia ver o Conde, mas tudo que sentiu foi o cheiro de chuva misturado a alecrim, e a escuridão a engoliu.



Acordou sobressaltada, suando frio e sentando-se prontamente entre os lençóis brancos de algodão, que reconheceu não serem os seus. Ouviu uma respiração calma e pausada ao seu lado e voltou-se para sua esquerda onde um homem jovem e grande — em todos os sentidos que ela pudesse ver — ressonava recostado em uma poltrona de veludo azul escura. A cabeça estava apoiada contra a mão, cujo braço seguia sustentado pelo braço da poltrona. Os cabelos caíam-lhe em cachos revoltos e escuros sobre o rosto, ocultando-lhe parcialmente as feições.

Deveria acordá-lo? — pensou, olhando o quarto confortável em que estava instalada. Apesar das paredes serem de pedras, havia uma grande lareira ao canto e muitos móveis sólidos e modernos, ao melhor estilo vitoriano. Assim bem como algumas pinturas na parede de paisagens belíssimas, que lhe chamaram a atenção. Lançou mais um olhar para o homem, ele ainda dormia pesadamente e decidiu não acordá-lo enquanto inspecionava os quadros de perto.

Escorregou para fora da cama, notando que usava sua camisola e rezando para não ter sido o desconhecido quem lhe trocara. Parou sob a primeira pintura e a observou, extasiada, era simplesmente linda com um lago cercado por verde e flores multicoloridas. Não vira nada parecido na viagem, então, possivelmente era alguma parte da ilha. E uma parte muito bonita.

— É um retrato do lado sul da ilha. — A voz que surgiu as suas costas era inflexível e potente, mas tinha algo de aveludado. Irina tremeu quando sentiu o cheiro de alecrim envolvê-la. Era o mesmo homem que a salvara.

Abruptamente ela se virou, encontrando os olhos castanhos dele intensos ao ponto de embaralhar-lhe os sentidos junto com sua beleza. Seus cabelos pareciam ainda mais revoltos, em cachos escuros à altura de seus ombros, o que emprestava-lhe um ar rústico. A pele era levemente bronzeada, provavelmente do trabalho no campo. Embora possuísse roupas muito bem cortadas, seu ar era um tanto desleixado, e a nobreza que trazia em si parecia mais um resquício de um tempo perdido, do que sua situação atual. Era bem alto e para fitá-lo, Irina tinha que manter o queixo firmemente

erguido, o que lhe proporcionava uma visão perfeita dos lábios bem delineados que estavam alinhados harmoniosamente sob uma barba bem aparada, a qual lhe emprestava certa severidade. Definitivamente era um homem que devia ser respeitado pela sua personalidade, não por aparente riqueza.

— É uma bela pintura... — murmurou enquanto sentia-o analisar cada centímetro de seu corpo. — Eu creio que deva agradecer-lhe por ter me salvo ontem à noite — ela emendou num fôlego só, sem deixar-se pensar ou esmoreceria. — Se o Conde não fosse um homem tão relapso ao ponto de enviar um coche aberto num tempo como aquele, não teria lhe causado problemas. — As sobrancelhas dele enviesaram levemente e Irina resolveu mudar um pouco seu discurso. Tinha se irritado ao lembrar-se do comportamento de seu anfitrião, que a levava ao quarto daquele homem. — Contudo, como futura preceptora de sua filha, sei que o Conde não desejava meu mal ou essas circunstâncias tão... — pensou num termo coerente. — adversas. Por isso, peço-lhe desculpas em meu nome e no dele... E se talvez, pudesse...

— Senhorita Reims — interpelou-a firmemente, calando-a e observando-a em castanhos escuros. — Agradeço por defender minha honra tão bem, mas prefiro fazê-la por mim mesmo. Não sou homem de fugir das minhas responsabilidades, creia-me.

— Perdão? — Fitou-o atônita.

Ele pôs as mãos para trás do corpo e pôs-se a andar pelo cômodo, em passos medidos e firmes.

— É verdade que lhe enviei um coche aberto — recomeçou sem fitá-la. — Contudo, é evidente que não o faria se possuísse um fechado. — Parou e olhou a outra pintura na parede oposta, que era de uma jovem loura. — Ocorre, porém, que apesar de tê-lo mandado ajeitar para sua chegada, houve um atraso em sua entrega e nada havia que eu pudesse fazer se não contar com a sorte. — Voltou-se para ela com cada músculo seu tencionado. — Talvez preferisse cavalos...

— O senhor é o Conde de Rothesay? — balbuciou, surpresa. Ele

não deveria ser mais velho?

— Sua insistência em procurar o castelo, sozinha, podia ter-lhe causado uma enfermidade séria, além de nos ter exposto sem necessidade — ralhou severamente, vendo-a baixar a cabeça. — Não devia ser mais velha?

O olhar dela se ergueu rapidamente ao dele.

— Eu digo o mesmo, milorde — respondeu altivamente.

Ele se inquietou diante das palavras dela, apertando uma mão na outra às suas costas.

— Charlotte não me disse que era uma menina — arranhou levemente sua irritação.

— Infelizmente, exceto pela idade, eu sabia exatamente o que iria encontrar — murmurou e emendou antes de lhe dar chance de retrucar: — Sinto que tenha sido um incômodo na noite passada, nota-se que foi tudo um terrível mal entendido.

— Um mal entendido? — As sobrancelhas empinaram. — Senhorita Reims...

— Irina, pode me chamar de Irina.

Ele a olhou firmemente e continuou, desviando o olhar novamente.

— Srta. Reims... apenas um mal entendido, creia-me, não me faria passar a noite inteira a sua cabeceira — determinou seco.

— Oh... — Olhou para a poltrona que ele ocupara. Não esperava que tivesse ficado ali a noite toda. Na realidade, não esperava que ele fosse o Conde. Este devia ser baixinho e insuportável... Bem, talvez o último item ainda condissesse com a verdade. — De certo poderia ter deixado que uma criada cuidasse de mim. — Empertigou-se.

Os olhos dele se voltaram aos dela intensos.

— Se eu dispusesse de uma quantidade infinita de criados, não teria pedido seu auxílio, ou melhor, de Lady Charlotte — rangeu entre os dentes, encaminhando-se para a porta. — Todavia, agora

que sei que está com a saúde recuperada, devo pedir-lhe que se componha. — Parou diante da porta para abri-la enquanto sentia Irina correr até a cama e pegar um lençol para enrolar-se. Esquecera-se completamente que estava de camisola diante de um homem que não era seu marido. Corou fortemente enquanto ele completava: — Quero apresentá-la a minha filha ainda no café. Deve descer para se unir a nós.

— Sim, milorde — assentiu solene ao ouvir a porta ser destravada.

— Vai encontrar algumas roupas que caberão em você no armário, infelizmente seu baú ficou inutilizado pela lama e a chuva. — Sua voz diminuiu um tom, como se quisesse lhe mostrar seu ressentimento pelo ocorrido. Irina sentiu o coração disparar e desviou os olhos dele. — Peço desculpas sobre isso, e faço questão de repor tudo que foi perdido.

A porta se abriu, mas antes que ela pudesse ser ouvida, o Conde já partira:

— Não há necessidade, eu...

Os verdes nos nós da madeira e o cheiro de alecrim no ar. Suas palavras se perderam no vazio.



A PRECEPTORA



Estava se questionando sobre o real motivo de ter aceitado aquele emprego e sua mente sugeria-lhe baixinho: Lady Charlotte. Mordeu o lábio em busca de controle ao mesmo tempo em que a porta se abria e uma senhora de meia idade, com os cabelos levemente platinados, entrava com as bochechas emolduradas por inúmeros cachinhos.

— É um prazer vê-la acordada, senhorita Reims — disse sob um sorriso que a levou diretamente à porta ao lado do armário onde Irina se encontrava postada. Não decidira abri-lo, mesmo com a autorização do Conde. — Soube que foi Lady Charlotte quem a enviou... — Passou pela porta, que a cabeça inclinada de Irina descobriu dar numa peça de banho, onde uma banheira e toalhas limpas, que acabaram de serem trazidas, a esperavam. Voltou ao lugar tão logo a senhora saiu do cômodo. — Esperávamos alguém com mais idade, é claro... Vou pegar os baldes de água.

A mente de Irina ainda processava os dados e pensava o que dizer, quando a senhora irrompeu o quarto, continuando animadamente:

— Claro que estou grata por ter uma jovem aqui novamente. — Passou por Irina com os baldes em mãos. — Tenho certeza de que a senhorita vai se entender com Claire rapidamente. — O barulho da água sendo despejada e os vapores de água preencheram a peça. — É uma jovem muito boa... Vai ter algum trabalho, já que estava acostumada só comigo, alguns criados e o Conde... Mas vai ser bom. — Voltou até onde Irina estava e determinou: — E então? — Secou as mãos no avental branco. — Qual vai ser?

— Ahn... — balbuciou a jovem. — Bem, eu...

A senhora passou a sua frente e abriu o armário, revelando vários vestidos. Do mais simples ao mais elaborado para um baile.

Incluindo roupas de montaria. Irina conteve a respiração. Havia peças ali caríssimas, que exceto por algumas modificações, estariam na última moda. Embora parecessem intocadas.

— Este — a senhora disse categórica, trazendo à vista um vestido de musselina azul com pequenos miosótis salmão. — É quase um clássico. — Fechou a porta, concluindo. — Depois podemos ajustar os outros ao seu gosto.

Com um gesto delicado, empurrou-a para peça de banho. Irina ainda olhava o vestido depositado sobre a cama, quando a senhora ameaçou desatar-lhe o laço da camisola.

— Deixe... — Tomou o laço entre os dedos suavemente. — Isso eu mesma faço.

— A senhorita deu sorte de milorde sair a sua procura numa tempestade daquelas...

— Bem... — Irina notou que a senhora lhe dera às costas e aproveitou para deixar a camisola correr ao chão e afundar na água quente. — Depois de um coche aberto, eu não podia esperar na chuva. Tinha que achar meu caminho.

— A senhorita é bem decidida, não?

— Pode me chamar de Irina. — A mulher se voltara para ela e seus doces olhos azuis encontraram os verdes da jovem. — Como se chama?

— Gladys — respondeu calmamente enquanto se aproximava para esfregá-la. Irina percebeu-lhe a intenção e contrapôs:

— Gosto de me ensaboar... Poderia me passar a esponja?

Um pouco contrafeita, a senhora cedeu.

— Cuido do Conde desde criança e também cuidei da pequena Claire...

— Imagino que tenha revivido todos os bons momentos com a menina.

— Sim... — Soou um tanto distante. — Claire nunca deu trabalho.

— Já milorde... — Irina sorriu e deixou a frase no ar.

— Milorde nunca me deu problemas também, exceto quando resolveu deixar a casa dos pais e viver aqui.

— Não gosta do castelo? — ponderou Irina, lavando seus cabelos.

— Gostava mais quando havia alegria nele — respondeu num tom baixo. — Deve ter notado que milorde ainda é jovem e belo...

A afirmação pegou Irina de surpresa e ela optou por uma evasiva:

— Não, não reparei.

— Mas ele o é — continuou a senhora suavemente. — Um cavalheiro, não importa o que digam em sociedade. Um homem que deveria sorrir mais, porém se enterra nessas paredes. — Um frio cobriu a espinha da jovem. A intensidade das palavras da senhora a fizeram lembrar-se da história contada por Lady Charlotte. O que devia ter acontecido de fato que levava a senhora sorridente ser tão amarga quando no tocante ao passado?

— Soube que ele amava muito a Condessa — arriscou Irina.

— Sim, ele a amou muito — confirmou a senhora. — Todo e qualquer desejo dela era satisfeito.

— É aquela moça do retrato, não é? — ponderou a jovem, sentindo que a água ao seu redor esfriava rapidamente. — A jovem loura retratada numa pintura, nesse quarto.

— Sim... — assentiu Gladys. — Era uma moça bonita e bondosa, porém sua saúde ficou muito comprometida ao ter a menina.

— Eu sinto muito por isso... — E sentia mesmo, sabia como era duro crescer sem mãe, apesar de, por algum motivo, acreditar que o Conde não tivesse deixado que nada faltasse à jovem.

— Devemos nos apressar — disse a senhora de repente. — O Conde odeia esperar e eu ainda devo pôr a mesa. Gina é incapaz de fazer isso decentemente, apesar de ser uma excelente cozinheira.

Trouxe a toalha até Irina.

— Não se incomode comigo — tranquilizou a moça, tomando a

toalha entre os dedos. — Eu ficarei bem, pode ir...

— Mas e seus cabelos? — A senhora pareceu decepcionada por segundos.

— Darei um jeito. — Sorriu-lhe complacente.

— Se você diz... — A senhora escorregou para fora da peça de banho, mas em menos de dois segundos, pôs o rosto rosado ao canto do portal, murmurando: — Há fitas de todas as cores na gaveta do toucador, e grampos também.

— Obrigada.

— Ó meu Deus... — A senhora já estava à porta. — Devo correr!

Deixando um sorriso sincero no rosto de Irina enquanto saía completamente da banheira e se enxugava rapidamente, também não queria ver o Conde irritado.



Ela olhou uma última vez o efeito da trança enrolada sob um coque no espelho do corredor. Não ficara tão bem como Gwen faria, mas servia, e o vestido ficara perfeito. Nada de azul, afinal não estava ali para um piquenique, mas sim como preceptora e dama de companhia de uma jovem a quem estava prestes a conhecer. Em meio a roupas mais sóbrias, como as que encontrara no fundo do armário, dobradas, sentia-se apresentável para seu papel. Era filha de um clérigo, afinal — fitou seu reflexo, decidida — acostumara-se à discricção.

Apertou as bochechas pálidas para ficarem um pouco coradas e respirou fundo. Aquele era o corredor mais sombrio em que já estivera. Era longo e de pedra, revestido com várias tapeçarias e brasões. Havia duas armaduras ao fundo, junto aos vitrês, e algumas pinturas do século XV. Era extremamente frio em todos os sentidos. Irina esfregou os braços desnudos e se preparou para descer a imensa escadaria.

Para sua surpresa, o primeiro andar do castelo nada lembrava o andar superior. Ali, todas as paredes haviam sido revestidas com painéis de madeira escura, dando um ar de aconchego e lar. O salão onde a escadaria terminava era amplo e todos seus móveis eram em estilo vitoriano, nada parecido com os móveis antigos de seu quarto.

Havia uma lareira como uma cornija feita de pedra escura e a pintura de um jovem apoiado contra ela, vestido num belo traje de noite. Irina se aproximou um pouco mais e seus olhos se alargaram, paulatinamente, sobre o quadro. Ali estava o Conde, em sua juventude... E sim, ele era ainda mais bonito com seus cabelos devidamente bem cortados, curtos e aqueles olhos escuros e penetrantes. Os ombros eram largos, os quadris estreitos, porém com braços e pernas muito bem torneados. Era um perfeito atleta, abafou um suspiro no exato momento em que sentiu alguém atrás de si, fitando-a.

— Senhorita Reims... — ele sentenciou firme, e Irina quase desabou no chão. Será que leria a fascinação em seus olhos caso o encarasse? — Srta. Reims — sou mais severo que a primeira vez. — Eu devo insistir que terá tempo para bisbilhotar todo o castelo depois, o café está esfriando...

A simples menção de que ela estivesse xeretando por aí, fê-la virar com os olhos verdes cintilantes.

— Eu não pretendia *bisbilhotar nada* — frisou o termo sugerido por ele. — Contudo, confesso que o homem nessa pintura chamou-me a atenção por parecer tão diferente de milorde. Um homem que, certamente, não seria descortês com sua convidada.

Uma mínima crispada de lábios precedeu a fala do Conde:

— Talvez, Srta. Reims, se houvesse me conhecido mais jovem, tivesse desfrutado dos bons modos que só uma sociedade hipócrita como a nossa dispõe... — Fitou o retrato, desprezando-o. — Contudo, terá que se satisfazer, por um tempo, com o homem que sou... — Baixou o olhar até ela e ofereceu-lhe o braço. — Um homem que não tolera atrasos e é avesso à companhia e festas... Mas, ainda assim, um homem decente e que pagará uma boa

quantia pelos seus préstimos. — Sorriu-lhe de canto. — Permita-me?

Com uma pequena ruga na testa, Irina aceitou o braço ofertado e entrou na sala de refeições guiada pelo homem alto ao seu lado. O cavalheiro cujo cheiro de alecrim a atormentava. Que se vestia de modo impecável, porém casual, e ainda assim estava perfeito.

Um homem que, definitivamente, tirava-a do sério!



Irina entrou na ampla sala de refeição acompanhada do Conde. A senhora Glayds estava a um canto, servindo uma moça de seus quinze anos, cabelos louros cacheados bem penteados, e que se ergueu da cadeira assim que eles se aproximaram.

— Claire — sentenciou o Conde enquanto dirigia-se à cabeceira da mesa de vinte lugares. Apesar dos painéis de noqueira forrando as paredes, os móveis daquele recinto guardavam muitos séculos de uso, mesmo se mantendo sólidos e terem longos entalhes a sua borda e aos pés, em forma de garras. — Essa é a senhorita Reims, sua preceptora.

— Muito prazer... — Irina prestou-lhe uma curta reverência — Lady Hattway.

— Somente Claire — disse sob um sorriso enquanto se sentavam. Irina à esquerda do Conde, em frente à Claire. — Estava ansiosa por conhecê-la, principalmente depois de sua coragem em enfrentar nosso bosque de pinheiros à noite. Ele me dá arrepios — a jovem concluiu sincera. — E, bom, papai ficou preocupado quando pensou numa senhora perdida em meio aquela chuva, mas obviamente estávamos enganados ao pensar que possuía uma idade avançada... — Deixou seus olhos castanhos sobre o pai.

— A senhorita Reims já aprendeu a lição. — Voltou seu olhar a Irina severamente. — Não devemos nos aventurar em terreno desconhecido.

Ela servia-se de um pedaço de bolo de aveia quando murmurou um tanto envergonhada:

— Creio já ter pedido desculpas pela minha impertinência, milorde.

— Ora, papai... — Claire saiu em seu socorro. — Eu também não me conteria embaixo daquela tempestade.

— E é exatamente por isso que a senhorita Reims está aqui — sentenciou seco. — Para lhe ensinar a ser uma dama, embora eu já não tenha tanta certeza de sua diligência a esse respeito.

O pedaço de bolo arranhou a garganta de Irina e ela teve dificuldade em fazê-lo completar seu caminho com o pouco de chá sorvido. Digeria nesse momento não só as palavras irritantes dele, como também seu ímpeto de se erguer e deixar a sala. Isso só pioraria as coisas, e o poria em vantagem e cheio de razão.

Certamente era um teste, e passaria por ele com louvor. Partiu mais um pedaço do bolo.

— Penso que ao se reportar a Lady Charlotte, certamente confiava em seu discernimento e discrição sobre o assunto. — Olhou-o fixamente. — E posso lhe assegurar que não ousou fazê-la passar por qualquer constrangimento por alguma falta minha.

O Conde se pôs de pé, de súbito, o que fez Irina pensar que teria falado demais e não respeitado o fato dele ser nobre, mas ele somente desviou seu olhar e bebeu o resto de seu chá, aproximando-se da filha e beijando-lhe a testa.

— Eu louvo em saber disso, senhorita Reims. — O colete creme assentava-se muito bem em seu corpo, assim como as calças escuras. Ela desviou o olhar quando o valete dele aproximou-se com a jaqueta azul, que compôs um belo visual ao Conde. — Não volto antes do jantar, então espero que até lá, já tenham com o que me convencer que milady estava certa ao enviá-la para mim.

Irina se empertigou enquanto o via sair pela sala e anotava mentalmente: não fui enviada para você... *Arglwydd Earl* (Senhor Conde).

— Fala galês, senhorita Reims? — A observação fê-la voltar seu olhar, que acompanhara o Conde, para Claire.

— Sim... Lady Charlotte me ensinou.

— Ela deve ser uma mulher fascinante, papai não gosta muito de falar de sua família — explicou a jovem. — Porém, quando fala de milady, não sinto o mesmo rancor em sua voz.

Por algum motivo, sentiu uma ponta de inquietação em seu coração.

— De fato, Lady Charlotte é uma dama como poucas — assentiu Irina.

— Espero conhecê-la em minha apresentação. — Os olhos castanhos brilharam felizes. A jovem devia estar contando os dias para o evento... E ela tinha muito trabalho a fazer. Faltavam apenas seis meses para a temporada.

— Certamente a conhecerá, e ela ficará encantada.

Ambas sorriram uma para outra e terminaram o dejejum em silêncio. O resto da manhã, entretanto, foi reveladora. Irina conseguiu medir quase todos os conhecimentos de Claire. Ela entendia muito de matemática, história e filosofia, e adorava ler. Tinha uma caligrafia adorável. Pintava e tocava razoavelmente bem... Sua fraqueza era o canto e a dança, e talvez o excesso de sinceridade que havia em seu olhar e sua língua, que podia ser afiada com a lâmina de uma espada.

Durante o almoço, já conversavam como velhas amigas, isso de certo se devia a ausência do Conde, e foi uma pergunta que não tardou a partir dos lábios de Irina:

— Seu pai costuma ficar ausente do castelo muito tempo?

Claire ponderou sua resposta, e quando a deu, um sorriso escapou-lhe dos lábios.

— Ele é um pouco assustador, mas quando o conhecer melhor verá que é um homem adorável.

Irina não conseguiu achar que aquela era a melhor palavra para definir o Conde, mas nada revelou, apenas contrapôs:

— Não quero conhecê-lo melhor.

— Ele foi tão ruim assim, cuidando de você? — A menina a fitou curiosa, percebendo que Irina franzia a testa. — Sabe papai, há muito, não tem companhia feminina sob o mesmo teto. Exceto eu, Glayds e Gina. — Soltou uma gostosa gargalhada que mostrava a menina que era por trás daquela determinação em ser uma jovem Lady. — Temo que não seja esse tipo de companhia que um homem deseje. Minha mãe morreu muito jovem e ele se dedicou a mim e a seus arrendatários. E, claro, às funções de Conde, mas nada além.

— Não deveria falar desse jeito do seu pai — ponderou Irina, evitando corar. Devia começar a ensinar que certas coisas não devem ser reveladas, nem aos mais íntimos.

— O quê, por exemplo? — As sobrancelhas bem feitas dela empinaram.

— Primeiramente, uma jovem dama NÃO sabe o que um homem deseja ou não — salientou Irina.

— Ora, mas os romances e tudo que tenho visto de papai sugerem...

A mão de Irina foi ao ar, calando-a.

— Basta! — Olhou-a severamente. — Você nunca esteve com um homem, esteve?

Houve um sobressalto por parte da jovem e sua mão foi ao coração.

— Ó, claro que não! Meu pai me mataria! — Os olhos verdes dela tremeram. — Além do que não há nem criados jovens aqui no castelo, e eu não tenho permissão para deixar a propriedade.

Essa revelação surpreendeu Irina. Como ela poderia se portar em público, se nunca estivera fora daquelas paredes?

— Verei o que consigo a respeito... Porém, deve guardar todas as impressões de seu pai, para si mesma — ponderou Irina. — Principalmente o que diz respeito a sua vida amorosa e seus negócios. Deve se limitar em revelar o quanto é generoso e amoroso consigo. — Houve uma pausa enquanto a via assentir brevemente.

— E ele o é, não é mesmo?

— Sim, ele é tudo para mim. — Os olhos dela brilharam. Claire amava o pai cegamente, notava-se.

— Então, deve se limitar a poucas ponderações e demonstração de afeição pública exagerada. Uma moça que fala demais é considerada tola, a inteligência é algo a ser cultivado no íntimo de sua alma, para ser revelado para poucos que saibam apreciar, e quando deva ser enaltecido.

— E como saberei o momento certo?

— Você entenderá melhor quando enfrentar a sociedade. Verá que muitas vezes o silêncio será seu maior aliado, até mesmo para evitar certas companhias indesejáveis.

Irina lhe sorriu, pensando em Gwen.

— Como são os salões, Srta. Reims?

Não era uma pergunta com que contasse, nunca estivera num, mas cansara de ouvir Lady Charlotte falar sobre a enfadonha tarefa de entreter convidados, e improvisou:

— Em sua maioria são luxuosos, com belas damas dançando em seu interior. Há sempre jovens garbosos prontos a entretê-las, música boa e muito falatório.

— Parece divertido — sugeriu a jovem.

— De certa forma, sim — devolveu Irina. — Mas sempre se deve estar atenta aos intentos dos homens, saber demovê-los no momento oportuno e se resguardar, ficando sempre à luz das velas.

— Oh, entendo. — Os olhos castanhos piscaram maravilhados. — Senhorita Reims, estou tão grata que tenha vindo! — Levantou-se da cadeira em que estivera sentada no salão principal, a abraçou, e completou num sussurro: — E que não seja tão velha quanto Glayds e Gina.

Com carinho, Irina aceitou o abraço.



O dia tinha sido cansativo, após o almoço, Claire havia mostrado a Irina a biblioteca e não havia nada que a fascinasse mais do que livros, e aquela possuía milhares deles. Eram estantes e mais estantes que cobriam as paredes do amplo salão, de cima a baixo, repletas de livros. Preciosidades que deviam estar ali há centenas de anos.

Enquanto devorava, em olhos, cada volume, a jovem lhe dizia:

— Meu pai fica muitas horas de seu dia aqui. — Andou até a mesa sólida ao fundo. — Escrevendo...

— Achei que costumasse passar o dia fora — ponderou Irina, voltando ao assunto que não conseguira abordar durante o almoço.

— Ele cuida de perto dos arrendatários, isso é verdade — continuou Claire. — Mas isso porque muitos foram expulsos de suas terras e recebemo-los aqui... Então, durante a semana, é comum vê-lo inspecionando cada cantinho da ilha e resolvendo algum problema.

— Quando fui enviada para cá, disseram-me que era um homem recluso e vivia praticamente em função de sua filha — contrapôs Irina. — Não foi essa a impressão que tive quando o vi, nem a que sugeri quando partiu após o dejejum.

— Isso a decepciona? — interpelou-a, a jovem.

— Não, de forma alguma — prosseguiu com cuidado. — Nem devo julgar quem me emprega. — Acrescentou um sorriso a sua fala. — Só me surpreende.

— Não sabe o quanto a sua presença aqui, é para mim uma surpresa e uma satisfação — determinou Claire. — Quando lhe sugeri que chamasse alguém para que pudesse servir-me de companhia em sociedade, jamais pensei que o fosse aceitar sem retrucar ou impor condições. Acho que esse foi o motivo pelo qual pensei que requisitaria uma senhora.

— Ora... Então o Conde é um homem misterioso — concluiu Irina sob um novo sorriso.

— Eu diria surpreendente... Não lhe parece mais certo?

— Não o conheço o suficiente para saber o que é ou não certo afirmar em relação a sua personalidade.

— Sim, de fato... — Claire a estudou com cuidado. — Contudo, posso dizer que há diferenças entre o que dizem e o que realmente o é.

— Assim parece.

— Meu pai diz que a sociedade é hipócrita, e por isso nada quer ter a ver com ela novamente — acrescentou com certo pesar. — Disse que quando fazia o que era errado e cultivava maus hábitos, olhavam-no com cumplicidade; mas bastou tentar fazer o certo, e foi execrado.

— Seu pai tem razão, em parte, creio que todos sejamos cruéis quando o que acreditamos é posto em juízo e partimos em sua defesa. E, pelo que me conta, ele gostaria de lutar contra uma sociedade inteira.

— Acha que agiram certo ao fazê-lo, senhorita? — indagou Claire num tom decepcionado.

— Não, acho que o fizeram por acreditar em demasia no seu próprio julgamento.

— Ah, sim... Agora o vejo. — Irina pode sentir o coração dela voltando a bater calmamente. — Porém, não creio que um dia os desculpe.

— Fará... — Irina andou até a mesa onde Claire se postara e ergueu-lhe o queixo. — Quando tiver que lhe entregar a um homem, o fará. Creia em mim.

Os olhos dela brilharam.

— Queria que papai amasse de novo, creio que lhe faria um bem redobrado. — Os cílios longos piscaram repetidamente. — Não o acha atraente ainda?

A pergunta colheu Irina de surpresa, e ela buscou se concentrar nos papéis sobre a mesa.

— Não sei dizer...

— Não é possível — retrucou a jovem, empenhada em extrair-lhe uma confissão. — Viu-o de perto, falou com ele... Sei que pode parecer bruto com seu aspecto desleixado, mas se o visse arrumado. — Claire engoliu em seco. — Se o visse sem sua aparente estranheza.

— Creio que basta por hoje — Irina arfou. Cada palavra da jovem trazia mais calor ao seu rosto. Certamente a beleza e presença do Conde não lhe passaram despercebidas, porém era inconcebível admiti-lo em alto e bom som. Não viera ali para isso, e duvidava muito que o fazendo, mudaria seu comportamento. — Desculpe-me milady, eu não pretendia ser grosseira. É só, que...

— Deixe, Srta. Reims... Eu fui extremamente indelicada. — Baixou os olhos ao chão. — Espero que me perdoe. Tudo o que tenho é meu pai, e em tudo ele tenta me fazer feliz. Gostaria que os outros o vissem como o vejo, mas compreendo que ele apenas o é assim para mim... E nada há que fazer para mudar isso. — Passou por Irina em passos largos. Os olhos quase desabando. — Perdoe-me mesmo.

Numa curta mesura, se foi, deixando Irina sozinha na biblioteca. Seu peito subia e descia com muita facilidade. Não estava chateada com Claire, mesmo que achasse suas perguntas um tanto peculiares, mas sim consigo mesma, por ver suas ponderações sobre o Conde expostas de forma tão óbvias. Encaminhou-se para junto dos vitrôs e recostou-se nos painéis para se acalmar. Aos poucos, aquietou-se, e sua atenção foi capturada pelos maços de papéis espalhados sobre a superfície polida de nogueira.

Com cuidado, espalhou-os mais um pouco, numa posição que lhe desse acesso ao que estava escrito. Olhou uma vez na direção da porta, afim de que tivesse certeza de sua solidão no salão. Dessa forma, voltou os olhos verdes às folhas, rapidamente.

Não podia dizer que fosse algo incomum, a julgar pela letra, eram

pensamentos do Conde. Porém — afastou-os ainda mais, estreitando suas sobrancelhas sobre eles —, não eram quaisquer um, falavam sobre a Condessa. A mãe de Claire. Sem dar muita importância ao que estava fazendo, puxou a cadeira e sentou-se para satisfazer sua natural curiosidade. Não demorou muito, para correr os papéis em mãos e sentir nas palavras do Conde o quanto amava a mulher. Era quase palpável, a aflição que ele sentiu quando a Condessa morreu. Seus passos no corredor, de um lado para o outro, esperando a saída do médico. O desespero quando este lhe tirou qualquer tipo de esperança.

As lágrimas formaram-se nos olhos de Irina. Levou a mão à boca na esperança de abafar um soluço. Sofria com ele, queria gritar como ele dizia que gritaria... E quando a última linha chegou, no momento em que deixava a casa à procura de ar, de se perder na escuridão da noite, Irina sentiu o peito doer e saiu correndo da biblioteca.

Não ajeitou nenhum papel, não olhou para trás. Cruzou o corredor como uma flecha e subiu para o quarto. Quando fechou a porta de seu aposento atrás de si, as lágrimas escorreram. Podia um homem amar com tal intensidade?

Lembrou-se dos traços do Conde, de como se escondia sob a barba rala e os cabelos desgrenhados, mas sem abandonar completamente a postura de nobre. Era um homem atormentado pela esposa que o deixara tão jovem. Um amor tão lindo... Sufocante.

Fitou a mulher louca sobre a cornija. Teria o amado da mesma forma? — questionou o retrato, que nada lhe respondeu. Algum dia seria amada daquela maneira? Entendia Claire mais do que pensara ser possível, quem olhasse o Conde com os olhos voltados apenas à aparência, não discerniria o homem por trás da derrota. A derrota de ter perdido o amor de sua vida.

Infelizmente, a descoberta não fez Irina tornar-se alerta sobre o Conde. Muito pelo contrário, determinara-se a retirá-lo daquele desespero. Ele já estava há muito tempo sob aquela provação. Era

um homem jovem e, como Claire também desejava, merecia viver.

Quando deitou aquela noite, Irina não dormiu. Agitou-se, praguejou diante da escuridão e da falta de sono, e às duas horas da manhã, levantou-se da cama. Vestiu um robe, pegou uma pequena vela — que já queimara a metade — e saiu para o corredor. O castelo estava imerso em silêncio, e bem devagar, desceu as escadas.

Caminhou até a biblioteca, a luz bruxuleante da vela desenhando imagens deformadas nas paredes. Tão logo se encontrou contra a porta do cômodo, notou que uma luz fraca escapava-lhe pelo chão. Suprimiu a respiração e, quando já pensava em voltar, colidiu com algo rígido.

Algo extremamente sólido e quente, que lhe soprou:

— Deseja algo, Srta. Reims?

O peito largo coberto pelo colete brocado devia lhe servir de aviso, mas Irina estava incapacitada de responder. As palavras dele giravam em sua mente e o cheiro de alecrim contribuía, e em muito, para sua confusão mental.

— Sente-se bem, Srta. Reims? — A nova intervenção a fez erguer o olhar e encontrar seus olhos castanhos.

Precisou apenas ameaçar responder-lhe, que a vela apagou e ficaram ambos no escuro.

Ela tremeu, sem sair do lugar. Tinha medo que um passo a colocasse nos braços do Conde, mas também tinha consciência que estava entre ele e a porta, e só havia luz do outro lado. Não teria como voltar ao seu quarto no escuro, o caminho era cheio de objetos e podia conceber um dano irreparável a alguma peça de valor. Desesperada, voltou-se à maçaneta, forçando-a.

Deus sabia como era necessário entrar e lançar luz àquela cena, e na avidez largou a vela apagada no chão. Contudo, a maçaneta não cooperava. Parecia emperrada ou qualquer coisa semelhante. Quando seus nervos ameaçaram fraquejar, um par de braços fortes correu sobre os seus, seguindo-se a ele um corpo sólido que a

imobilizava contra a madeira enquanto murmurava-lhe ao pé do ouvido:

— Por favor... — era baixo e medido, mas arrepiava cada pelo da nuca de Irina. — Não queremos que qualquer criado ou mesmo Claire apareça numa situação dessas. — Um dos braços passou novamente pelo dela, colocando-se entre seu corpo e o do Conde, enquanto tateava algo sobre o tecido do roupão, exatamente na altura de seus quadris. As pernas de Irina fraquejaram, um calor absurdo invadiu-lhe o rosto e sua respiração acelerou até quase fazê-la gemer em voz alta. — Aqui está... — sussurrou, fazendo o braço correr sobre o seu, novamente, e colou seus lábios a sua orelha. — Como lhe dizia, seria difícil explicar como nós dois estávamos no escuro em roupas um tanto quanto sumárias... — O barulho do trinco preencheu o ar e a luz das velas, no interior do cômodo, assaltaram os olhos de Irina, fazendo-a protegê-los com uma das mãos enquanto o Conde passava por ela e entrava na biblioteca. Sem sequer olhá-la.

Sentindo-se uma tola, Irina ajustou seu robe e continuou parada sob o portal, vendo-o se encaminhar para a mesa, onde havia — além dos papéis — uma garrafa e dois cálices. Naquele momento, ela percebeu que o Conde também estava com robe, porém aberto. Ali fazia muito frio, ainda que a lareira estivesse acesa. Era um cômodo muito grande.

— Entre, Srta. Reims — ordenou enquanto enchia os dois cálices. — E feche a porta, sim. Não queremos que nos ouçam. Não ia querer ter a reputação arranhada por um homem que mal conhece...

Um frio invadiu-lhe a espinha.

— Talvez seja melhor eu voltar...

— Sem uma vela? — Ergueu os olhos castanhos e fitou-a. — Não é prudente. Encoste a porta e sente-se um pouco. — Indicou-lhe a cadeira à frente da mesa. — Aproveite e me conte como foi sua tarde com minha filha.

Por segundos lembrou-se do amor dele pela esposa e sentiu-se uma intrusa ali, tola e impertinente. Obedeceu-o no instante

seguinte.

— Tome... — Estendeu-lhe o copo. — Se não consegue dormir, como eu, o porto lhe fará bem.

— Eu não costumo beber...

Segurou o cálice entre os dedos, incerta.

— Apenas um copo não lhe fará mal, confie em mim. — Sorriu-lhe e levou-o aos lábios.

Ela o imitou e sentiu um calor invadir-lhe as estranhas. Retirou-o rapidamente dos lábios, vendo que ele reparava em sua reação.

— Tem uma bela coleção aqui — desviou o assunto.

— Já a havia visto? — interpelou-a no mesmo segundo.

— Sim, essa tarde. — Sorveu mais um pouco do porto. — Claire me trouxe... — Pousou o cálice na mesa e andou até as estantes tocando alguns volumes com as pontas dos dedos. — Há cada exemplar aqui... — Suspirou.

— Demorei alguns anos para reuni-los... Estavam em várias residências que os Condes e Duques de Rothesay usaram antes de mim.

— Achei que todos tivessem feito de Rothesay seu lar...

— Só os loucos... — A sentença a fez se virar e fitá-lo atentamente. Sorriu-lhe de canto. — Como eu — completou, servindo-se de mais um cálice. Quando terminou, aproximou-se dela. — De qual gosta mais?

— Ah, não sei... Todos esses clássicos — determinou em puro êxtase. — Como escritora, sou amante de qualquer letra.

— Então, escreves?

— Sim, poesias. — Seus olhos brilharam de contentamento. — Não ousou mostrar a ninguém. Claro não tem tanto sentimento quanto sua escrita...

— Como?

Ela ouviu os passos o levarem para longe e soube que havia cometido um erro ao comentar que o lera.

— Perdoe-me, milorde... — Voltou a fitá-lo, mas o semblante dele já endurecera o suficiente para mantê-la longe. — Achei que era um livro como outro qualquer... E não conheço muitas pessoas que escrevam... Eu só...

A vela o fazia ainda maior quando imposto sob sua luminosidade. E um rosnado a atingiu imperiosamente:

— Saia!

— Milorde... — Irina tentou uma última vez, mas a raiva dele transbordou violenta.

— Eu mandei sair!

O peito dela se comprimiu, os olhos verdes nublaram e, sem olhar para trás, correu para seu quarto aos tropeços, quase caindo nos degraus.

Enfiou a cabeça entre os travesseiros assustada, encolhida sob o lençol. Se havia uma chance de terem se aproximado para uma conversa, se perdera na fúria das palavras que despejou contra ela. Na intensidade com que a mirava decepcionado... Como podia ter achado que conseguiria livrá-lo da solidão? Era apenas uma tola!

Sob soluços, adormeceu.



ROTHESAY



A manhã seguinte acordou nublada e com o céu ameaçando desabar a qualquer instante sobre suas cabeças. Sentia cada músculo de seu corpo protestar pela noite mal dormida. Tinha plena certeza de que não dormira confortavelmente na ampla cama do quarto da Condessa. As palavras do Conde ainda naquela madrugada, transbordavam em sua mente, e diante disso, sentia-se indisposta em fazer o jejum juntamente com ele e sua filha.

Refletia suas ações, rolando na cama de um lado para o outro, notando que tal ato não a levava à conclusão nenhuma. Achou aquilo temerariamente ridículo. Era certo que se comportara mal, porém também o era, dizer que o Conde havia se portado ainda pior, enxotando-a da biblioteca com a um animal repugnante. Jamais esqueceria seu olhar — intenso e decepcionado — mesmo que lhe imputasse parte da culpa pela noite terminar tão tensa entre eles.

Assim sendo, ciente de que sua ausência na sala de refeições provocaria mais complicações indesejáveis, fez sua toailete e desceu. Não era tão tarde como pensara ao acordar, e isso se refletia num tom levemente arroxeadado sob seus olhos. Desejava ardentemente que o Conde não a notasse e não houvesse comentários a esse respeito, pois não tinha pensado em alguma resposta própria.

Contudo, seus receios foram desfeitos quando entrou no salão de refeições e somente Claire estava à mesa. O conde teria saído tão cedo? — não pôde evitar pensar enquanto se aproximava de seu lugar e era recebida com um sorriso por parte da Lady.

— Teve uma boa noite de sono? — a pergunta foi tão inevitável quanto o olhar de cobiça destinado a ela para saber a resposta.

— De certa forma... — Irina ponderou o que dizer conforme se servia de chá e leite, sem açúcar. — Desde que me sinto melhor, pergunto-me se não há na casa, e não me entenda mal por isso,

outra acomodação que retenha menos luxo.

— E com que propósito a solicita? — Certamente podia ouvir o Conde interpelá-la daquela maneira, mas não a jovem. E ergueu seus olhos verdes para ter certeza de que ele não surgira no cômodo como que por mágica. O que, por certo, resultaria num evento ainda mais desconcertante, admitia.

— Aquelas não são acomodações desejáveis para alguém de minha posição — disse com certa suavidade, visto que os olhos da jovem estavam repletos de preocupação e não desdém, como seriam os do Conde.

— Oh... — Num impulso, Claire esticou o braço sobre a mesa e pôs sua mão delicada sobre a de Irina. — Não queríamos constrangê-la, Srta. Reims. E penso que talvez eu mais do que qualquer um seja a culpada de seu infortúnio. Quando aqui chegou, inconsciente... E sei que assim também pensou meu pai, apesar de não expô-lo da mesma forma que eu, não a quis deixar num quarto escuro e mofado. — A jovem soltou um longo e resolutos suspiro antes de concluir: — Cheguei a fazer uma breve observação de que não possuímos muitos empregados, então nem sempre os quartos estão à disposição das visitas, porque também é fato que não as recebemos com frequência. Então, espero que me perdoe por pensar em seu conforto num momento em que não parecia capaz de discernir o que lhe ia melhor. — Apertou-lhe a mão embaixo da sua em busca de compreensão. — Pode me perdoar?

— Talvez, se tivesse atentado a todos esses detalhes, não teria sido tão estúpida para lhe confrontar com tamanhas bobagens... — ponderou com sinceridade. — Sou eu quem lhe deve desculpas pela minha insensibilidade.

Um sorriso se formou no rosto bem feito e claro de Claire. Iluminando-o completamente.

— Não porei reparo em suas considerações, se puder desfrutar do quarto agora que qualquer receio foi afastado. — Os olhos castanhos brilharam. — Acha que pode fazê-lo?

Alguma coisa dentro de Irina se inquietou, tinha ouvido a opinião

de Claire e aceitava, mas não estava suficientemente crédula de que, após a noite anterior, o Conde mantivesse sua benevolência para com ela. Não pôde evitar, portanto, a pergunta que lhe escapou certa dos lábios:

— Acha que seu pai concorda com o que diz?

— Levo toda fé que sim, pois foi ele quem bradou primeiro, que fosse levada para lá... E, desde então, não fez objeção qualquer que assim permanecesse.

— Gostaria, eu mesma, de poder ouvir-lhe dizer isso — murmurou. — Não que ponha em dúvida sua intenção, ou a dele, mas sou obrigada a levar em consideração meu senso de dever quando estou aqui a trabalho.

Claire lhe sorriu complacente.

— Pois receio que terá que se bastar com minhas prerrogativas, no momento. Papai partiu ainda essa manhã para casa de minha avó... — Os olhos dela baixaram enquanto sua voz também exprimia certo pesar. — Não sei quando retorna.

Vendo a cortina loura encobrir-lhe o semblante, sentiu um aperto no peito que logo foi transformado numa pergunta delicada:

— Há algo que eu possa fazer?

Aos poucos a jovem ergueu seus olhos e dois fios translúcidos escorreram pelos cantos de seu rosto.

— Nunca a conheci, Srta. Reims... — Havia mais que pesar naqueles olhos de um castanho poderoso; havia um fio de tristeza ameaçando quedar-se em mil contas. — Ela nunca o permitiu, assim como meu pai.

Irina não teve outra reação senão a de se levantar e a enlaçar pelos ombros, amparando-a contra sua cintura e acariciando-lhe os cabelos.

— De certo ela contava estar em melhor condição para vê-la... As pessoas de idade sofrem muitas indisposições.

— Gostaria de pensar assim... — Fungou suavemente. — Mas nunca criei falsas expectativas sobre minha avó. Mesmo que

gostasse de pensar nela desta forma, sempre foi claro que não me tinha um pingão de amor ou carinho.

— Não diga isso. — Apertou-a forte contra si, sentindo-lhe o corpo estremecer. — Não o fez por não conhecê-la, deve haver explicações razoáveis para isso.

— E há... — Seus olhos encontraram os de Irina sérios. — Lady Hattway jamais gostou de minha mãe, sequer deu sua bênção para meus pais, que se casaram em uma reunião bem íntima.

Os lábios de Irina se separaram surpresos, porém sem processar palavras. Como haveria de colocar panos quentes nisso? Não tinha a mínima ideia de porque assim procediam os Hattway ou qualquer outro amigo do Conde, que por intermédio de Lady Charlotte o sabia tê-lo reprovado também... Mas as circunstâncias exatas, fora talvez a ausência de berço no nascimento da Condessa, eram-lhe desconhecidas.

— Ora, minha querida... — Foi difícil emprestar segurança às palavras quando ela mesma não a tinha. — Se o chamou, é certo que seja por estar perto de seu debute, e quem sabe, ela mesma não a queira levar a Londres? — Não lhe soava convincente, não mesmo.

E não soou à moça, que retrucou:

— Não me fiz entender, Srta. Reims... Não há um pingão de consideração por mim envolvido na mensagem que chegou para papai — ela foi obrigada a tomar ar para prosseguir concisa: — Vovó está à beira da morte, não lhe resta muito tempo, porém é impreciso dizer o quanto. Mandou-o chamar por ser o único herdeiro. Não havia mais quem levar a sua cabeceira... Nenhum parente vivo. Exceto, talvez Lady Charlotte, mas esta é tão somente sobrinha de seu marido.

Sem conseguir se conter mais, a menina rompeu num choro frenético.

— Escute-me com atenção, Claire... — Ergueu-lhe o queixo com força. Estava determinada em trazer paz ao coração da jovem, ou qualquer conforto que pudesse oferecer. — Seu pai não a perdoaria

se a visse tão magoada assim. Não foi para isso que se enfiou nesse castelo para criá-la com toda distinção e carinho que pôde. Esse não é o tipo de retribuição que espera.

— Mas se eu não existisse, Srta. Reims... Ele não padeceria vítima de seus passos errados da juventude.

— Ora, deixe de sandices! — calou-a com a força com que ditou as palavras. — Não sinta pena de si mesma, porque ninguém o teve! Não conheço a Baronesa de Windsor ou o que a levou tomar suas posições, mas manter-se tão intransigente por tantos anos, resulta somente numa prova de um coração de pedra.

Claire sorriu timidamente.

— Torna-se fácil quando dito por ti...

— Aposte que o diria pessoalmente, se o pudesse — determinou sob um tom de troça. Claire voltou a sorrir. Se levasse a sério sua afirmação, também levaria o fato de que era tão digna de reprovação por parte da Baronesa quanto a Condessa. E, por certo, não poderia lhe servir de dama de companhia. Pensar nisso era perturbador, sob qualquer ângulo.

— Sinto-me melhor, Srta. Reims — agradeceu sincera. Obrigada.

Estava feliz de ter afastado a ruga de preocupação da testa de Claire. Sentia que — em parte — havia se dissipado a má impressão sobre a reação do Conde na noite anterior. Algumas coisas faziam muito sentido, como por seus sentimentos em palavras e como seus gritos na biblioteca, expulsando-a. Pensando melhor, teria agido da mesma forma, se por tantos anos tivesse que se reprimir, sem ser aceito por ninguém, exceto pela filha e alguns criados.

Nem mesmo a mulher por quem lutara, estava ao seu lado. O coração de Irina se estreitou, não havia amigos e tinha certeza de que certas coisas eram impróprias de se conversar com a filha.

Por outro lado, não o via sentando junto aos seus arrendatários, por mais que simpatizasse com os de classe inferior, e procurando entre eles alguém que o ouvisse. Era uma cena risível e deplorável. Era um Conde, ademais.

Um solitário Conde — ponderou.

Irina obrigou-se a não pensar nisso, deveria continuar suas tarefas e fazer de Claire uma dama da qual ele se orgulhasse, seus olhos verdes brilharam. Na verdade, queria que ela agisse como uma dama impecável, que arrebatasse o fôlego de homens e mulheres apenas com sua presença, como seu pai antes dela.

Esse seria seu melhor pedido de desculpas ao Conde.

— Devemos voltar às aulas de canto... — Piscou-lhe o olho. — Quando seu pai voltar terá muito que se orgulhar de você. Daqui a seis meses será a dama mais cobiçada de toda Londres!

E, dizendo isso, caminhou para a porta da sala de refeições seguida pela jovem. Ambas extremamente confiantes no que fariam.



Aquela havia sido uma longa noite — ponderou, acomodado dentro de sua carruagem particular. Ia com os olhos cerrados sob a cartola preta. Não dormia em viagens, muito raramente deixava-se cochilar, e a altercação com a Srta. Reims naquela madrugada o incomodava.

Quando sua prima, Lady Charlotte, oferecera-lhe ajuda para a situação social de Claire, sua filha, jamais imaginara que se dispusesse a enviar alguém tão jovem. Não que isso fosse prova de que a mulher em questão não estava à altura de desempenhar o papel de uma dama de companhia... — Raios! Inquietou-se no assento de veludo. Não era sequer uma mulher feita! — Sua mente novamente protestou, deixando-o entregue às lembranças da noite anterior, quando novamente a presença perturbadora da jovem o tornou intrigantemente perverso.

Um sorriso brotou-lhe nos lábios encimado pela aba da cartola, quase o ocultando enquanto repassava mentalmente as condições fatídicas da cena. Havia ficado na biblioteca ajeitando alguns papéis

que deveriam estar em dia na sua ausência. Não contava ser chamado por sua mãe, nem ter que comparecer em sua presença tão cedo. Lady Hattway tinha deixado muito clara sua posição em relação ao Conde, não bastasse ouvir do próprio pai que o deserdaria, caso levasse a ideia do casamento adiante.

Nunca, depois de toda aquela discussão, lhe passou pela cabeça a menor possibilidade de que não o tivesse feito. Seu pai era um homem severo. Um homem a quem não se devia negar nada... Porém, Thomas lhe negara. Seu único filho não lhe dera herdeiros, nem os daria — fora exatamente isso que bradara para que até mesmo todos os empregados ouvissem. — E, se a natureza o permitisse, não seriam Hattway!

Todavia, a julgar pela carta de sua mãe, o velho só bradara. Nenhuma linha de seu antigo testamento fora mudada. Isso já era o suficiente para ter tirado o Conde do prumo quando passou os olhos pela mensagem. Há quatro anos, quando o pai morrera, se negara a ir ao enterro. Sequer enviara uma mensagem à viúva, um prato cheio para as rodas sociais. Amargurara, em silêncio, sua morte e desprezo.

Então, àquela tarde, a mãe lhe mandara chamar. Pedira que fosse a Windsor o mais rápido possível, pois não sabia se poderia resistir muito tempo... Precisava falar-lhe, não poderia partir como o marido, sem ver-lhe o rosto uma vez mais. Era sua mãe, afinal. Não querendo criar empecilhos à apresentação eminente de Claire, ele cedeu aos caprichos da mãe.

Tinha acabado de assinar o último papel, quando se lembrou de que deixara o roupão na sala de refeições e, certamente, mais tarde sentiria mais frio. Ainda tencionava beber um cálice ou dois de porto. Estava retornando à biblioteca quando seus olhos pararam na imagem da jovem Srta. Reims tentando adentrá-la.

Era uma jovem bonita, com belos cabelos acobreados que iam presos a um coque alto, pele clara e vestidos nada atrativos. Ao menos era assim que sempre se apresentava toda manhã. Dera-lhe a permissão de usar os vestidos de Elinor, porém tinha certeza de

que buscava os piores. Contudo, naquele momento, trajava um robe grosso, que apesar do tecido rústico, assentava melhor as suas curvas do que qualquer vestido de *toilette*.

Uma leve contração de lábios tomou as feições do Conde, e ele se aproximou silenciosamente da jovem até se pôr atrás dela e assustá-la. A surpresa também não poderia ser maior para o Conde, que se viu capturado pelo doce aroma de lírios que os cabelos dela continham, assim como a experiência única — possibilitada pela ausência de luz — de roçar-lhe o corpo com seus braços e senti-la arrepiar.

Controlou sua respiração para não pesar tanto no ar quanto a dela e obrigou sua mente a ficar concentrada na tarefa de achar as chaves da biblioteca. Ainda assim, não teve como não agradecer à escuridão, que lhe possibilitou voltar a sua atitude costumeira, passado o interlúdio tempestuoso.

A jovem praticamente se atirou em direção à luz quando lhe abriu passagem, mas foi ele quem lhe deu às costas primeiro, impedindo-a de ver como mexera consigo. Há quanto tempo não tinha uma mulher tão perto? Não era partidário do celibato, mas estava longe de se meter em aventuras por conta de uma mulher. Se fosse há alguns anos — pensou em Elinor. — Não ficaria assustado pela sua estupidez.

Elinor...

O nome rodou em sua mente uma vez mais aquela noite. Voltando a sua mente à noite em que a vira pela primeira vez — chovia ininterruptamente e a encontrara ensopada sob a tempestade. Uma visão dos infernos, com o vestido grudado ao corpo, de uma fazenda translúcida qualquer. No mesmo instante, viu seu coração ser arrebatado, ao tempo que a tomava nos braços e ela perdia os sentidos.

Serviu-os de porto, lembrando que o mesmo procedera a Srta. Reims. Quando a tempestade desabou, no dia em que ela chegou à Rothesay, algo o impeliu a sair em sua busca. Algo que lhe martelava o coração nos ouvidos... Algo que o levou ao mesmo lugar

onde encontrara Elinor e que o fizera achar a Srta. Reims. A visão de uma jovem ruiva ensopada até os ossos era muito diferente da que projetara em sua mente de uma senhora sem muitos atributos.

Ela tremia em lábios pálidos e o Conde estava certo de que mal o via. Quando a ergueu até seu cavalo, seu coração disparou com a proximidade dos lírios e de um corpo tão tenro junto ao seu. Era como se voltasse no tempo e pudesse estar com Elinor. Com os olhos embotados pela imagem dela, cavalgou como um louco de volta ao castelo, e não parou de esbravejar ordens até que a visse confortavelmente instalada no quarto da Condessa.

Dispensou a Sra. Glayds, e ficou ele mesmo a sua cabeceira, como não fizera com Elinor. Não podia errar uma segunda vez. Dormiu ali, ao seu lado, velando-a. E, apenas no dia seguinte, foi que a realidade o atingiu como um raio: ela não era Elinor. Seus cabelos acobreados caíam-lhe pelas costas e ela estava de frente para o quadro da Condessa. Sentiu-se um tolo e um intruso ao mesmo tempo. Esteve a ponto de dispensá-la de seus afazeres, por ódio de si mesmo, mas controlou-se, e da maneira mais suave que conseguiu, permitiu-lhe ficar.

Embora, logo depois, lhe parecesse uma decisão precipitada, já que a moça estava inclinada a se expressar de forma um tanto questionadora e se intrometer em diversos assuntos. Surpreendera-a admirando um retrato seu no salão principal. Deixando aqueles seus olhos incrivelmente verdes passear por sua figura, o que mesmo se tratando de um quadro, trouxe ao seu corpo uma conturbação inadequada.

Não a queria fuxicando por aí, se pudesse, a manteria no quarto, onde não pudesse perturbá-lo com sua presença, mas precisava que Claire estivesse em condições de ser apresentada à sociedade e, para seu desgosto, sua filha gostara da jovem preceptora. Isso exigiria dele um cuidado redobrado para não tornar aquela convivência algo intragável.

Todavia, passado o susto no corredor, naquele exato momento, analisava os dedos dela. Eram longos e delicados, dando um ar

gracioso as suas mãos pequenas. Era uma jovem de estatura mediana e corpo delgado, porém bem feito em curvas... Curvas macias como as que se pronunciavam no decote da camisola. A boca lhe ressecou e o Conde virou uma taça num gole só.

Estava perdendo o juízo, mal conseguia ouvir-lhe, e quando a respondia, o fazia de forma amena ou irônica. A expressão deliciada dela diante dos livros era algo que o agradava deveras e poderia tê-lo levado a uma conversa longa e deliciosa — pois muitos pensamentos invadiram-lhe a cabeça e, admitia alguns não tão recatados —, se não fosse a menção dela a seus escritos.

Todo encanto, todo aroma de lírios se dissipou, e em suas veias correu o veneno do ódio. Quem era ela para se por ali e invadir-lhe a intimidade? Era uma mulherzinha irritante e sardenta, isso sim! Um cabelo da cor dos infernos que deveria ter servido-lhe de alerta! Afastou-a como pôde de si, não a queria por perto. Estava certo em suspeitar dela. Era um demônio como sua mãe!

Assistiu-a deixá-lo com os olhos toldados de pavor, e rezou para que isso a mantivesse a distância. Passou o resto da noite embriagando-se e partiu pela manhã sem vê-la. Não precisava de mais fantasmas em sua vida. Bastava-lhe os que se aproveitavam de sua existência para torná-la um tormento.

Inclinou mais a cartola para que o crepúsculo não lhe ferisse as vistas. Deveria, no momento, se concentrar em Windsor. Mal ou bem podia confiar na Srta. Reims para cuidar de Claire... Já não podia dizer o mesmo de si, na casa de seus pais.



Andava pelos jardins da propriedade, Claire havia ido se banhar e trocar para o almoço, e Irina decidiu por em prática um reconhecimento de terreno. Algo que não ousara fazer enquanto o Conde estava por perto. Tinha certeza de que não o permitiria; não ao menos sozinha como estava disposta a fazê-lo, com a brisa

soprando-lhe o rosto.

Ao contrário da noite escura e chuvosa que lhe trouxera ali, sob as matizes do sol, os campos eram bem verdes e havia muitos cardos. Suas cores deslizavam suavemente até o horizonte como um tapete fofo e acolhedor. Irina sorriu, correndo com as mãos espalmadas contra as pétalas, sentindo-lhes as texturas, os aromas... Abrindo caminho para uma liberdade que não estava acostumada a ter.

No presbitério, apesar da presença do pai, cuidava de tudo. Não que reclamasse, de forma alguma, mas tinha cada minuto do dia ocupado por afazeres dentro e fora da igreja, já que suas irmãs eram menores e requeriam sua atenção. Ali, em Rothesay, experimentava algo diferente. Diferente até mesmo dos momentos passados ao lado da Duquesa.

Interrompera seus passos justamente à borda do bosque que circundava a propriedade. O mesmo onde o Conde a encontrara na noite de sua chegada e agora percebia o quão longe ainda estava do castelo quando o coche atolou e decidiu enfrentar a tempestade. Notou o quanto estava próximo de ter se perdido ou ainda pior... Olhou o leve brilho dourado que o sol deixava nas folhas e compreendeu que ele realmente a salvara.

Fosse sob qual forma via o ocorrido, até como o desfecho de um ato de desleixo do Conde, era fato que ao fim de tudo, a salvara. Em meio à escuridão da noite jamais encontraria o castelo. Voltou-se para a construção ao fundo da paisagem. Afastara-se muito, andava há quase duas horas e as quatro torres da construção era tudo que podia se ver contra o céu.

Ao retornar, entretanto, o almoço já havia se findado há muito, e apesar de parte de seus cabelos terem fugido do coque, Claire a fitou com carinho, indagando se gostaria de comer algo, já que, aparentemente, fizera um longo exercício. Com um sorriso condescendente, Irina aceitou o lanche e ambas se reuniram no salão de chá meia hora depois sob o delicioso cheiro de bolinhos e chá.

— O que achou de Rothesay, Srta. Reims?

— É uma bela propriedade — afirmou convicta. — Não a teria suposto somente com o que vi no dia que cheguei aqui.

— Não a culpo. — Sorriu-lhe ao tomar entre os dedos sua chávena. — Papai costuma dizer que sob o céu escuro de Bute nada fica belo. Creio que Rothesay não é uma exceção.

— Creio que não — ponderou Irina. — Mas fico feliz de tê-la descoberto. É um lugar encantador...

— Assim o penso... — sentenciou baixo.

Irina a olhou fixamente, observando-a acompanhar as elipses do líquido.

— Algo errado? — estranhou o silêncio de sua tão animada pupila.

— Oh, Srta. Reims... — Os olhos castanhos se ergueram até seus verdes. — Acha que papai se importaria de irmos à cidade?

Irina a fitou por alguns segundos pensativamente antes de responder:

— Creio que não se importará se não nos demorarmos...

— Mesmo?

Podia sentir o coração da jovem disparar, ainda que aquela distância.

— Iremos amanhã, bem cedo — determinou Irina. — Após o dejejum.

A jovem se pôs de pé num estalo.

— Vou avisar George que deixe o coche preparado...

Irina assentiu e Claire saiu esfuziante pela porta enquanto, morta de fome, ela degustava mais um bolinho. Ao mordê-lo, entretanto, perguntou-se se estaria fazendo a coisa certa... Contudo, ainda lhe era impossível dizer o que realmente desagradava ou não ao Conde. Arriscaria — e degustou o último pedaço.



Subir aqueles degraus novamente nunca esteve em seus pensamentos. Interrompeu os passos no meio da pequena escada que o levaria à entrada —, e agora olhava a imponência da casa de seus pais sentindo a mesma angústia sob a qual a deixara há quinze longos anos. Quando o fizera, naquele fim de tarde chuvoso, tinha o coração esmagado pelas palavras do pai.

Ainda podia ouvi-lo dizer que havia trazido vergonha à família e que, se dependesse de seu título, jamais teria um tostão com que sustentar uma meretriz e seu bastardo. Suas mãos crispavam sob o punho da camisa impecavelmente branca. Seus pais sempre haviam feito vistas grossas as suas aventuras de juventude, porém, desde que herdara o título de Conde, as coisas já não iam tão bem e, admitia, não fazia questão de evitar certos comentários.

Em parte, a posição de seus pais era culpa sua, embora agora isso o incomodasse bastante, já que se apaixonara por Elinor. E o olhar de repúdio de sua mãe e as palavras ásperas do Barão só serviram para inflamar suas veias. Quando não mais suportou as ofensas, despejou contra eles sua ira, jurando que jamais pisaria em Blackcastle. Mas ali estava ele, pagando por seus erros, pela sua falta de visão na juventude, desejando que a mesma avalanche que o atingiu, não atingisse Claire.

A estupidez de seu passado não a macularia e foi nesse exato instante, enquanto hesitava no degrau, que a porta dupla se abriu e um criado muito bem uniformizado o olhou de cima abaixo com seus intensos olhos ônix brilhantes, e numa profunda curvatura, sentenciou:

— Milorde, é um prazer revê-lo... — Suas mãos tremiam um pouco quando seguraram-lhe a cartola, as luvas e o sobretudo. — Perdoe-me por achar que nunca mais o veria.

Diante das palavras sinceras do velho mordomo, Thomas se voltou a ele e murmurou:

— A culpa não é sua que pensasse assim. — Ele voltou a se curvar e o Conde prosseguiu: — Eu também acreditei nisso... — Lançou o olhar pelo salão, que em nada havia mudado naqueles anos todos. Viu-se ainda menino correndo pelas escadas com sua babá ao encalço. Seu sorriso prazeroso quando descia as escadas, trajado de forma impecável para os salões. Uma pontada de dor atingiu-lhe o coração e suas sobrancelhas enviesaram ao indagar: — Onde ela está?

O mordomo retornou a sua postura normal para respondê-lo calmamente:

— No quarto, meu senhor... Já não o deixa há meses — completou pesaroso. E seguiu o olhar de Thomas correndo pelas escadas. — Deseja que o anuncie, milorde? Que o leve até lá?

Com um longo suspiro, o Conde replicou baixo:

— Não há necessidade, ainda conheço essa casa... E se ela me chamou, sabemos perfeitamente que está esperando por mim a qualquer momento. — Tomou a direção da escada. — Não será uma surpresa.

— Como queira, milorde — Observou-o subir as escadas de mármore, seu olhar delineando calidamente os ombros largos e o porte ereto que os abrigava. — Milorde, o senhor pretende passar a noite?

— Muito provavelmente mais que uma noite, Alastor — sugeriu no topo da escada.

— Ajeitarei tudo a contento, milorde.

— Sei que sim...

E sumiu no andar de cima sob o olhar, ainda brilhante, do mordomo.

Thomas conhecia cada centímetro daquele corredor, cada pintura que o fitava do alto daquelas paredes. Barões, Condes e Duques do passado, e poderia jurar que seu retrato não estava ali... Ele não era digno de Blackcastle, nem Claire. Parou em frente à porta sólida de carvalho e cerrou os punhos de tal forma, erguendo a mão para

solicitar sua entrada que os nós dos dedos se tornaram esbranquiçados. Claire — disse em pensamento a si mesmo — Por ti, somente por ti. Bateu forte uma única vez.

Um leve farfalhar de vestes se aproximou da porta e a mesma se abriu, revelando uma jovem de estatura mediana com lindos olhos castanhos e traços delicados. Vestida impecavelmente com um modelo de corpete baixo num tom azul claro e uma touca alvíssima a lhe cobrir os cabelos escuros. Era muito bonita e fez-lhe uma mesura, assim que Thomas sentenciou:

— Sou o Conde de Rothesay, vim a pedido de milady...

— Milorde — a jovem sentenciou ainda retornando a sua posição.
— Ela tem esperado muito por sua chegada.

— Tem... — Havia uma nota de ironia levemente disfarçada pela afirmação seguinte: — Imagino que sim, ou não teria feito o convite.

A jovem lhe cedeu um mínimo sorriso.

— Ela tem sido forte, mas os ataques estão cada vez mais frequentes — seguiu explicando enquanto avançavam calmamente até a cama, com seus dosséis em tom creme. — Por este motivo, sugeri que lhe escrevesse o mais breve possível.

Os passos do Conde se interromperam ainda junto á entrada.

— Você sugeriu — citou baixo, tomando conhecimento de que talvez não fosse desejado. Seria rejeitado uma vez mais? E Claire poderia conviver com isso?

Enquanto o Conde hesitava uma voz rouca, porém firme, ergueu-se das sombras sobre a cama.

— Quem está aí?

Passou alguns segundos sem que ninguém se pronunciasse e a voz insistiu:

— Marianne?

A moça ainda fitou o Conde na esperança de que respondesse por ela, mas ele ainda estava imerso em suas conjecturas.

— Milady... — A jovem se aproximou da cama com agilidade. —

Estou aqui. — Segurou-lhe a mão.

— Achei que tinha ouvido vozes... — a Baronesa sentenciou. — Alastor trouxe algo?

Os olhos de Marianne se ergueram em busca dos do Conde e nesse momento o viu ao seu lado, com toda sua figura imponente, fitando sério o rosto macilento da mãe entre os lençóis alvíssimos.

— Não era Alastor, mamãe... — era quase um sopro que escorregava por seus lábios, incertos se deveriam deixá-los. — Sou eu, Thomas. Pediu-me que viesse o mais breve possível.

Os olhos da senhora na cama vaguearam pelo semblante do Conde e com seus olhos azuis estreitos, ordenou:

— Marianne, deixe-nos.

A jovenzinha dispensou-lhes uma mesura e deixou a câmara. Ainda se passaram alguns minutos, depois que o trinco indicou que estavam sozinhos, para que a Baronesa voltasse a falar:

— Ainda é um belo homem, Thomas. — O olhar azul dela se atenuou, mas os do Conde escureceram. Não fora ali para ser analisado como a um animal que se deseja comprar. — Rothesay não o endureceu tanto quanto era de se esperar.

— Milady, então, esperava que o tempo fosse inclemente com seu filho... — Tinha toda certeza, agora, que precisava de que não devia ter vindo. Nada mudaria para Claire. — Sinto desapontá-la.

A mãe o encarou friamente.

— Não seja tolo, Tommy. — O uso do termo carinhoso não o suavizou. — Nenhuma mãe deseja mal a um filho... Não aprendeu isso cuidando de sua camponesa?

Os músculos de seu maxilar enrijeceram e ele soube que era hora de partir. Não devia ter solicitado um quarto a Alastor, nem esquentaria as cobertas por uma noite sequer.

— Bem, se já disse tudo... — Encaminhou-se para a porta.

— Pare exatamente aí. — A voz altiva ecoou pelo quarto, retumbando pelas paredes. — Não ouse dar um passo, se preza

aquela pequena bastarda que chama tão petulantemente de filha.

Suas veias flamejaram e se por acaso ainda lhe restasse um pingo de juventude, teria cruzado o portal sem olhar para trás. Contudo, fora ali por Claire, e mesmo a contragosto, fariam dela. Controlou-se antes de voltar-se a senhora.

— Não a chamo, ela é minha filha — rebateu firme, aproximando-se uma segunda vez da cama. — Está em sua certidão de nascimento.

A Baronesa soltou um longo suspiro antes de retrucar:

— Um lamentável incidente...

— Chame do que quiser, mas nada há que a negue como sua neta legítima.

Os olhos azuis dele brilharam e os dentes da senhora rangeram ferozes.

— Não me desafie, Thomas. Posso estar entrevada nessa cama, mas não estou morta. Não ainda...

— Deixe Claire de lado... Sei que nada sairá de seus lábios, que seja bom para ela. Diga-me apenas para o que me chamou tão abertamente aqui...

Um silêncio sepulcral os rodeou até que a senhora limpasse a garganta e lhe dissesse:

— Sei que não me resta muito tempo...

— Isso só Deus pode dizer — ponderou, solene.

— Ora, uma vez na vida pare e me ouça — ralhou a senhora. — Estive pensando em como imputar-lhe um pouco de juízo diante do tempo que ainda me resta.

Uma leve contratura de lábios torceu-lhe o canto esquerdo da boca.

— Reconheça Claire e meu juízo voltará, estou convencido disso — arranhou secamente.

Os olhos da senhora brilharam de um jeito incomum, e por segundos, Thomas chegou a se arrepender de tê-la acuado. Não

havia aprendido com seus erros?

— Dá-me sua palavra?

— Minha palavra? — Um meio sorriso irônico ficou evidente em seus lábios. — Desde quando minha palavra passou a ter valor nessa casa?

— Se eu reconhecer Claire voltará ao seu juízo — cortou-o prontamente com sua autoridade. — Prometa-me...

— Não sem antes saber onde isso me leva.

Os lábios da Baronesa desenharam um sorriso de triunfo.

— Pois bem, vamos tecer nosso acordo...

Ao Conde, as palavras se assemelhavam a teias, que muito certamente o envolveriam como garras invioláveis.

— Sou posto em ouvidos.

A senhora se ajeitou nos travesseiros, alisando o linho puro que havia sobre seu corpo delgado.

— Eu reconhecerei Claire como sua filha...

— Não é necessário que o faça, nunca precisei de seu consentimento para dar-lhe o direito de usar meu nome. Se é só isso...

— Não ouse me dar às costas uma segunda vez, Tommy. Não o tolerarei. — A voz dela arranhou as paredes, imponente. — E se o fizer, Claire se arrependerá de seu ato a cada segundo que viver.

O Conde manteve sua posição voltada para a porta, cedendo à vista da Baronesa somente seu perfil. Os olhos buscando qualquer coisa com que se entreter para que seu ódio não se derramasse no tapete, ou manchasse aquelas paredes de vermelho.

— Diga logo o que quer de mim...

Ela desencostou-se minimamente do travesseiro, fixando seus olhos azuis na figura dele.

— Casarás com alguém que eu escolha.

— Nunca! — urrou o Conde.

— Essa é minha condição para dar a Claire minha benção— ponderou, a senhora, impassível.

A mente do Conde ia e vinha providenciando uma maneira de se livrar daquela imposição. Jamais poderia supor que sua mãe o chamara ali para ocupar-se com algo tão efêmero como seu enlace matrimonial.

— Com que intuito deseja isso? — sugeriu baixo. — Não posso crer que, de repente, minha reclusão a afete tanto.

— Sua reclusão me afeta.

O Conde a olhou intensamente numa nota de bravata.

— Sei que pode ser melhor que isso, mamãe. Não a menosprezo...

— Deves ter um herdeiro, essa é a verdade que deseja ouvir — despejou a Baronesa firme com olhos azuis brilhantes. — Alguém que possa manter o nome de nossa família e os títulos que possui.

— É só com isso que se importa? Com propriedades e títulos?

— Eu fiz minha parte, Thomas, quando tive você.

— Devo lhe agradecer por isso?

— Respeite-me!

A porta se abriu repentinamente, calando-os, e deixando passar Marianne, que depositou sobre a mesa próxima uma bandeja com bolinhos e chá. Com um mínimo gesto de cabeça, a Baronesa solicitou sua proximidade. A jovem o fez com certo cuidado enquanto a senhora dava uma leve tossidinha e apresentava:

— Essa é Lady Marianne Bertrand, filha de Sir Arthur Bertrand. Veio passar uns tempos comigo a pedido de sua tia, Lady Sophie Bertrand, a Condessa de Crawford. Não finja que não a conhece, Thomas. São praticamente vizinhos.

— Ser vizinho de alguém não implica conhecê-lo a fundo. É um prazer, milady... — Thomas inclinou-se numa mesura e viu subir às bochechas da jovem um leve tom rosado.

— Sir Arthur é um grande empreendedor no ramo do algodão, e

Marianne será uma perfeita dama, assim que for apresentada à sociedade... Uma dama com muitos pretendentes — a senhora ressaltou, fitando profundamente a moça enquanto sugeria: — Não o acha, milorde?

Uma faca atingiu-lhe o coração, fria e afiada. Por segundos chegou a empalidecer. Sua mãe estava louca se achava que se casaria com aquela moça. Nunca, nem que fosse a última do mundo. Não tinha mais que dezoito anos, quase a idade de Claire. Era inaceitável se unir a ela, contudo a jovem parecia divertida com a situação e levemente inclinada a vê-lo comprometido como sua mãe o queria.

— Certamente... — a resposta veio baixa enquanto processava uma saída para a situação tão delicada. Poderia, claro, abrir mão de sua sisudez e espantar a jovem, como já fizera muitas vezes, mas isso não surtiria efeito em sua mãe. Ela só pararia com algo mais decisivo e incontestável, ao menos por ora.

— Estive pensando, Thomas... — Sorriu ao filho. — Já que vai acompanhar Claire essa temporada...

O rubor da moça se tornou incontestável, e o Conde teve a certeza de que se deixasse a cena prosseguir mais alguns poucos minutos, estaria diante do altar com a jovem em seus braços, em menos de um ano. O ódio correu em suas veias, precisava de uma escapatória. Num estalo o nome veio-lhe à mente.

— Receio, mãe... Que pela brevidade de sua carta e sua condição tão delicadamente ostentada, não tenha tido tempo de lhe dizer que estou noivo.

A jovem empalideceu e a mãe frisou seu cenho.

— Noivo? — Havia um aviso contido ali, e Thomas o sentiu até os ossos, respeitando-o.

— Sim... Eu não esperava ter que fazer o anúncio antes da temporada, para dar mais tranquilidade à futura Lady Hattway.

— Ainda usa esse nome ridículo — protestou falsamente.

— É o seu nome, mamãe. Uso-o no que julgo uma justa

homenagem — alfinetou-a. — Pois então, eu dizia que precisava de tempo para que até mesmo Claire e eu nos acostumássemos com a ideia.

— Ah, deve ser realmente confuso sair da reclusão para um casamento, milorde... — a jovem despejou, atraindo a atenção de ambos sobre si.

— Ah, sim, muito... — Dirigiu-se à bandeja de chá, ignorando-a. — Acredito que necessite um pouco.

— Obrigada — a jovem agradeceu enquanto se sentava numa poltrona próxima a cama, ainda muito pálida. — Sem leite e sem açúcar, por favor.

O Conde assentiu e levou a chávena até ela — queria apenas calá-la com algo —, retomando a palavra:

— Bem, como pode ver... Sinto ter que declinar o convite, Lady Marianne. Não ficaria bem acompanhar outra jovem quando estou comprometido.

— Certamente... — apressou-se em dizer. Bebeu mais um gole do chá. — Certamente.

— Posso saber quem é a moça? — A voz da Baronesa retumbou.

— É a filha de um clérigo... — Viu a mãe torcer o nariz e completou rapidamente: — Afilhada de Lady Charlotte.

— De minha sobrinha? — surpreendeu-se a senhora.

— Exatamente, uma jovem muito prendada e contrita. Dará uma perfeita esposa — alegou o Conde. A imagem da jovem ruiva preencheu-lhe a mente, e apesar de sua aparente falta de personalidade, evidenciada pelas roupas em vários tons de cinza, era um total engodo, visto a língua afiada que possuía e a altivez do olhar. Já não lhe parecia tão contrita quanto impusera a mãe, porém, não encontrara outra saída diante da disposição dela em vê-lo casado.

— Não sabia que Charlotte tinha tomado a moça como protegida...

— Surpreendeu-me também — sentenciou o Conde. —

Conversávamos em Carlisle sobre uma preceptora para Claire, e eis que surgiu o nome de minha futura esposa, e depois sua presença. — Lançou um suspiro no ar tão pouco peculiar a sua pessoa e a mãe o olhou atravessado. — Foi amor à primeira vista.

— Oh... — A jovem levou a mão ao coração num ato melodramático demais. O Conde torceu o nariz, odiava exageros. — Que lindo, milorde.

— Obrigado — agradeceu sem saber exatamente por quê. Mentia descaradamente e não sabia sequer se poderia levar adiante a história.

— Traga-a até mim — determinou a Baronesa num tom sóbrio. — Quero conhecê-la.

Apesar de colhido de surpresa pela reação da senhora, o Conde usou de malícia. Uma malícia que poderia derreter corações, mas ali era tão somente um jogo para ganhar terreno para Claire.

— Eu o farei, dentro de um mês.

— Que assim seja— admitiu a senhora. — Não lhe darei nem mais um dia.

— E quanto a Claire?

Os olhos da Baronesa brilharam.

— Traga-a junto, resolveremos tudo de uma vez só.

— Como quiser, mamãe.

— Agora me deixe aproveitar meu chá e descansar. — Voltou seus olhos para os travesseiros. — Preciso estar viva para esse encontro.

— Lady Marianne... — Fez-lhe uma curvatura e se retirou.

No corredor, entretanto, um suor frio percorreu-lhe as têmporas. Como convenceria Irina a representar o papel de sua noiva? E como contaria sua decisão à Charlotte? Sentiu-se extremamente cansado e em mais dois passos, alcançou seu antigo quarto.

Ao abrir a porta, notou que tudo permanecera quase intocado. Exatamente como há quinze anos... E ele mesmo continuava agindo

como um jovem incauto. Retirou o casaco e o colete, o laço do pescoço, e abriu os punhos da camisa atirando-se à cama.

Era imprescindível livrar-se da jovem. Precisava pensar...



O NOIVADO IMPROVÁVEL



O dia amanheceu chuvoso e o anunciado passeio ao centro de Bute foi adiado. A chuva era intensa e batia contra as vidraças do castelo intermitentemente. Passara o dia imersa na aula de canto com Claire, ela tinha uma voz linda, mas um talento nato para desafinar ao final da mais simples melodia. Uma correção que precisava ser feita o mais rápido possível, e Irina se empenharia o máximo nisso. Tinha certeza de que seria uma grande surpresa para o Conde quando retornasse de viagem... Uma surpresa inesquecível.

Após o chá, entretanto, Claire lhe pedira um pouco de privacidade. Algumas poucas horas de descanso até o jantar, pois queria terminar a leitura de um livro em seu quarto. O que Irina, de fato, não poderia se colocar contra. A leitura é um bom estímulo às conversas cultas, e em poucas palavras deixou-a ir, recolhendo-se ao seu quarto em seguida. Pensou em costurar, mas percebeu em mínimos minutos, que a concentração exigida para um trabalho decente não lhe acompanhava os movimentos, e já desfizera três vezes o bordado.

Era mais fácil se concentrar em casa — pensou —, voltando a olhar pela janela. Precisava de algo para entreter-se, já que o jantar tardaria ao menos duas horas ainda. Pôs de lado os batentes e respirou fundo junto ao vidro, embaçando-o. A chuva aumentara e não se via muito à frente dos jardins de Rothesay, lembrava-lhe a noite que chegara ali. Enviesou as sobrancelhas e seus pensamentos vagaram pela figura do Conde. O homem que a trouxera praticamente nos braços até aquele quarto; que cuidara dela — sua respiração acelerou e ela cravou os dedos nos próprios braços cruzados sobre o colo —, que a tivera tão próximo na biblioteca, roubando-lhe o ar.

Pousou suavemente a mão na bochecha, estava quente. Pensar no quanto haviam ficado tão perto mexia consigo, ao mesmo tempo

em que a sensação de desalento a invadia ao encontrar — em pensamentos — a forma como a desprezara ao saber que o havia lido.

Um brilho intenso se apoderou dos olhos verdes. Havia se esquecido totalmente dos escritos do Conde, e já que carregava a culpa de espioná-lo, que mal faria fazê-lo efetivamente? Certamente não mudaria em nada seu conceito já maculado pela sua curiosidade. Pôs um xale contra os ombros e desceu, tomando cuidado de deslizar até a biblioteca sem ser vista. Suspeitava que o Conde tivesse tomado algum cuidado especial depois de sua invasão de privacidade.

Feliz por não haver encontrado nenhum obstáculo a ser vencido ou remediado, Irina entrou no aposento sem um mínimo ruído. Estava escuro lá dentro, as pesadas cortinas de veludo verde jaziam cerradas, mas o leve aroma de alecrim ainda pairava no ar, sugerindo a presença do Conde. Inconscientemente, ela fechou os olhos para absorvê-lo e por minutos se manteve assim, lembrando-se de sua figura até as palavras duras dele a assaltarem de novo, livrando-a daquele feitiço.

Esfregou os braços, pois ali parecia mais frio e buscou a mesa no centro do aposento. Como imaginara, encontrava-se organizada. Não havia mais nada espalhado por seu tampo, nem mesmo a sombra de seus escritos. Irina sentia uma nota de decepção alfinetá-la e sentou-se na cadeira de espaldar alto, afundando-se nela. Queria lê-lo, saber mais sobre o Conde... Sobre aquele amor tão lindo. Seria tão errado assim?

Notou as várias gavetas da mesa e colhida pela determinação, aventurou-se a abri-las. Uma a uma, procurando pelo maço de papéis que, dias antes, estivera espalhado ali. Já havia quase desistido de seu intento, quando uma pasta preta surgiu diante de seus olhos. O couro mostrava-se um tanto desgastado, mas dentro havia algumas folhas. Três delas consistiam num testamento, onde o Conde deixava tudo que possuía, exceto títulos e propriedades, para Claire. E, o segundo, era uma carta para a mesma, onde lhe legava um volume de sua biblioteca. Um interessante livro de Lorde Byron...

Don Juan.

Era estranho, para Irina, que de tantos volumes maravilhosos de literatura, e não que Byron não fosse um gênio, mas legar a ela uma de suas primeiras peças... Era estranho, decididamente fora do tom do Conde. Afastou a cadeira e pôs-se a procurar o volume. Demorou alguns minutos para achá-lo e voltar à mesa, observando que se tivesse sido mais curiosa, o próprio Conde a levaria ao volume, linhas abaixo onde descrevia sua localização. De qualquer forma a observação seria útil quando devolvesse o livro ao lugar para que sua presença ali não fosse notada.

Contudo, notou que o livro era um tanto pesado para seu tamanho, e não tão surpresa, não conseguiu folheá-lo. Ao invés disso, foi obrigada a destampá-lo e dar-se com seu interior repleto de pergaminhos. De fato, encontrara os papéis... Todos eles. Um sorriso formou-se em seus delicados lábios. Reservou o livro falso, fechando-o e devolveu a pasta à gaveta de origem, certificando-se de que nada ficara fora do lugar.

Levaria o livro para o quarto, o leria à noite, e depois, o devolveria ao seu nicho. A última prateleira, terceiro volume após a encadernação azul marinha. Silenciosamente, Irina deixou a biblioteca com seu tesouro, faltava pouco agora para o jantar.



Levantara-se cedo, aquele dia, e não saberia dizer se ficava mais ansioso em deixar aquela casa ou receoso de como sua noiva reagiria à proposta de casamento. A carruagem o aguardava como ordenara ao sentar-se para o dejejum, e se encaminhava para ela em passos largos e determinados após uma breve entrevista de despedida com sua mãe, sem que Lady Marianne estivesse presente. O que de certo retardaria sua partida, mas que considerara uma benéfico por novamente ter sido lembrado de suas obrigações para com o título através de um herdeiro.

Aquilo já estava para lhe romper com a mente. Pensara a noite inteira na melhor forma de abordar a Srta. Reims a respeito do noivado, e após várias negativas irônicas de sua parte, dera para pegar-se pensando em seu corpo por baixo daquelas roupas estranhas de preceptora. Havia tido dois breves interlúdios de como se apresentavam as curvas e pele da Srta. Reims sem muitas daquelas camadas de tecidos enfadonhos que ela insistia em impor aos seus olhos tão acostumados com a beleza. Registrara como os cabelos dela eram sedosos e brilhantes nas primeiras horas da manhã, quando ainda estavam soltos e ela observava o quadro de Elinor. Ah, Elinor... Como sempre pudera lhe sentir a textura da pele, mesmo de longe? E, como podia agora, confundir aquelas sensações imaginando-se provando uma ruivinha petulante como aquela?

Esbarrou com Lady Marianne no corredor, destinando-lhe um breve cumprimento e um murmúrio de despedida. De fato, ela era extremamente bela, como alguém de seu passado, e por isso mesmo preferia a ruiva petulante dos infernos. Não era mais tão jovem quanto Marianne, mas tinha outras qualidades certamente muito mais favoráveis ao casamento. Entrou na carruagem e deu ordem de partida para o criado, não sem antes ouvir de Alastor que aguardava seu retorno para breve, ansiosamente.

Thomas não estava tão certo de sua ansiedade, mais parecia um pesadelo, a história em que se enfiara. Passou boa parte da viagem pensando em como enfrentar a ruiva após tê-la expulsado da biblioteca de uma maneira nada educada. Sim, ela errara, mas ele também ao deixar seus escritos ali. A carta que recebera de sua mãe, determinando sua visita imediata, o arrancara do prumo, e não se sentia apto a lidar com a Srta. Reims e sua curiosidade descarada naquele momento. Muito pelo contrário, sua atitude intrometida lembrava-lhe sua mãe, e queria ambas longe de sua vida.

Contudo, o destino o fazia aceitar a uma das jovens... E Marianne estava fora questão. Era certo, então, que deveria remendar sua relação com a Srta. Reims. Pensando bem... — Um sorriso contraiu seus lábios enquanto inclinava a cartola sobre seus olhos e os cerrava, tentando descansar um pouco. — Talvez fosse interessante

ter alguém com tanta personalidade quanto sua mãe ao seu lado, seria bom para Claire...

A carruagem sacudiu uma vez mais e o Conde adormeceu. Acordou horas depois, sob o céu escuro e sem estrelas, que quase não provinha luz à estrada.

— Sr. Flinch... — Pôs a cabeça para fora do veículo, interpelando o cocheiro. — Quanto tempo ainda no resta de estrada?

— Como ordenado, milorde, não paramos... E, apesar dos cavalos já estarem exaustos, ainda temos uma hora de viagem.

— Temos que chegar antes que neve — assentiu o Conde. — Eles aguentarão mais um pouco.

Chegaram a Carlisle pouco antes das dez da noite, um horário inapropriado para visitas. Thomas sabia disso, mas sabia também que sua prima estava sozinha e com a dose certa de persuasão manteria seus criados calados. Levou sua mão à porta após dispensar seu criado e bateu duas vezes.

Dez minutos depois, estava diante de sua prima envolta numa nuvem rósea, que não era nada mais que um belíssimo robe de lã que assentava muito bem com sua pele clara. Os primeiros flocos de neve caíram quando o Conde retirou a cartola e lhe sugeriu:

— Boa noite, Charlotte... — Um meio sorriso iluminou seu rosto. — Faz alguns anos, não é mesmo?

Os olhos dela brilharam e seus braços se abriam em sua direção:

— Thomas!

Ele agora estava sendo sufocado pela nuvem rósea, mas feliz por ver Charlotte de novo. Em poucos minutos, estavam tomando chá sob a quentura reconfortante de uma lareira.

— Então... — ela sugeriu suavemente — Espero que o que o traz a Carlisle não seja nada relacionado à minha protegida, a Srta. Reims.

Pousou os lábios na borda da porcelana observando o Conde, que continuava na sua habitual postura ereta contra o sofá.

— Sua escolha para preceptora de Claire foi muito acertada...

— Fico feliz que tenha aprovado.

— Não o fiz... — ele determinou, devolvendo a xícara à bandeja.

— Não? — a duquesa surpreendeu-se, enviesando as sobrancelhas.

— Mas Claire, sim — completou impassível. — E o que faz bem a Claire, faz bem a mim.

— Entendo... — Charlotte se ajeitou na poltrona que ocupava, também devolvendo sua porcelana à bandeja. — Mas, então, o que o traz tão longe de casa?

— A Baronesa de Windsor.

— Oh... — Os lábios dela se separaram minimamente. — Não foi nada de grave, não é mesmo? Titia sempre teve boa saúde.

Thomas olhou-a intrigado.

— Creio ter ficado longe muito tempo, para não notar os ardis de minha mãe, quando você o faz tão bem ainda. — Os punhos dele cerraram, ela notou. — Em outros tempos, eu estaria preparado para suas artimanhas.

— O que foi dessa vez? — a prima perguntou docemente. Conhecia a tia o suficiente para evitá-la até mesmo em chás beneficentes, que ultimamente ambas declinavam frequentemente.

— Um casamento — riscou o ar numa frase curta.

— Depois de tantos anos...

— Cismou que está à morte e deseja que lhe dê um herdeiro — murmurou o Conde notavelmente abalado pela posição que se encontrava.

— E, muito provavelmente — Charlotte seguiu com cuidado: — Já escolheu a moça.

Thomas fitou-a intensamente. Charlotte sorriu.

— Vejo que acertei... Ela não muda — determinou séria. — E qual foi sua posição?

O Conde se ergueu e andou pela sala antes de lhe responder em tom seco:

— Sabe que ela não aceitaria uma negativa como resposta...

— Sei.

— E, bem... — mediu as palavras. — Não posso pensar só em mim.

— Em absoluto — concordou a Duquesa.

— Ainda assim, mesmo pensando em Claire, não pude aceitar a proposta do jeito que me era atirada...

Os olhos da Duquesa se abriram preocupados.

— Fez-lhe uma contraproposta.

— Foi necessário.

— Contudo... — Admirou-lhe a linha dura do maxilar. — Sua decisão também não lhe assenta bem, não é assim?

O Conde a encarou e depois de um longo suspiro despejou:

— Vou me casar com a Srta. Reims.

— Como? — Foi a vez de Charlotte se erguer e ter o semblante endurecido.

— Exatamente o que ouviu. — Manteve-se impassível. — Vim lhe pedir que me apresente a seu pai para lhe fazer o pedido.

— Mas disse a pouco que não a aprovou como preceptora... — Deixou-se voltar à poltrona.

— De fato, disse... O que não a impede de ser uma Condessa.

Tentando ganhar tempo para pensar, Charlotte indagou:

— Posso saber quem minha tia indicou como esposa?

Thomas limpou a garganta e respondeu-lhe com certo desgosto:

— Lady Marianne Bertrand...

A testa da Duquesa enrugou.

— Mas é ainda uma menina, nem debutou!

— Conhece-a? — Quis saber o Conde, intrigado.

— De vista, nunca fomos apresentadas.

O Conde pareceu ponderar a resposta e prosseguiu no mesmo tom:

— Agora entende porque esse é um compromisso inaceitável, ainda que a jovem seja belíssima. Não vou desposar alguém com a idade de minha filha.

— Por que Irina? — cortou-o duramente.

— É uma mulher inteligente, sabe se portar... Tem boa aparência e, até onde sei, uma família irrepreensível.

— E isso é o suficiente para querê-la? — Os olhos da Duquesa brilharam.

— É a única mulher com quem estive... — Os lábios ressecaram. — Mantive... — corrigiu-se. — Certa proximidade nos últimos dois anos.

— Mas não a conhece, não sabe nada sobre ela — protestou Charlotte. — Além do que, o que dirão se souberem que foi viver sob seu teto em Rothesay antes de estarem comprometidos?

As sobrancelhas do Conde enviesaram e seu olhar escureceu como a noite lá fora.

— Não dirão uma palavra — rosnou irritado. Já era duro ter que casar quando não tinha a mínima intenção de fazê-lo pelo resto da vida, ainda mais tendo que confiar seu futuro a alguém que pouco conhecia. Não ia admitir que qualquer outra pessoa se metesse em suas decisões. Acertar-se-ia com ela, apenas com sua esposa e mais ninguém. — Quando eu chegar a Rothesay, sua protegida terá seu anel de noivado para ostentar a quem a insultar.

— Sabe que precisará mais do que isso para conter a língua das pessoas. Um casamento rápido, uma história convincente de como se conheceram...

— Sim, eu sei. Contudo... — Sorriu de canto. — Há muito ela já passou da hora de se casar e não me parece ter tido muitos pretendentes.

— Não tire conclusões apressadas — rebateu Charlotte

aborrecida. — Irina teve alguns pedidos e os declinou para cuidar das irmãs, pois a mãe morreu ao dar á luz uma terceira filha — pausou, escondendo parte de suas emoções. — E teria tido mais, se tivesse me deixado apresentá-la à sociedade.

— Então, enviou-me um engodo?

— Não... — defendeu-se a Duquesa. — Irina tem toda a educação necessária à uma dama. É a moça perfeita para qualquer cavalheiro.

— Não vou lhe perguntar se sou um cavalheiro aos seus olhos. Isso pouco me importa.

— Você é um cavalheiro quando o quer, Thomas.

O Conde a encarou curioso.

— Você irá me ajudar?

Ela o fitou por alguns minutos e murmurou:

— Um anel não é um escudo...

— Ela terá a mim, caso tentem algo — declarou em bom tom na sala, irritado. Os cabelos espalhando-se por seu rosto. — Então, vai me ajudar?

Charlotte sorriu vívida.

— De alguma forma ela o impressionou... — Os olhos dele brilharam em aviso para não prosseguir nas suas conclusões. — Eu vou apostar que tenha feito o mesmo a minha Irina. Sim, eu vou lhe ajudar.

— Obrigado — grunhiu.

— Não me agradeça, ainda acho isso uma loucura, mas se ela aceitar... Não vejo por que me colocar contra, visto que conheço bem o gênio de minha tia. Ela não parará enquanto não o ver casado...

— E com um filho — completou o Conde amargurado.

— Prometa-me que será honesto com Irina, dirá tudo francamente a ela.

— Não sou o canalha que dizem por aí.

— Sim, eu sei... Mas ela também não é a moça segura de si que aparenta. Não quero vê-la machucada, Thomas. — Olhou-o carinhosamente. — Irina é a filha que não tive.

O Conde ficou calado por segundos, para afirmar baixo, em seguida:

— Não foi certo tê-la comprometido, sem consultá-la, mas irei me empenhar ao máximo que não seja um fardo para nós dois, esse arranjo.

— Que assim seja... E que as boas novas não o atropelem.

O Conde tornou-se sério, tinha que voltar a Bute o mais rápido possível.



A conversa durante o jantar girou em torno do avanço conseguido por Claire — ainda aquela manhã — em suas aulas de canto. A jovem, agora, estava decidida a treinar mais e mais até a volta de seu pai.

Irina se viu concordando em ensaiar uma peça escocesa para o retorno do Conde. Uma apresentação seria um bom começo para incentivá-la a se apresentar em público, e com um sorriso consentiu a ideia da jovem.

Satisfeita consigo mesma, Claire não tardou a se recolher para o quarto, e o fez seguida por Irina, que mesmo tentando não demonstrar que estava ansiosa para se trancar em seu aposento, por duas vezes desprendeuse da conversa com a moça, ignorando completamente o que ela lhe dizia e emitindo breves assentimentos.

Com um “boa noite” despediu-se da aluna, descendo o restante do corredor o mais rápido que seus passos lhe permitiam, sem emitir barulhos. O coração de Irina bateu rápido no peito quando desembrulhou os pergaminhos atados a um xale seu. Seus olhos verdes brilharam de excitação e curiosidade pelo desconhecido, e os

dedos longos desfizeram as fitas vermelhas que os amarravam.

Sua pulsação acelerada era quase como bumbos antecipando uma batalha, e foi a muito custo que manteve a sanidade enquanto trocava de roupa e desfazia a trança atada ao coque em sua cabeça, deixando que os cabelos ruivos ondulassem ao seu redor. Era uma visão delicada de mulher.

Atirou mais lenha ao fogo, a noite seria deveras fria. Levou uma vela até uma mesinha junto a sua cabeceira e enfiou-se nas cobertas. As mãos trêmulas desenrolaram os papéis enquanto mordida o lábio inferior levemente, já não ouvia mais nenhum som na noite além de sua própria respiração ruidosa.

Os olhos verdes agora corriam livremente a letra floreada do Conde, deliciados.

"Chovia muito aquela noite. Eu voltava de uma festa na casa dos Ferrars quando algo diferente me chamou atenção à margem da estrada. Era fato que havia bebido bem, mas nada que comprometesse meu raciocínio... Não ao menos ao ponto de confundir a silhueta feminina que escorregava claudicante ao longo do caminho.

Nunca fui homem de acreditar em superstições ou qualquer coisa de outro mundo que brincasse com o imaginário humano, enganando-o. Ordenei ao meu cocheiro que parasse, e prontamente ouvi um impropério.

Infelizmente já havia saltado do coche, e ainda que a chuva tivesse aumentado, eu me precipitara para onde vira a imagem à última vez. Ainda o ouvi gritar qualquer coisa atrás de mim, tentando dissuadir-me de me afastar demasiado da carruagem, mas eu estava intrigado com aquela situação.

George poderia dizer o que quisesse, mas jamais confundiria uma árvore com uma mulher. Não eu — pensei — Não mesmo! Ela era real... — murmurei enquanto avançava encharcado pela chuva até o local entre as folhagens. Toda minha propriedade é margeada por um bosque, e qualquer

desavisado que não conheça certos caminhos estava fadado a se perder da estrada principal. E, eram raras as pessoas que conheciam aquele caminho específico. Nem mesmo meus arrendatários o utilizavam. Eu não só estava curioso, como preocupado por ela estar ali...”

Com um suspiro, Irina olhou o quadro de Elinor preso à parede. Ambas tinham algo em comum — pensou com o coração disparado — haviam conhecido o Conde sob uma tempestade, possivelmente até no mesmo caminho. E ele não se enganara um milímetro ao ir resgatá-las. Não sabia exatamente o que o levara até ela, mesmo que Claire lhe dissesse sobre seu pressentimento, mas ele a encontrara.

Pôs o pergaminho contra o peito por segundos. Ele a achara quando podia ter ficado simplesmente dentro de casa, esperando-a. Afinal, ela dispôs-se a se arriscar, não é mesmo?

Respirou fundo, fechou seus olhos verdes por um momento e voltou-os para o pergaminho. Como no bosque, estava determinada em prosseguir.

“... Não foi difícil achar o corpo caído na lama, esgotado. Apavorado com a possibilidade de qualquer outro mal acontecer-lhe, voltei ao coche com ela nos braços. George nada disse, apenas ajudou-me a acomodá-la o melhor possível no banco da carruagem e colocou-nos em movimento em velocidade redobrada. Retirei meu sobretudo e meu casaco, e como esse estava um pouco mais seco, o pus ao redor dela.

Foi só nesse momento que a olhei atentamente. Afastei seus cabelos do rosto — eram de um louro claríssimo, ainda que repleto de lama — e deparei-me com uma beleza jamais sonhada por homem algum. Sua pele era clara e aveludada com uma pétala de rosa. Seus lábios eram finos, mas de um tom rubro que me lembravam dos morangos maduros... E seus traços eram delicados como a figura de um anjo do

paraíso. Contive a respiração antes de tentar descobrir seu verdadeiro aroma... Fechei meus olhos e aproximei-me de seu pescoço, e mesmo embolado à chuva, senti-lhe o perfume de pêssegos.

Combinava tanto com sua delicadeza — endireitei-me no banco incapaz de ocultar de mim mesmo minha fascinação. Não sabia-lhe o nome, os pais, a morada, mas estava rendido aos seus encantos. Não nego que tive vontade de acabar com aquela tortura, misturando o gosto dela ao o meu de uísque. Tinha certeza de estar em frente ao grande amor de minha vida. Isso não só me soava ridículo como deliciosamente romântico e digno dela. A mulher de quem nada eu sabia. Era algo terrivelmente impróprio, e improvável, vindo de alguém como eu... Um homem de tantas mulheres. Admito-o. Contudo, aquela jovem era diferente de todas as beldades londrinas... De todas suas afetações. Estava diante de uma joia única, rara.

Fui retirado de meus devaneios com a parada da carruagem em frente às escadas de Rothesay. Não esperei por ninguém para tirá-la dali e instalá-la num dos muitos quartos que mandara reformar recentemente. O melhor, mas para ela, nunca seria tão bom. Sorri para seu ar desacordado entre meus braços e abandonei minha felicidade em seguida para senti-la arder contra minha pele. Estava febril. Deus me ajudasse...

Assim que a deixei aos cuidados de Glayds para que lhe tirasse a roupa molhada e aquecesse o quarto, ordenei a George que partisse em busca de um médico e Gina que trouxesse compressas e água.

Por mais que o fogo fosse avivado. Por mais que lhe trocasse as tiras de pano por frescas... A febre não lhe dava trégua. Dizia coisas sem sentido, palavras emboladas e pedidos. Não abandonei um segundo sua cabeceira até que o médico chegasse. Porém, eu não estava preparado para ouvir o que ele tinha para me dizer... Não podia estar...

Mais surpreso.

Não só pelo estado geral dela, que era extremamente preocupante. Seus pulmões estavam comprometidos. Mas, principalmente, por sua condição específica de grávida. Sua debilidade era agravada pelo quadro delicado em que se encontrava, e não foi preciso mais que duas olhadas de esquelha para mim, para saber exatamente o que ia à cabeça do doutor.

Deixei-o derramar suas condenações sobre mim, estava longe de provocar a cólera de alguém quando não sabia exatamente como me defender. Estava perdido na figura delgada que jazia sobre a cama e que sequer sabia se sobreviveria aquela noite, como ele fora capaz de alegar antes de sua reprimenda. Ora não podia pensar em defender sua honra quando não sabia se ela estaria viva na manhã seguinte. Em questão de minutos, o pus para fora. Dando-lhe uma boa quantia por seus serviços fora de hora... Por seus conselhos miseráveis... E por seus palpites funestos, que comecei a desejar que fossem infundados.

Alarguei o nó do lenço ao redor do meu pescoço, retirei meu colete e andei por meu quarto. Havia ido trocar de roupa e deixei-a aos cuidados de Glayds. Eu não podia simplesmente abandoná-la quando fizera questão de vê-la a salvo. Olhei minha figura refletida no espelho. Não podia culpar o doutor por suas conclusões absurdas, eu era um caso perdido até mesmo para meus pais. Um jovem farrista... E, muitas vezes, imoral.

Voltei ao quarto onde a jovem estava instalada e dispensei Glayds. Não ia pensar em nada até o dia amanhecer e ela e a criança estarem fora de perigo. Puxei a poltrona para perto e me deixei ficar ali. A camisa dobrada até o cotovelo, para fora das calças; e os cabelos revoltos em cachos escuros.

Uma noite tenebrosa, em que meu destino parecia ter se unido a outro por ocasião de uma tempestade. Uma maneira

aterradora para a vida de alguém como eu, mudar.

Admirei mais uma vez a beleza exposta dela, cuja pele adquiria um leve rosado por conta da febre. Troquei-lhe a compressa da testa. Não havia muitas chances para nós... Era mais certo que quando o médico retornasse na manhã seguinte, eu tivesse minha liberdade restaurada.

Acarinhei, com o dorso de minha mão, seu rosto, e com um longo suspiro trouxe-lhe uma das mãos até meus lábios, roçando sua pele com um meio beijo meu.

Por mais insano que me soasse, por mais que minha razão pudesse me condenar quando a noite cessasse sobre nossas cabeças... Eu a queria viva. Talvez, se fosse outra mulher... Outra ocasião, eu não me importasse.

Contudo, aquela mulher eu queria viva... E a queria minha. Sem muitas explicações, apenas queria.

Naquela noite, pedi a Deus que deixasse ela comigo..."

Com a respiração suspensa, encoberta pelo choro que lhe fechava a garganta, Irina deixou o pergaminho cair de seus dedos. Seus olhos verdes escorregavam por sua face em rios translúcidos. Jamais poderia supor que Claire não fosse filha dele... Jamais poderia supor que aquele homem seco, que a tratara friamente na biblioteca, fosse capaz de amar com aquela intensidade.

Poucas pessoas deviam partilhar daquele segredo. Tinha certeza de que nem mesmo Lady Charlotte sabia de algo... Ó Deus, o que faria se descobrisse que ela sabia?

Ergueu os olhos verdes até o retrato da Condessa. Ela era a mulher do pergaminho, das letras cheias de desejo e paixão... Enganara-se quando pensara que fossem parecidas, haviam apenas partilhado de momentos parecidos como a chuva, o receio e o quarto. Olhou a poltrona que ele ocupara a sua cabeceira.

Aquelas eram suas limitações. Assim como a morte de sua mãe no passado fora determinante para nunca ser amada daquela forma

por ninguém. Enrolou os pergaminhos no xale outra vez. Guardaria o segredo do Conde consigo.

Para sempre se fosse preciso, defenderia aquele amor com unhas e dentes.

E, com um sopro, deixou que a chama da vela se fosse.



O dia seguinte acordou preguiçoso sob uma camada espessa de neve, que cobria todos os caminhos para Rothesay. Irina desceu para o dejejum como sempre, havia feito seu perfeito coque com a longa trança rubra. Vestia o habitual traje cinzento e lançava olhares irregulares a Claire, buscando qualquer conexão com o Conde. Porém, de fato, nada havia.

Até mesmo sua habitual espontaneidade, seus sorrisos e suas palavras a distinguiam do pai. Irina a fitou longamente. Não havia muito do Conde nela, exceto — talvez — alguns maneirismos de comportamento. Sentava-se completamente ereta na cadeira e quando se dedicava a algo, aquilo a absorvia imensamente.

Observava sua aluna com uma curiosidade redobrada, já que tentava desvendar o que tanto o Conde admirava em Elinor além da beleza. Havia graça em cada gesto de Claire, nada proposital ou forçado como a maioria das damas. Era natural e delicado. Encantador.

A manhã passou envolta em música e treinos de canto; à tarde, dedicaram-se aos livros. Foram momentos em que Irina se deixou levar por seus escritos, arrebatada pelos sonetos de Shakespeare.

Já era tarde quando se recolheu ao seu quarto, acendendo a vela à cabeceira e retomando seus preciosos pergaminhos. Estava ansiosa pelo Conde, ansiosa pelo que encontraria. Desenrolou o segundo tão logo enfiou as mãos pelos fios avermelhados e os soltou da trança, espalhando-os por suas costas. Recostou-se nos

travesseiros, aninhando-se entre as inúmeras cobertas e suspirou, trazendo à altura dos olhos.

Seu coração batia apressado no peito. Havia definido que protegeria o segredo do Conde com toda sua força e determinação. Não era de se assombrar que encarava, agora, aquelas linhas como uma pequena aproximação. Um pequeno momento partilhado entre ambos. Mordeu o lábio inferior e sustentou os olhos verdes nas letras bem feitas, podia ouvir-lhe a voz...

"Creio ter sido a noite longa demais. A mais longa de minha vida. Era como se o manto escuro desistisse de deixar nossas cabeças e pensasse em tornar permanente aquela sombra em meu coração. Muitas vezes troquei-lhe as compressas, e poucas consegui que meus olhos cerrassem num descanso conturbado. Meu coração insistia em me pregar peças, fazendo-me sobressaltar a menção de qualquer barulho que pudesse ser um sinal de que ela voltara a si.

E foi um desses muitos sobressaltos que me fez perceber que a manhã se tornava uma penumbra entre as cortinas da janela, e o que havia entendido como um gracejo de um pássaro qualquer ou apenas um murmúrio matinal era, na verdade, uma pergunta soprada por seus lábios.

Encarei aqueles azuis cristalinos por segundos, surpresos sobre mim e sorri enquanto ela insistiu baixo:

— Onde estou?

Confesso ter demorado um pouco para respondê-la, mas estava intoxicado pela felicidade de vê-la bem.

*— Está segura... — Olhou a sua volta e percebi que o que dissera não era o suficiente para acalmá-la. Então, completei:
— No Castelo de Rothesay.*

O estranho brilho em seu olhar demonstrou que minha fama era de fato um mau sinal para quem quer que estivesse ao meu lado. Tinha certeza que, se tivesse dispendo de sua

força rotineira, deixaria minha casa no instante seguinte.

*— Eu não tencionava causar nenhum tipo de problema...
— disfarçou sua nota de preocupação com um semblante de gratidão.*

— Fico feliz que tenha acordado melhor — resolvi dispensar qualquer tipo de incômodo que o receio dela me impusesse, já que não mudaria nenhum fato anterior de minha vida.

— Oh, sim... — Ela também me pareceu de acordo em não entrarmos em pormenores. — Tenho uma dívida para com milorde, ainda que não me recorde como vim parar aqui.

— Chovia muito, provavelmente saiu da estrada principal sem perceber. Poucas pessoas conhecem esse atalho direto para Rothesay, mas ele é útil quando não se quer perder tempo...

— Entendo — disse com cuidado. — Achou-me na estrada...

— Sim, de fato, eu e meu criado. Uma sorte, deve admitir. Não sei o que seria da Srta... — eu interrompi minha fala aí, na esperança que me cedesse seu nome. E não estava enganado.

— Elinor... — Baixou os olhos num rubor perfeito de bochechas. E não era de febre. — Elinor Bertrand. Receio que more em suas terras, milorde.

— O nome lhe cai muito bem. — Provei do gosto de vê-la ficar ainda mais corada. — E, se é como diz, tão logo o doutor venha, avisarei sua família onde está.

Ela não podia estar mais surpresa deixando aquele olhar azul sobre mim.

— Um doutor? — balbuciou incerta. O temor dela não me passou despercebido, pois era certo que sabia de seu estado. E, talvez, fosse o motivo de tê-la encontrado tão distante das terras dos arrendatários. — Estive sendo assistida por um?

— *Sim, posso entender um pouco de ciência, mas meus conhecimentos médicos são poucos. O seu estado geral inspirava muito cuidado... — Deixei implícito que o conhecia bem.*

Elinor demorou um pouco para retomar o assunto, era certo que racionalizava o que diria. Parecia-me muito esperta e isto me fascinava ainda mais.

— *Deve saber, então, que não posso voltar para casa — determinou com aqueles olhos brilhantes como safiras.*

— *Se fala de sua gravidez, creio que após a visita do doutor devamos conversar a respeito.*

— *E por que o faria?*

— *Não me sinto inclinado a ser tratado como um tolo, ou tratá-la de tal forma. Há poucos minutos li em seus olhos que minha péssima reputação é de seu conhecimento — resumi em poucas palavras o que ela deveria esperar do comportamento do doutor. — Embora nunca a tenha visto antes em minha vida, o que posso dizer agora que lamento, não é isso que se apresenta aos olhos do bom doutor...*

Os olhos azuis se alargaram.

— *Santo Deus, ele não pode estar pensando que nós... — Ela correu seus olhos por mim e eu me senti despido. Perfeitamente nu e pronto a torná-la minha.*

— *Sim, está... Garanto-lhe. — Sorri. — Porém, devo pedir que, por ora, se esqueça disso...*

— *Não sabe como meu padrasto é — ela me interrompeu em olhos vermelhos e meu coração bateu uma vez menos. — Se isso chegar até seus ouvidos. — Havia pânico e tremores, e aproximei-me dela, segurando-lhe a mão. Seus olhos azuis nos meus castanhos enquanto levava-a aos lábios e depositava-lhe um beijo casto em seu dorso. — Eu não pretendo abandoná-la.*

— *Não é seu filho... — murmurou.*

Eu a soltei e me encaminhei para a porta, destravando-a.

— Sim, é fato... — Fitei-a com carinho. — Todavia, isso é apenas de conhecimento meu e seu. Se lhe der meu nome, ninguém dirá mais nada de mim, de você ou da criança... E você não precisará fugir de casa.

— Por que faz isso, milorde?

Sorri-lhe de canto.

— Vou pedir a Glayds que lhe traga sopa. — Abri a porta para sair. — A propósito, seja qual for sua escolha... Está entre amigos. Bons amigos — frisei, deixando clara minha posição no início de nosso possível comprometimento.

Ela apenas me olhou com carinho e deixei o quarto. Podia sentir o quanto estava machucada e acuada, provavelmente o pai da criança fugira de seu compromisso. E isso, de certa forma, me irritava profundamente. Nos meus mais loucos relacionamentos, jamais despejara um filho em alguém.

Podia ser mulherengo, mas estúpido ou canalha, nunca!

Pisei firme na escada com as botas de cano alto. Que o infeliz nunca cruzasse a minha frente."

Uma vez mais Irina deu uma leve fungada, seus olhos verdes se liquefaziam em gotas cristalinas que corriam suas bochechas coradas de tanto enxugá-las com ferocidade. Era estranho pensar que a curiosidade a tivesse levado ali. A curiosidade por Lady Elinor. Contudo, era mais estranho ainda que quando descobrira o tesouro pensara em conhecer mais sobre o Conde... Aquela figura austera, sempre tão segura de si. Embora aquelas linhas ainda o mostrassem resoluto, era de longe um retrato fiel do homem severo que encontrara ao chegar a Rothesay.

Muito pelo contrário, se o primeiro pergaminho a havia confrontado com um amor que desejava para si nas palavras sinceras do Conde — algo que jamais pensou ouvir —, o segundo tornava-se, a cada linha, aterrador. Suas emoções, embora

controladas, a faziam suspirar mais e mais por aquele homem. Sua personalidade inteligente, seus princípios... Sua alma revelada tão puramente. Regozijava-se de estar dentro da mente do homem que temera num primeiro instante, que queria confrontar a qualquer custo... Porém, agora, ele falava ao coração de uma jovem que esquecera o quanto era bom sonhar, que se impedira de pensar nisso durante anos, mas que aquelas letras despertavam para uma consciência única: era uma mulher e queria ser amada daquela maneira...

Queria ser cortejada com tal intensidade.

E ser a dona dos pensamentos de um homem — Seus olhos vidraram no pergaminho — Alguém como ele.

A compreensão de seus sentimentos totalmente inusitados e imprudentes a fez abandoná-los e se concentrar novamente na leitura. Queria voltar a sonhar...

"Assim que o médico deixou o quarto de Elinor, fez questão de manter uma breve entrevista comigo. Uma conversa da qual eu tinha certeza do conteúdo.

Ele segurava um cálice de xerez quando sentenciou em minha biblioteca:

— Não nego, Lorde Thomas, que a jovem se encontra bem melhor.

— Isso muito me anima.

Fitou-me de cima abaixo.

— Imagino que sim. — Bebeu um gole. — Contudo, devo alertá-lo de que sua melhora pode ser temporária.

Enviesei minhas sobrancelhas, preocupado.

— O que quer dizer exatamente?

— Os pulmões dela podem nunca mais serem os mesmos, por isso todo cuidado é pouco. Quanto à gravidez, ela não deve ser movida por longas distâncias, nem sequer tomar

carruagem até conceber, ou poderá não fazê-lo. — Ele sorveu o resto do líquido, e aproveitando meu minuto de abstração, concluiu: — E, como sei que vai tomar a responsabilidade sobre si, é melhor que conheça o quadro geral de milady — fez questão de frisar-lhe o título.

Encaramo-nos por breves minutos, coisa que nunca me sinto bem em fazer.

— Está tudo bem anotado em minha memória, doutor. — Sorri-lhe, dando a volta na mesa próxima para pegar minha carteira. Saldaria minha dívida com esse homem, em todos os sentidos.

E foi o que fiz, estendi-lhe uma gorda quantia e ele não pôde disfarçar sua surpresa... Nem, tampouco, declinar minha oferta. Estava comprando uma parcela de tempo até que a notícia do meu suposto herdeiro atacasse Bute como bicadas maliciosas.

Ele me dispensou uma elegante mesura e tomou a direção da porta dupla. Eu ainda bebia meu cálice quando o vi deixar o aposento. Não era certo um homem como eu comprar o silêncio de um homem como o doutor, mas infelizmente creio que nossa sociedade esteja muito longe de atingir as regras de boa conduta sobre a qual se agarra ferrenhamente e jura defender.

George entrou no minuto seguinte, encontrando-me de olhos cerrados e, desta forma, pensativo.

— Deseja algo, milorde?

Molhei meus lábios ainda com os olhos castanhos cingidos e observei:

— Meu cavalo, mande selá-lo.

— Está ciente da neve por todos os lados de Rothesay...

— Estou.

— Então, farei o que me pede... Se me dá licença.

E a porta foi fechada após seus breves passos em sua

direção. George era um mordomo perfeito. Um criado extremamente fiel... Um criado não, um amigo.

Abri meus olhos e fixei a porta. Minhas têmporas latejavam. Não sabia que tipo de homem era Bertrand e isso me levava a inúmeras saídas para aquela situação que não um embate. — Pus-me de pé. — Todavia era inútil conjecturar algo, a situação se encontrava bem definida em minha mente: eu me casaria com Elinor... Ele gostasse ou não.

Encaminhei-me para a porta e fui visitar minha noiva antes de sair para tomar-lhe a mão, sabe-se lá em que recanto de Bute. Passei a mão nos cabelos e deixei a biblioteca.

Encontrei-a mais animada, conversando com Glayds após ter sido assistida pelo doutor. Ela sorria e isso aqueceu meu coração. Parei sob o portal, cruzando os braços à altura do peito e, instantaneamente seus olhos azuis se prenderam a mim. Foi delicioso — de uma forma diferente da qual estava acostumado — vê-la reter a respiração diante da minha presença. Não me sentia um pavão aprumado para desfile, garboso de minhas muitas cores, pelo contrário, sentia-me arrebatado por um tormento infernal, que me fazia desejar coisas extremamente insanas.

Desfiz o laço de meus braços e desviei o olhar para Glayds, dispensando-a. Ela cedeu uma desculpa qualquer a Elinor e nos deixou sozinhos. Estudei cada centímetro de minha aproximação da cama. E, quando calculei estar seguro, dirigi-me a ela:

— Então, como se sente?

— Bem melhor, obrigada. — Corou dessa vez, fortemente.

— Fico feliz que se recupere bem...

— Sim... — Alisou os lençóis de algodão.

— Lady Elinor... — Entreabriu os lábios deliciosamente e me reprimiu:

— Apenas Elinor... É o bastante entre nós, milorde.

— Vejo que o bom doutor a coagiu também. — Cedi-lhe um meio sorriso na esperança de que ela não escapulisse da conversa que deveríamos ter.

— Ah não, foi indiscreto, se assim posso dizer... — Devolveu-me o sorriso de forma intensa. — Contudo foi bem enfático em relação a minha gravidez, devo me ater à cama e somente a ela.

Ela ficava linda corada e frágil entre aqueles lençóis.

— Isso sugere que meu plano tenha um desenrolar ainda mais rápido, não acha?

— Por que quer se sacrificar por mim? — foi franca como nenhuma outra mulher o seria numa situação como aquela.

— Difícil de explicar no momento... — disse não tão sincero. Não podia simplesmente dizer que a desejava com todas minhas forças... Que estava loucamente apaixonado. Seria descortês e não me agradava. Decididamente não me agradava. — Acredita em Deus, Srta. Bertrand?

— Sim, tenho fé nele.

Eu também tinha e agradecia sua intervenção.

— Pois creio que vieste para me redimir.

— Eu? — estranhou deliberadamente. Deus precisava me ajudar.

— Sim — sentenciei categórico, agarrando-me a minha fé. — Tenho certeza de que nosso encontro não foi por acaso, Deus me mostrou como fazer o bem, de uma forma honesta e definitiva.

— Não vejo como eu possa ser um bem... Não nessas condições.

Seu cenho entristeceu, e meu coração diminuiu no peito.

— Não vê porque está muito abalada ainda, mas sei que falo a verdade. Permita-me procurar seu pai e firmar o compromisso...

— Não estou certa, milorde... Não é um filho seu, que carrego.

— Mas será — pressionei-a firme. Corríamos contra o tempo. — Não és um fardo ao qual me disponho carregar por uma vida. Elinor, entenda... Ambos nos desonramos, e para o futuro dessa criança é melhor que aceitemos nosso destino o quanto antes.

Colhida de surpresa pelo meu apelo maternal, ela passou delicadamente os dedos pelo ventre.

— Ela terá tudo que meu nome puder lhe dar, e lhe juro que serei o melhor pai do mundo...

Os olhos azuis se ergueram molhados. As lágrimas corriam livres por suas bochechas. Ah, maldição, eu amava. Amava como jamais pensei amar alguém.

— Nunca, milorde, me pediram em casamento... — Soluçou. — E, depois do que houve, jamais pensei que pudesse acontecer.

Cerrei meus punhos e saí de minha posição de resguardo, e com apenas duas passadas, estava à beira da cama e me inclinei sobre ela sem consentimento expresso.

— Isso foi porque nunca encontrou um homem decente...

Segurei-lhe o queixo e ergui aquelas safiras para mim. Era como mergulhar no mar de verão, quente e avassalador. Com toda minha paixão, tomei seus lábios nos meus. Eram doces e suaves, e se abriram para mim como as pétalas de uma flor. Delicadas e temerosas, e eu a tomei; tomei cada recanto de sua boca para mim com toda fome que havia sido despertada na véspera..."

Irina terminou a leitura do segundo pergaminho sem ar. Seu coração era um bumbo em seus ouvidos. Seus lábios estavam partidos e ressecados, e os molhou delicadamente com a ponta da língua. Fechou os olhos e lembrou-se como a figura do Conde lhe

pareceu selvagem, com seus cabelos cacheados espalhados por seu rosto quando despertara naquele quarto.

Respirou fundo, lembrando-se das notas de alecrim na biblioteca, seus braços roçando-lhe a cintura... A doce sensação do corpo de homem colado ao seu. Reprimiu um gemido, estava enlouquecendo — pensou quando levou dois dedos aos lábios. Podia sentir o beijo, o gosto da boca do Conde... Cada fibra do seu ser cedendo à presença daqueles músculos contra os seus, tão delicados.

Sem notar o que fazia, escorregou o corpo contra os lençóis e deitou-se. Estava em brasas e queria mais daquilo, mais beijos em seu pescoço... Por seu colo... — assustou-se com seus pensamentos e abriu os olhos. Estava sozinha no quarto, uma ingênua filha de um pároco. Afundou o rosto no travesseiro, era frustrante que naquele momento não pudesse nem mesmo vê-lo...

Seus olhos se alargaram preocupados enquanto as mãos, ágeis, reuniam os pergaminhos de qualquer forma. Ergueu-se com pressa e os devolveu à gaveta, retomando as cobertas com a mesma urgência que as deixara. Aproximou o rosto da vela murmurando:

— Estou fora de meu juízo! Não posso simplesmente encarar esse homem sabendo tudo que sei... Sentindo esse tipo de coisa. — Balançou a cabeça negativamente. — Preciso me reconciliar com Deus.

Soprou a vela.



CASA COMIGO?



Olhou a pequena casa à frente, deveria ter no máximo quatro quartos e duas salas. Seu jardim, apesar de bem cuidado, era diminuto, mas havia certo colorido sob as cortinas de renda que denotavam a presença feminina.

Respirou fundo e olhou a porta branca, insistira que Charlotte o acompanhasse, mas a prima se esquivou de todas as maneiras, alegando ser uma conversa de homens e que sua presença poderia atrapalhar. Não gostava da ideia de enfrentar outro pai em busca de matrimônio, o que parecia ter se tornado uma sina em sua vida para fugir de certas situações. Embora da primeira vez tivesse a condescendência da noiva, e dessa houvesse apenas sua ignorância dos fatos.

Agora era tarde demais para ponderações, deveria seguir à risca o que planejara, cada palavra deveria ser dita com a entonação correta. Limpou a garganta e alçou a mão à porta.

Não passou mais que cinco minutos para que uma moça com o formato de rosto idêntico ao de Irina aparecesse a sua frente com um vestido de flores pequenas e azuis. Caía-lhe muito bem — administrou mentalmente, supondo que deveria acontecer o mesmo a sua futura esposa. — Os olhos verdes dela se estreitaram, esperando que ele se apresentasse e um sorriso floreou seus lábios.

— Milorde... — disse numa curta reverência.

Thomas se empertigou. A jovem tinha o mesmo tom de voz da ruivinha infernal, contudo seus cabelos eram de um louro bem pálido, em cachos que vinham-lhe até a cintura.

— Perdoe-me... Sou Lorde Thomas Hattway, primo de Lady Charlotte. Gostaria de falar com o Reverendo Reims se fosse possível.

Por segundos, Thomas achou que a moça fosse gritar, porque

levou suas mãos pequenas aos lábios, mas ela tremeu e mal conseguiu pronunciar uma frase que o deixou surpreso:

— Oh... O que aconteceu a minha irmã?

O Conde piscou algumas vezes antes de respondê-la sincero. Não pensava estar com um semblante tão carregado.

— Espero que nada, Srta. Reims. Quando deixei Rothesay, há quatro dias, ela estava muito bem...

A jovem fechou os olhos e levou a mão ao coração.

— Graças a Deus... — murmurou, dando-se conta que se encontravam ainda sob o batente da porta. — Entre, por favor, milorde. Vou avisar meu pai de sua presença. Aceita chá?

— Não, obrigado.

Olhou com curiosidade a organização do lugar enquanto a jovem o deixava sozinho e sumia por uma porta lateral. O papel de parede era em tom de verde com minúsculos botões de rosa. Os móveis eram bem usados, mas conservados a contento e possuíam um estofamento num leve tom de salmão. Não havia fotos nas paredes, mas sobre a cornija da lareira, uma senhora o encarava numa pose austera. O nariz arrebitado e os cabelos ruivos não negavam que era a mãe de Irina. Ele sorriu ao perceber que a jovem manteria a beleza quando a idade lhe alcançasse. Isso o agradava imensamente, não teria um casamento tedioso. E, a julgar pela organização da casa, ela era extremamente capaz de cuidar Rothesay. Talvez não fosse tão ruim assim a sua escolha.

— Milorde... — uma voz grave alcançou seus pensamentos, roubando-os deles. — Minha filha mais nova me avisou que desejava me ver. — Estendeu-lhe a mão. — Sou o Reverendo Reims.

Era um homem tão alto quanto Thomas, mas um pouco menos corpulento e de cabelos louros como a jovem que lhe recebera. Seus olhos eram de um castanho intenso e escuro. Tinha um rosto anguloso, porém jovial e fez um sinal cortês para que Thomas se sentasse.

— Obrigado. — O Conde pôs a cartola sobre o colo ao se sentar.

— Espero que Irina esteja bem... — iniciou a conversa. Falava calmamente e sem nenhuma intenção de ser arrogante, o que surpreendeu Thomas e o desarmou momentaneamente.

— Sim, fiz questão de dizê-lo a sua filha.

— Imagino que Gwen tenha se assustado ao vê-lo. — Sorriu. — É uma jovem cheia de ideias românticas. Irina sempre alimentou isso nela.

— Às vezes, jovens precisam de sonhos — comentou o Conde.

— Talvez — determinou o clérigo. — Porém, em nossa posição, sonhos podem ser dolorosos.

— Eu o compreendo, Reverendo — sentenciou Thomas.

— Lady Charlotte quer levá-la para Londres, essa temporada — continuou o clérigo jovial. — Foi um pedido de Irina, mas não estou muito certo de que devo deixar. Se algum daqueles jovens se enamorar de Gwen não terei como dar-lhe um dote e ele se irá...

Estava diante de um homem que o compreenderia se explicasse as coisas como ensaiara. Empertigou-se na poltrona e determinou:

— Talvez fique mais tranquilo se souber que eu e sua filha acompanharemos a minha, à próxima temporada em Londres. A Srta. Gwen não ficará sozinha, tem minha palavra.

A expressão do Reverendo se tornou preocupada e seus olhos azuis o fitaram apreensivos.

— O senhor diz que minha filha estará ao seu lado durante a temporada?

— Sim, exatamente isso. — Manteve-se sério. — Foi o motivo que me trouxe até aqui.

O Reverendo recostou-se em sua poltrona e ditou:

— Estou ouvindo...

— Jamais ousaria ter sua filha ao meu lado em plena sociedade, senhor, se não a honrasse... — O homem empalideceu e Thomas se apressou em atenuar suas palavras. — Creio que não me fiz entender... Não desonrei sua filha, jamais ousaria tal delito. Porém,

quando entrar naqueles salões ao lado dela, quero que seja como minha esposa. A Condessa de Rothesay.

— Milorde, Irina não está lá nem há uma quinzena...

— O amor não escolhe o dia mais quente do verão para se aninhar num coração... — O sorriso do Conde não poderia ser mais luminoso, embora seus pensamentos vagassem na deliciosa pele clara de sua ruivinha. Por Deus, de onde saíra esse "sua"?

Os olhos castanhos o analisaram por um bom de tempo antes de prosseguir.

— É um homem bem mais velho que minha filha, Milorde.

— E, por isso mesmo, sensato em dizer que me apaixonei por ela e não gosto da ideia de não tê-la ao meu lado cada minuto que ainda resta de minha existência.

O Reverendo ainda estava sério e Thomas pensou que falhara miseravelmente em expor-se daquela maneira, mas uma leve risada o trouxe ao semblante suave do sogro. Certamente o chamaria de sogro em breve.

— Não morrerás tão cedo, milorde. — Ele tossiu. — Mas sou capaz de entender o amor.

— Tenho sua permissão para casar-me com sua filha?

— Se é do desejo dela...

— Sim, o é... Ainda que lhe pareça súbito, asseguro-lhe que nos amamos. — E algo estalou em sua mente. Algo que encerrasse de vez o assunto: — Ela, assim como eu, deseja que o senhor faça a cerimônia. Dar-nos-ia essa honra, Reverendo?

— A honra é toda minha. E quando pensam em se casar? — Fitou-o sério. — Ela está sob seu teto, Milorde. Não me entenda mal, mas nessa nova condição os boatos florescerão com mais intensidade. Estou ciente, assim como creio que Irina também para aceitá-lo com tamanha brevidade, que esta é uma de suas últimas chances de casar. — O Reverendo assumiu uma postura inflexível, e Thomas soube que não deveria intervir, não ainda. Estava apenas agindo como um pai preocupado, como ele mesmo o faria com

Claire. — Serei sincero como o senhor, não sou tolo ao ponto de achar que não há mais nada envolvido para que esteja aqui na minha frente, se expondo dessa forma. É um homem reservado demais, vejo por suas formalidades, para abrir mão de seus sentimentos com a facilidade com que o faz. Contudo o aceito, pois sei que tamanha pressa nada tem a ver com qualquer desonra contra minha filha.

— Tem minha palavra que ela continua virtuosa como a vi pela primeira vez — disse sério. Se achava que estava enganando alguém, fazia-o apenas a si mesmo.

— Conheço minha filha, milorde. — Sorriu-lhe. — E creio que farão bem um ao outro. Se ela concordou que viesse aqui e falasse comigo, é porque sente algo. Quanto ao senhor... — Fixou seus olhos azuis nos castanhos dele. — Irá amá-la mais rápido que imagina. Ainda não me disse para quando será a cerimônia...

— Em um mês. — Não havia nada mais a ser dito.

— Perfeito, poderemos dizer, de qualquer forma, que Irina foi para Rothesay ajeitar os preparativos e conhecer sua filha, a fim de evitar qualquer trauma... Eu creio.

— Foi exatamente o que pensamos...

— Imagino que sim — consentiu o pároco. — Só me resta, então, parabenizá-lo, milorde.

Com um sorriso, estendeu-lhe a mão como um cavalheiro honrado. Thomas sentiu um grande alívio ao apertar a mão do clérigo e abraçá-lo. Não era bom em lidar com a proximidade das pessoas. Fora no passado, mas agora... Porém, quando se deu conta, recebia congratulações também das irmãs de Irina, que inevitavelmente haviam ouvido parte da conversa e ele nem dera conta. E, incrivelmente a do meio, Yvine, lembrava-a muito, exceto pelos olhos e o ar recatado.

Sentiu, de repente, saudades de casa. Mas que diabos era isso? Um comichão para vê-la? Estava deixando a farsa suplantar sua razão. Sentia até mesmo o cheiro de lírios, tinha que sair dali, e com uma desculpa de que iria jantar com Lady Charlotte, deixou a

aconchegante casa dos Reims, prometendo que Irina escreveria assim que ele chegasse a Rothesay.

No caminho de volta, sentiu uma sensação incômoda no estômago. Algo como apreensão. Será que a ruiva o aceitaria?



Quando abriu o terceiro pergaminho aquela noite, Irina tremeu. Não pelo frio que assolava Rothesay nos últimos dias e as impedia de dar um passeio, mas porque seu coração seguia num misto de curiosidade e apreensão pelas linhas do Conde.

No fundo, temia não querer vê-lo comprometido com Elinor. — Suspirou. — Era uma jovem tola como seu pai sempre lhe dizia, mesmo que em gracejo. Os dedos finos projetaram-se sobre o papel e, com cuidado, os olhos verdes o percorreram... Sim, era uma boba em pensar que ele pudesse dizer não a sua paixão por Elinor, afinal ficara com ela até o fim, não é mesmo?

Uma dor profunda, que ela não sabia de onde vinha, alfinetou-a e as lágrimas escorreram por seu rosto. Burra — disse a si mesma, enxugando-as. Não havia nada entre ela e Rothesay... Nada. Fixou sua atenção e reprimiu um soluço. Era melhor deixar aqueles sentimentos de lado o quanto antes.

"Assim que montei Salazar — um puro sangue árabe que me acompanhava há algum tempo —, disparei estrada afora, sem nem pensar em contatar meu administrador, o sir. Jack Wilson. Era ele quem cuidava dos arrendatários e, provavelmente, me faria perder menos tempo procurando a casa dos Bertrand. Contudo, não o queria envolvido na história. Quanto menos pessoas soubessem do fato completo, melhor seria.

Dessa forma, com um pouco de perspicácia e inteligência

achei-os em sua casinha humilde no meio de um vale. Apeei do cavalo e andei até a porta, atando Salazar à cerca próxima. A casa era modesta, com poucos aposentos e móveis, e tão logo bateu à porta, um homem moreno de cenho duro e olhos escuros interpelou-o:

— O que quer aqui... — Analisou-o profundamente. — Milorde?

— Esta é a casa de Arthur Bertrand?

— Quem quer saber? — devolveu desconfiado.

— O Conde de Rothesay.

Os olhos do homem se alargaram e ele ficou sem ação por alguns momentos.

— Oh, Milorde, perdoe-me por não tê-lo reconhecido...

— Nunca me viu antes, não poderia fazê-lo — retruquei severo. — Podemos entrar?

Decidi por me convidar, pois o homem não parecia inclinado a manter uma conversa, mas ali, à porta, não era o lugar certo para conversas como a que teríamos, e a contragosto, Arthur consentiu:

— Como desejar, milorde... — Deu-me passagem. — Não repare.

A casa, como supunha, ainda era mais modesta por dentro, e assim que entramos uma menina de quatro aninhos — creio eu — surgiu na sala dizendo:

— Papai, quem é ele?

— Volte para a cozinha com sua mãe, menina! — esbravejou, fazendo-a encolher os ombros. — Só apareçam se eu chamá-las!

Apesar dos grandes olhos abertos na minha direção, a menina saiu correndo enquanto tomava uma antipatia latente pelo padrasto de Elinor. Eu podia não entender de crianças, mas estava claro para mim que a única palavra ali dentro era

dele, e de nada adiantava apelar para a mãe de minha amada.

*— Sr. Bertrand, sua filha mais velha Elinor, está em casa?
— sondei-o sério. Queria saber até que ponto se importava com a enteada.*

— Elinor? — o homem gaguejou por um momento, alisando o queixo. — O que fez dessa vez?

— Gostaria de falar-lhe a respeito dela, se fosse possível — determinei, não gostando nada do rumo das coisas.

— Escute, melhor deixar bem claro que ela não é minha filha. Casei-me com sua mãe há quatro anos — interviu. — Ela já era uma moça feita e difícil de domar, como deve ter ficado sabendo.

— Sim, de fato soube de muitas coisas — mencionei. — Uma delas foi justamente o que me trouxe aqui.

— Alteza... Milorde... — Arthur estava perplexo. — Assim que chegar o verão, ela irá morar com uma tia. Não causará mais problemas para nós. — Sorriu-me amarelo. — Asseguro-lhe!

Os olhos castanhos do Conde cerraram.

— No verão será muito tarde, creio eu...

— Maldita! — praguejou baixo, quase fora de si, mas tornando seu olhar a mim. Estava abrindo de todas suas prerrogativas. — Não temos dinheiro... E minha esposa não aguentará mais uma de suas leviandades. — Eu duvidava muito que uma mãe abrisse mão de um filho dessa maneira, ainda que minha própria mãe não fosse um belo exemplo de maternidade, mas ela ao menos tentara me manter em sua casa... Com argumentos errados, mas tentara. Arthur nem isso daria a Elinor, e eu estava ao ponto de segurar-lhe, mas controlei-me, tornando meu semblante ainda mais duro. — Sabe, milorde, ela tem sido uma péssima filha. Um estorvo, tenho que admitir. — E os olhos dele perderam o brilho, era um ótimo ator. — Diga-me, o que ela fez?

— *Eu não sei ao certo, mas me parece que não está em condições de ajudá-la — testei-o mais francamente.*

— *Não, não estamos — lamuriou-se. — Elinor não quer saber de trabalho e se deita com a maioria dos camponeses. — Minhas veias protestaram ardendo freneticamente. — O que quiser fazer em relação à Elinor, seremos capazes de aceitar...*

— *Está me dando sua enteada?*

— *Ela não é mais bem-vinda nessa casa, não me importa seu destino — rebateu severamente. — Elinor escolheu seu caminho, meu senhor. Só estou tomando a posição que deveria ter tomado há tempo.*

Apesar do ódio que sentia, não pude evitar um sorriso de canto, ele finalmente mostrava-se por inteiro. Era um canalha.

— *Se é assim, não ficará triste em saber que sua filha será a dona das terras em que mora e poderá fazer com o senhor o que bem entender... Como acabou de fazer a ela... — O homem empalideceu e eu quase me regoziquei por isso, mas era desnecessário perder minha postura. — Parece-me uma troca justa.*

— *Elinor, dona dessas terras? — urrou após alguns minutos de silêncio. — Como pode isso?*

— *Ela será minha esposa...*

Os olhos de Arthur estavam esbugalhados diante da notícia.

— *Isso não é possível!*

— *Se digo que é, acredite ser possível. Eu não brinco com um pedido de casamento, Sr. Arthur.*

Uma gargalhada varreu o ar e senti um frio na espinha quando ele determinou num tom de ironia:

— *Então a meretriz o seduziu... — E voltou a gargalhar. Estava no meu limite, não suportaria que desdenhasse de Elinor. Nunca! — Ela conseguiu ludibriá-lo, milorde, e arrancar-*

lhe um filho! — Seus olhos brilharam e eu tentei pensar num argumento válido para não socá-lo em sua casa. — Sabia de sua reputação, mas jamais imaginei que se deitasse com qualquer uma...

Contudo, foi em vão. Já estava de punhos cerrados quando ele terminou a frase, e sei que não soube dizer como ou de onde, mas um soco poderoso atingiu-lhe o rosto, abrindo-lhe o supercílio. O sangue escorria pelo nariz impunemente enquanto rosnava:

— Mas que merda é essa? — Passou a mão pelo corte. — Acertou-me!

— Não como queria, acredite — bufei, mantendo a minha guarda alta. Não o conhecia bem para não esperar que revidasse. — A próxima vez que falar de sua filha, não se esqueça de que deverá usar milady... E pense muito bem antes de fazê-lo. — Ele recuou e eu o imitei, lançando um olhar de repugnância a minha volta. Mesmo sendo o antigo lar de Elinor, a casa me sufocava, e completei mordaz: — Tem exatamente dois dias para deixar essas terras e Bute.

Dei-lhe às costas, indo em direção à porta e abrindo-a.

— Mas, milorde, não tenho como manter minha família, nem para onde ir...

— Deveria ter pensado nisso antes de dizer o que quisesse — ponderei irritado, mas a lembrança de Elinor deteve-me antes de passar pelo batente. Ela não iria querer deixá-los desamparados, mesmo que aquele homem não merecesse um pinga de clemência. Ouvi passos leves as minhas costas e olhei para trás, vendo uma mulher muito parecida com Elinor se colocar ao lado de Arthur com a criança no colo. Também não estava querendo conviver com uma consciência pesada o resto de minha vida. Sempre fui um homem correto, apesar dos outros maus hábitos. — Meu administrador o procurará amanhã, Sr. Arthur. Fornecerá o que for preciso para sua partida, inclusive uma boa soma em dinheiro para que

esqueça Bute e tudo que deixou para trás... Tenho certeza de que assim será melhor para todos.

Saí sob o silêncio condescendente de Arthur. Pouco importava a ele o que faria de sua vida, mas o queria o mais longe possível de Elinor e meu filho. Ajeitei a cartola sobre a cabeça e montei Salazar. Deveria dizer a Elinor que tudo estava certo e nos casaríamos em uma semana... O resto era passado."

Estava sufocada por cada letra que lera; pelo sentimento que se apresentou ao seu coração pelas linhas do Conde. Trazia em seu ser uma mágoa imensa do homem chamado Arthur, que jamais poderia ser tido como um pai ou alguém de quem pudesse esperar afeição. Sentia certa pena de Elinor... Sim, certa pena, porque em seu interior a inveja pela defesa que o Conde prestara à noiva, despedaçava-a.

Enrolou o pergaminho rápido e devolveu tudo ao livro falso. Seus sentimentos para com o Conde haviam mudado. E como haviam mudado... Passava horas olhando aquele retrato sob a cornija da sala principal. Relembrando a doçura dos sentimentos dele por Elinor. Começara a querer pular as palavras elogiosas que ele manifestava para afagá-la, mesmo que em memória. Cada uma delas era como uma punhalada certa em seu coração. Irritava-se com a atenção exagerada a ela, os cuidados, os carinhos... Os desejos. Queria um beijo... Um beijo doce como ela tivera.

Seus olhos nublaram. Seu pai estava certo, era uma sonhadora, sempre fora. Adorava livros, imaginava-se neles, vivia as histórias... Contudo, jamais em seus sonhos, pensara em conhecer qualquer um dos protagonistas. Nenhum deles se apresentara tão real quanto o Conde, e seria uma idiota se não admitisse que se apaixonara... Que tinha ciúmes dele.

O único problema era que mesmo ele sendo real, aqueles sentimentos não lhe pertenciam...



O sol começava a brilhar palidamente sobre Carlisle quando Charlotte sentou-se ao seu lado à mesa do jejum. Seus cílios longos bateram algumas vezes e ela foi servida de chá.

— E então? — não se deteve muito tempo em perguntar. — Você chegou tarde ontem...

— Perdoe-me — disse enquanto servia-se de pão. — Não era minha intenção causar preocupação.

— Não causou, Thomas... — Sorriu. — Deixou-me curiosa, é diferente.

— Bem vejo — ponderou mordaz. — Pois não tomarei mais seu tempo com minhas tolices, parto logo após a refeição.

— Isso certamente encerra minhas dúvidas, ele cedeu a você...

O Conde a encarou por um bom tempo antes de afirmar:

— Sim, mas não sorria... Ele sabe exatamente que não a amo.

As sobrelhas bem feitas da Duquesa se estreitaram.

— Alguém deveria manter a sanidade nessa história — ponderou. — E não vejo ninguém melhor que o Reverendo para isso.

— Devo concordar, prima — frisou o parentesco, fazendo-a arrepiar. — Contudo, ele me parecia mais advertido, do que propriamente refletindo a situação no momento. Seu discurso, se me permite a observação, estava ensaiado; e ele não me pareceu surpreso, como a filha, em me ver.

A Duquesa endureceu os lábios e o encarou, pousando a porcelana no pires.

— O que está insinuando?

— Que lhe devo um favor... — Foi a vez de ele lhe sorrir de canto.

Ela respirou fundo, pesadamente, dando ordens com um meneio de cabeça para que os dois criados que os serviam, os deixassem a sós. Assim que as portas foram cerradas, ela se pronunciou:

— Não vou negar que estive com o Reverendo...

— Nem poderia — advertiu o Conde.

— Sei que insistiu que fosse contigo, e que pode ter parecido algo como descortesia o que fiz, mas asseguro-lhe que foi melhor a minha intervenção prévia.

— Eu não disse o contrário, apenas também fiquei curioso sobre o motivo de tê-la feito.

— Tenho Irina como uma filha, já lhe disse...

— Sim.

— E... Ora, Thomas, é uma ideia insana, a sua! — esbravejou. — Posso ter concordado porque me encontro entre quem amo e quem estimo...

— Estou lisonjeado...

— Cale-se! — ordenou e encolheu os ombros em seguida. — Sempre nos demos bem. Nunca soube onde começaram seus problemas, mas nunca me deixou ajudá-lo. Sei como têm sido duros esses anos, e creio ser por isso que estou sendo tão condescendente... — Sorveu um pouco de ar para continuar: — Você e Irina tem algo em comum, abdicaram de suas vidas por outros... E é nisso que estou apostando.

O Conde endureceu na cadeira.

— Acha que vou me apaixonar realmente pela sua protegida?

Os lábios de Charlotte tremeram um pouco, mas voltaram a ficar firmes quando sentenciou:

— Creio que... Não sei exatamente porque motivo, mas já está inclinado a fazê-lo.

Thomas se pôs de pé num único e seco gesto.

— Bem, se me der licença, devo partir o mais breve possível.

A Duquesa o imitou e ele lhe dispensou uma leve mesura. Quando já estava à porta do aposento, Charlotte exigiu:

— Avise-me se eu estiver certa...

Ele apenas saiu, sem olhar para trás.



Claire estava exultante ao seu lado, no coche aberto. Haviam combinado que após o jejum iriam à cidade. Afinal, adiaram seu passeio pelo menos uns seis dias. Aquele era o terceiro dia de sol consecutivo e as estradas já estavam próprias para o trânsito. Irina seguia quieta, seus pensamentos ainda estavam presos aos pergaminhos do Conde; seu coração ainda almejava a atenção do dele. Porém, sua preocupação agora girava em torno do regresso do Conde, que provavelmente seria antes do Natal, se nada desse errado.

E não daria — pensou em seguida. — Mas como ela lidaria com o que sentia diante dele?

Isso lhe causava calafrios à noite, mesmo que já tivesse devolvido o livro à estante. Nunca deveria ter seguido sua curiosidade... Nunca deveria ter aberto a caixa de Pandora!

A última frase de seus pensamentos, entretanto, foi dita em voz alta e Claire a fitou de canto de olho.

— O que disse, Srta. Reims?

— Oh... — refletiu seu engano. — Estava pensando em um texto que li. Nada demais... Aonde vamos primeiro? — desviou o assunto, e conseqüentemente a curiosidade da jovem.

— Pensei em irmos à Madame Lovax... A modista. — Seus olhos brilharam. — Temos que ter uma ideia do que é a última moda em Londres, não acha?

— Certamente, mas estamos perto do Natal... — ponderou Irina. — Não gostaria de escolher algo para seu pai?

— Ah... — Sentiu-se embaraçada. — Nunca vim à cidade escolher algo para ele. Não sei...

— Eu a ajudarei — determinou Irina. — Depois, claro, da

modista.

Claire assentiu e ambas sorriram.

Pouco tempo depois, adentravam a rua principal e se tornavam o centro das atenções. Algumas senhoras as fitavam surpresas; mães e filhas cochichavam aos cantos, e Irina não escondeu sua irritação:

— O que há com todos?

— Eu lhe disse que nunca vim à cidade. Conheço Madame Lovax porque papai a levou até Rothesay... — Pararam à frente de uma casa verde, cujas vitrines ostentavam não só vestidos, como uma variedade grande de tecidos. — É por isso que nos olham, estão curiosos.

— Eu também — determinou a ruiva, olhando de esguelha para uma senhora que parou o coche para vê-las saltarem do seu. — Imagino o que não querem comentar...

Claire sorriu, deixando que o cocheiro as auxiliassem a descerem em segurança. Quando já estavam emparelhadas lado a lado, e só uma poderia ouvir à outra, a jovem murmurou:

— Imagino que estejam curiosas sobre você... — Abriu a porta e o sininho tocou, anunciando-as.

— Eu? — Irina sugeriu baixo.

Claire riu graciosa.

— Sim, se conheço bem a fama de papai... — baixou ainda mais o tom: — Querem descobrir se é uma preceptora ou uma candidata a Condessa de Rothesay.

Irina corou levemente, e Claire conduziu-as ao balcão de peças de tecidos. Não demorou nem cinco minutos para uma senhora de cabelos levemente grisalhos, presos a um coque fofo, abordá-las:

— Claire! — Abraçou-a radiante. — É um prazer tê-la aqui!

— Madame Lovax, viemos conhecer sua loja — devolveu Claire.

— Oh, que bom que o fizeram sem o Conde. — Piscou-lhe o olho e voltou-se para Irina. — Nos apresenta, querida?

— Sim, claro — disse Claire feliz. — Essa é a Srta. Irina Reims,

minha preceptora.

— É um prazer conhecê-la. — Irina fez-lhe uma mesura. — Claire fala muito da senhora.

— Imagino que sim... — Fitou-a profundamente. — Estou feliz em conhecê-la também, Srta. Reims... Mas devo lhe dizer que o cinza não lhe cai bem. Nem um pouco — afirmou sincera e sorriu.

Irina poderia até ter retrucado, mas havia algo nos olhos da senhora que a calaram profundamente.

— Que bom que alguém também acha isso... — Claire mordeu o lábio inferior. — Estava pensando justamente em dar-lhe um presente.

— Não... — aterrorizou-se Irina. — Não...

— Entendo e concordo. — Sorriu para Claire. — Ela tem um rosto belíssimo, apesar de ser magra... E esses cabelos são perfeitos... Mas deviam estar com outro penteado.

— Não fica bem uma preceptora andar por aí...

—Tenho um vestido aqui que lhe cairá com uma luva. — E antes que Irina pudesse contestar, ela sumiu por uma porta.

— Quando lhe falei do Natal, jamais tive a intenção... — Voltou-se para Claire.

— Eu sei, mas desconfio que nunca quis usar os vestidos de mamãe, mesmo que ela também não os tenha usado... Pegou apenas um, o mais escuro e outros dois que conseguiu recuperar de seu baú — pausou a jovem. — Gostaria de lhe dar algo alegre, Srta. Reims, como você realmente é. Aceite-o, por mim. Hoje é um dia importante e diferente, diga-me que irá aceitá-lo.

Com carinho, Irina a abraçou.

— Sim, aceitarei... — Beijou-lhe os cabelos.

Quando Madame Lovax voltou, as duas sorriam, e ela admirou o esplendor de Irina. Com a cor certa, ficaria uma beldade. Antecipou-se às duas moças e mostrou-lhe o modelo verde água. Era de corpete baixo, simples, com mangas bufantes e uma linda faixa de

cetim azul.

— Vamos prová-lo, Srta. Reims?

Com um assentimento de Claire, Irina se viu empurrada para um quarto, onde a ajudante de Madame Lovax a auxiliava. Em pouco mais de meia hora, estava vestida com o modelo... E ele era lindo. Fluído e leve. Seus cabelos estavam suspensos num penteado que lhe deixava vários cachos à altura do pescoço. Era o penteado mais belo que vira em sua vida. Não que Lady Charlotte nunca lhe mostrasse a moda, mas era diferente de usá-la em si mesma.

Quando deixou o quarto, Claire e Madame Lovax murmuraram juntas:

— Perfeita!

— Não estragaremos o penteado com um *bonnet*, leve uma sombrinha e um xale.

— Não há necessidade...

— Há sim — interviu Claire. — Levaremos tudo.

— Não posso aceitar...

— Prometeu-me — murmurou a jovem.

Sem ter como refutar sua promessa, cedeu.

— Não verá nada para ti?

Claire olhou-a com um brilho único em seus olhos azuis.

— Encomendei dois vestidos diurnos para o Natal.

— Aqui está — interrompeu-as, Madame Lovax. — Seu vestido...

— Piscou-lhe novamente o olho. — Tente deixá-lo no armário, querida.

Irina assentiu sem graça e Claire se dirigiu para a porta, despedindo-se:

— Coloque na conta de papai, por favor. Obrigada, Madame...

— Adeus, queridas...

E, com acenos, deixaram a modista para trás. Contudo, a rua parecia ainda mais cheia que antes, caso isso fosse possível numa

cidade pequena como aquela. Claire, entretanto, parecia indiferente a tudo, atravessou e entrou na joalheria, seguida de perto por Irina, que agora tinha certeza de ser o centro dos comentários.

— Não a deixarei comprar mais nada... — disse Irina as suas costas.

— Não vou — soprou a jovem divertida. — Quero só ver as novidades.

— E não foi isso que a levou à modista? — retrucou a ruiva, séria.

Claire apenas sorriu diante da reprimenda, continuando a olhar os balcões expositores. Os sininhos tocaram anunciando a entrada de alguém, o senhor que outrora lhes dirigira um bom dia, agora falava com o recém-chegado:

— Milorde, é uma honra...

Irina estava se perguntando quem seria quando a voz conhecida entorpeceu-lhe completamente os sentidos:

— O que faz sozinha aqui, Claire? — A jovem voltou-se prontamente para ele, sorrindo-lhe.

— Papai! — Abraçou-o com carinho.

Houve alguns minutos em que se viram envolvidos num abraço longo de saudades e Irina se pegou argumentando:

— Perdoe-me, milorde... Ela não está sozinha.

Seus olhos verdes se ergueram aos castanhos dele e sua garganta secou prontamente. O Conde não era o tipo de homem que podia ser ignorado, e ela estava longe de fazê-lo. Até mesmo emocionalmente, sentiu o rosto arder diante da intensidade do olhar dele.

— Srta. Reims? — A surpresa na voz dele a fez sentir um arrepio na espinha. Ele estava rindo dela? Irritou-se.

— Obviamente não achou que a deixaria vir sozinha, milorde... — contrapôs.

— Não, claro que não — determinou o Conde sério. — Só estou

surpreso.

Aos poucos Irina voltou o olhar a ele.

— Surpreso? — disse baixo. — E por que estaria? Estamos apenas passeando... — Claire havia se afastado, procurando algo nos balcões.

— Você está diferente — cortou-a.

— O vestido... — disse. — Não o queria, mas Claire insistiu e...

— Ficou bem em você.

Maldito calor que lhe cobriu as faces. Estava corando, precisava fazer algo, voltar ao normal.

— Sua mãe, como está a Baronesa? — Deu-lhe às costas parcialmente, fingindo olhar algo nos expositores.

Ele a seguia de perto.

— Bem, obrigado — disse-lhe baixo. — Creio que viverá anos ainda.

— Fico feliz em saber — murmurou, parando num balcão onde havia vários anéis e um deles era realmente belíssimo. Seus olhos verdes brilharam contra o rubi ovalado envolto por pequenos diamantes. Não escondeu sua impressão: — Oh, é lindo...

A exclamação fez o Conde debruçar-se sobre seu ombro, riscando seu pescoço com a respiração quente ao murmurar:

— Acha mesmo?

— Sim... — conseguiu responder ainda que o perfume de alecrim a inebriasse.

Ela imaginou que ele não perceberia sua mão espalmada contra o coração e seus olhos fechados. Tentava se acalmar; entretanto, o Conde, sentia-se atormentado em ouvir as palavras da prima dentro de sua cabeça. Não poderia se apaixonar, não de novo... A experiência havia sido dolorosa, no entanto, a visão da ruiva naquele vestido era algo de tirar-lhe o fôlego. E ela estava longe de ter ciência disso. Longe de saber usar, contra qualquer homem, seu charme de mulher feita... Perfeita.

Fitou-lhe o volume dos seios, pareciam-lhe quase indecentes da forma que estavam expostos... Não, não estavam à mostra, mas um homem saberia apreciar o decote tão bem quanto ele, e isso não lhe agradava. Não de todo... Não como homem que iria desposá-la — justificou-se a si mesmo.

— Srta. Reims... — odiou-se por ter que fazer isso.

— Sim... — Encarou-o com olhos verdes brilhantes.

Por segundos perdeu a linha de pensamento, sua resolução. Delineava-lhe os traços com olhos sedentos. Os lábios delicados, a pele clara de veludo... A curva do pescoço ornada de cachos rubros, convidativos. A calça pinicou e ele limpou a garganta.

— Ponha o xale.

A jovem saiu de seu transe, encontrando-o sério.

— Como?

— Seu xale. — Indicou-lhe a peça entre os braços. — É hora usá-lo.

Envergonhada por ter feito um papel de boba, ajeitou-o sobre o colo e saiu em direção a Claire. Com um suspiro resignado, Thomas voltou-se ao balcão, controlando seu corpo e seus pensamentos, e novamente o homenzinho o atacou:

— Deseja algo, milorde?

— Sim... Este anel. — Apontou o rubi. — Quero-o para presente.

— Como desejar, milorde.

Quando alcançaram a rua novamente, ao invés do Conde apenas dar o braço a Claire, como seria o usual, cedeu-o também a Irina. O que não passou despercebido a ninguém na cidade, e que de fato, era a intenção de Thomas.

Todavia, o leve roçar de seus dedos contra os dela ao auxiliá-la a tomar seu lugar no coche, fez com que a volta do Conde a Rothesay fosse povoada de pensamentos inúteis. Pensamentos de que, talvez, não fosse tão bom em lidar com a ruiva... De que, talvez, tê-la em seus braços não fosse apenas vontade de sua mãe.

Apertou firme a pequena caixa em seu bolso.



Apesar de não esperá-lo para o almoço, um prato foi adicionado à mesa e a refeição transcorreu calmamente. Claire absorvida em discorrer sobre suas aulas de canto, e Irina silenciosa ao seu lado.

Ouvia apenas os talheres e isso o irritava tanto quanto o fato dela ter voltado a vestir suas roupas cinza. A comida podia estar deliciosa, mas não saberia dizer... Não conseguia concentrar sua atenção no gosto ou nas palavras da filha, tudo em que conseguia pensar era que agora tinha apenas vinte e seis dias para tornar a ruiva sua esposa.

— Então, papai... — Claire o chamou. — Quero lhe mostrar o que aprendi. — Seus olhos brilharam. — Eu e a Srta. Reims nos dedicamos muito a essa peça.

Irina ergueu seus olhos verdes encontrando o olhar castanho dele e sugeriu num tom calmo:

— Hoje à noite, após o jantar... Não acha que seria bom, milorde? Não demorará muito, asseguro-lhe.

Ele pensou em recusar, talvez fosse melhor qualquer tipo de entretenimento quando tivesse resolvido todos os assuntos que lhe provocavam aquela dor de cabeça. Embora, estar mais próximo dela, pudesse ter uma ligação direta à resolução de um deles.

— Tudo bem... Após o jantar está ótimo — e, dizendo isso, pôs-se de pé. — Permitam-me que as deixe, tenho assuntos inadiáveis para tratar...

As duas jovens consentiram sua partida, e Thomas passou o resto da tarde trancado na biblioteca. Todas as pendências, como alegara, haviam sido resolvidas na sua primeira hora ali dentro. E, pelo menos há três horas, ensaiava como abordaria o assunto com sua futura noiva. Não podia simplesmente pôr um anel de noivado

no dedo de uma mulher por quem nem mesmo estava apaixonado!

Massageou as têmporas. Aquilo tinha tanto de inusitado quanto de absurdo, e nenhum início de conversa parecia exatamente bom ou propício ao assunto matrimônio. Não ao menos quando pensava na ruiva e em seus trajes cinza.

Percebeu, após um longo tempo, que o horizonte alaranjava e não tardou para que George anunciasse o jantar. Deu um longo suspiro e subiu ao quarto para uma breve toailete. Já estava se convencendo da enfadonha tarefa ao final da noite, quando entrou na sala de refeições e encontrou uma irresistível Srta. Reims num belo vestido azul claro quase cinza, diga-se de passagem, mas para olhos bem treinados como os dele inegavelmente azul. Um azul pálido, num tecido diáfano que lhe moldava parte das curvas e cujo decote lhe realçava o colo.

Os passos do Conde chegaram a falsear, mas foi tão brevemente, que mal foi percebido.

— Vejo que, pela segunda vez no dia, resolveu nos presentear com sua graciosidade, Srta. Reims — determinou assim que parou ao lado dela. — É fato que ainda prefiro-a com o verde. Contudo... — a pausa moderada capturou-lhe a atenção e seus olhos não poderiam estar mais radiantes e os lábios mais viçosos e rubros. Teve vontade de saboreá-los e estalou os lábios ao prosseguir: — Quando deixa seus cabelos soltos fica mais atraente.

Ela corou profundamente e Claire saiu em seu auxílio:

— É difícil convencê-la a usar alguns dos vestidos no armário, e mais ainda de que é uma jovem bonita — disse-lhe com carinho. — Talvez agora...

— Ainda prefiro as cores sóbrias — interrompeu-a com um sorriso. — Porém, aceitei seu pedido, em ambos os casos, por ser um dia especial — explicou Irina.

De fato, seria — pensou o Conde ao cortar o assado em seu prato. E a refeição transcorreu sem maiores incidentes, nem mesmo quando Claire iniciou o canto e Irina sentou-se ao piano houve qualquer menção ao assunto. Thomas admirava a forma com as

teclas se rendiam aos dedos dela como amantes delicias, e por outro lado, surpreendia-se em como Claire estava perfeita e à vontade com cada nota.

Não pensara que a noite fosse lhe render tantas surpresas e isso diminuiu, em muito, suas angústias. Quando a pequena peça teve fim, ele apresentou a ambas os parabéns. A música lhe fizera bem, sentia-se leve... Tão leve que seu pedido para falar com Irina quando as duas se retiravam, soou terrivelmente patético.

Ele se serviu de xerez quando a filha se retirou, desejando-lhes boa noite, e voltou-se à Irina indagando se a jovem desejava o mesmo.

— Não, obrigada — agradeceu, sentando-se no sofá. Tinha as mãos dispostas sobre as pernas, apertadas uma contra a outra. Os cachos caíam-lhe contras a bochechas e sua postura era tão ereta, que poderia se partir a qualquer minuto tal era seu estado de ansiedade. E, apesar de observar isso tudo, o que mais atormentava o Conde era o perfume de lírios.

Controlou-se e buscou o assento em frente, cruzando as pernas ao se instalar nele e fixar seus olhos castanhos sobre ela.

— Receio que não seja fácil dizer isso, Srta. Reims, mas primeiramente gostaria de lhe pedir desculpas pelo meu comportamento na última noite em que estivemos juntos... Fui extremamente descortês.

Ele a observava molhar os lábios e isso o fez sentir as calças mais justas do que o eram de fato.

— Milorde estava chateado... — ponderou calma. — E com razão. — Encarou-o séria. Ele estava belo no casaco e colete de cor verde, porém em tons distintos, e a calça marrom. Os cabelos cacheados estavam penteados e seus olhos adquiriam uma leve nota de dourado. — Eu lhe devo desculpas também, não deveria ter deixado minha curiosidade falar mais alto. Perdoe-me...

— Creio que podemos dizer que tudo foi um mal-entendido...

— Sim, certamente.

— Pois bem, fiquemos ajeitados assim... — Sorriu-lhe. — Embora eu ainda ache que lhe deverei desculpas.

— Não me fez nada, milorde — disse sob um meio sorriso. — Não vejo motivo para fazê-lo.

— acredite-me, fui terrivelmente egoísta com você.

— Mesmo? — sugeriu incerta. — E de que forma isso poderia ter acontecido?

Thomas se pôs de pé e andou pela sala com o cálice em mãos, voltando a parar a sua frente.

— Antes que lhe diga meu delito, quero lhe pedir algo.

— Por Deus, milorde... Diz-me que foi um egoísta comigo e agora me quer me pedir algo?

— Sim... — Os olhos castanhos brilharam e o coração dela disparou.

— Diga logo o que quer... — Suspirou.

— Prometa que me ouvirá até o fim, não importa o que eu diga.

— É algo tão sério assim?

— Muito.

— Envolve Claire? — balbuciou.

— Sim, envolve.

Irina respirou fundo.

— Prometo-o.

Thomas sorriu e voltou a se sentar.

— Srta. Reims, minha mãe é uma mulher de muita personalidade e dificilmente persuadida a aceitar outra verdade que não a sua própria. — A jovem assentiu e ele prosseguiu com cuidado: — Apesar da mensagem que me enviou conter um relato da brevidade de sua existência, afirmo-lhe que, fora a limitação da idade e de sua gota, encontra-se melhor do que eu e você juntos.

— Folgo em sabê-lo — disse sincera e Thomas a fitou sério.

— Embora, claro, isso não passasse de um ardil para que ela me

lembrasse de meus deveres para com a família e meus títulos. — Observou-a e ela nada disse. — Em resumo, minha mãe quer que me case o mais rápido possível, e para isso não poupou esforços. Minha presença foi exigida em Castleblack tão somente para me dizer que arrumou-me uma noiva.

Irina sentiu o coração comprimir. Abriu e fechou a boca duas vezes, mas não pronunciou nada. Sua mente só conseguia processar o que Conde lhe pediria, provavelmente para amenizar o ânimo de Claire sobre ter uma madrasta. O lugar a sufocava.

— Sente-se bem? — Preocupou-se ao notar que ela empalideceu. Ela assentiu minimamente e Thomas determinou: — Beba um cálice, vai melhorar. — Ergueu-se e foi até a mesinha ao canto, servindo-a. Esperou que a cor voltasse aos seus lábios e retomou a palavra: — O fato é que, não posso me casar com alguém que não conheço... E, sinceramente, cuja idade emparelha com a de minha filha.

— Disse não a sua mãe? — Irina mostrou-se perplexa com a atitude do Conde.

— Em parte... — escolheu as palavras e pegou um cálice para si mesmo. — Srta. Reims é certo que não acatei a escolha de minha mãe, seria absurdo. Contudo, ela não desistiria fácil de seu propósito, então preciso estar com minha noiva, em menos de um mês, diante dela em Castleblack ou o futuro de Claire estará perdido.

Era impressão sua ou a jovem tremia? Thomas a fitou atentamente, ela parecia encontrar dificuldade em falar e ele não sabia como prosseguir... Mas que diabos! Tudo o que precisava era que sua juventude o engolfasse!

— Quer que o ajude a dar a notícia a Claire? — Irina disse de repente, reunindo as forças que lhe restavam.

— A Claire? — exasperou-se, e quando a viu assustada, passou a mãos pelos cabelos, contrapondo: — Não! — Bebeu o cálice de uma vez, tinha que dizer-lhe de uma forma única e direta, rodeios só pioravam as coisas. — Srta. Reims... — Os olhos verdes dela o encararam. — Quero que se case comigo.

O cálice na mão da jovem espatifou-se no chão.

O silêncio se instalou desconfortável entre eles, e Thomas chegou a cogitar se curvar sobre o tapete e recolher os pequenos cacos de vidros. Contudo, daquele ângulo, tinha uma visão perfeita do intrincado número de expressões que arrematou os traços da jovem numa única e mísera fração de minuto. Ele poderia dizer que ela passou da surpresa à estática até atingir o preâmbulo da compreensão e tornar-se nitidamente atônita quando o interpelou:

— Por que escolheu a mim, milorde?

Era, de fato, uma pergunta direta e simples.

— Temo que minha resposta não a agradará, Srta. Reims... Apesar de tê-la ensaiado à exaustão — ponderou. — Não ao menos de todo.

— Não prefere deixar que eu decida isso? — Estreitou os olhos verdes sobre o Conde.

Ela já não estava tão acessível como antes — determinou mentalmente Thomas. — Como, raios, permitira isso? Estaria tropeçando em seus próprios sentimentos? Impossível! — rosnou a si mesmo.

Controlou-se

— Como queira... — assentiu contrariado. — Não há muito que explicar, simplesmente pensei em Claire! — Desviou os olhos dela. — Não em mim ou em você... Ora, me desculpe Srta. Reims, mas quando vi o que minha mãe tinha em mente e o que minha oposição significaria para minha filha, eu apenas agi — esbravejou, revelando exatamente o que sentira no quarto de sua mãe.

— Eu o entendo — Irina devolveu suave. Sim, depois de lê-lo sabia que um homem que dera seu nome a filha bastarda de uma camponesa, não relutaria em fazer qualquer outra coisa que pudesse mantê-la a salvo. Podia não ter sido a maneira mais justa de agir, principalmente com ela, mas ele não mentia. Pensara mesmo em Claire. E ela não fizera o mesmo, tantas vezes antes, por suas irmãs? Poderia culpá-lo francamente?

— O que disse? — Sentiu-se atordoado. Ela estaria troçando dele?

— Disse que o compreendo, milorde — reafirmou a jovem, buscando-lhe com o olhar. — Realmente o entendo. Tenho irmãs e já fiz muitas coisas por elas, como declinar pedidos de casamento...

Os olhos castanhos dele em seus verdes ficaram por segundos atordoados.

— E pretende fazê-lo de novo, Srta. Reims?

— Penso que seria o certo, milorde... Mal nos conhecemos.

— E Claire? Não se afeiçãoou a ela?

— Não pode estar querendo usar minha estima por sua filha para fazer-me aceitar seu pedido...

— No meu retorno, passei por Carlisle — decretou, observando sua reação.

Os verdes brilharam.

— Espero que todos estejam bem...

— Conte à Charlotte sobre meu plano — ignorou propositalmente sua intervenção.

— E ela certamente se opôs...

— Muito pelo contrário... — Sorriu-lhe mordaz — Assim como seu pai deu-me permissão para fazer-lhe a corte.

— Meu pai? — foi a vez da voz dela subir um ponto. E Irina transpirou indignação. — Isso me parece um caso muito bem pensado de sua parte, milorde... Não uma situação de urgência com a qual não sabia lidar.

— E não sabia, Srta. Reims — replicou Thomas. — Não sei, mas me pareceu que em vista do compromisso que assumi perante minha mãe e que inegavelmente a pôs numa situação delicada, eu não poderia permitir que todo o resto seguisse o mesmo rumo.

— E isso o fez ir até meu pai e dizer que me amava? — retrucou a um passo do choro. Seu coração ansiava por isso, mas sabia que estava longe de ser a verdade.

— Não cheguei a tanto, pois não seria sórdido a este ponto, mas Lady Charlotte introduziu o assunto de forma admirável, de maneira que quando o abordei, ele já estava ciente de tudo — determinou o Conde. — Ou ao menos tudo de que deveria ser informado.

— Devo lhe dizer que jamais pensei que pudesse chegar a tanto, milorde! — Pôs-se de pé, o coração aos pulos. — Armou-me uma arapuca!

Num impulso, tomou-lhe o pulso entre os dedos e o diminuto toque o fez sentir sua pulsação acelerada. O rosto de Irina voltou-se a ele no mesmo instante, corado, e Thomas estava longe de entender porque desejava beijá-la... Ansiava provar-lhe os lábios. Aproximou-se sem premeditar e segurou-lhe o rosto com uma das mãos.

Irina suprimiu um suspiro e o carinho veio leve contra sua bochecha. Eles agora estavam a menos de um passo e todo corpo dela reagia ao perfume de alecrim.

— Jamais pensei em insultá-la, Srta. Reims — soprou-lhe contra os lábios, que mantinha seus olhos castanhos cativos. — Fui imprudente por conceber um matrimônio entre nós sem consultá-la... — Respirou tão profundamente sobre o cheiro de lírios dela que os olhos verdes cerraram docemente. Ah... podia beijá-la, minimamente tocá-la com seus lábios e não explicar mais nada, mas estaria tão errado quanto antes. — Contudo, não estive com outra mulher antes. Há dois anos que ninguém está ao meu lado a não ser Claire. E não ousaria convencer minha mãe que uma mulher qualquer poderia ser a Condessa de Rothesay... Estive em Carlisle, vi como sempre cuidou do presbitério, como cuidou de suas irmãs... É a mulher perfeita para assumir essa casa e a educação de Claire. Não me diga não... Por favor...

Os olhos verdes se detiveram abertos sob ele por instantes em que lhe admiravam os traços.

— Milorde, não posso me unir a alguém porque sou conveniente ao papel de sua esposa... — ela balbuciou. — Sempre acreditei no amor e, pode soar ridículo, sempre acreditei que casaria por senti-lo

por alguém.

Inacreditavelmente ele a entendia. Também se casara por amor e achara que podia viver dele, mas as coisas não foram bem assim... Tomou-lhe a mão entre os dedos e levou-a aos lábios, beijando-a suavemente.

— Não posso dizer que a amarei, Srta. Reims... Mas quero acreditar que, a despeito desse início conturbado, possa lhe fazer feliz como acredito que mereça.

— Milorde, eu...

— Diga apenas que não me odeia e pensará sobre o assunto...

— Eu não o odeio, Milorde... — Era inútil dizer que estava irremediavelmente irritada com ele. Por alguns minutos talvez, por ser colhida numa situação como aquela, mas brava? Nunca, ou tão somente por saber que cada palavra que lhe dissera havia sido honesta.

Quando voltou seus olhos verdes a ele, vislumbrou o jovem que escrevera aqueles pergaminhos. Não seria capaz de dizer não a ele, mesmo que quisesse.

— Se assim o diz... — Crispou os lábios. — Prove-me...

— Como?

Ela sorriu-lhe minimamente.

— Thomas — disse com um brilho mordaz no olhar. — Experimente como fica em seus lábios.

— Não vejo por que deva...

— Apenas diga... Sim?

— Não o odeio, Thomas — repetiu séria.

— Bem melhor, Irina... — assentiu sob um sorriso malicioso. Adorara o som de seu nome na voz dela. — Agora seja apenas um pouco mais boazinha e prometa-me pensar até amanhã no assunto.

— Tão rápido...

— Seu pai me fez prometer que tão logo chegasse a Rothestay, você lhe enviaria uma carta explicando-lhe seus sentimentos e

marcando a data de nosso casamento.

— Vocês pensaram em tudo...

— Gostaria sinceramente de tê-la consultado, não estou mentindo.

Irina cedeu-lhe um longo suspiro.

— Sei que se tivesse podido, o faria... É só por esse motivo e por Claire... — hesitou para desespero dele. — Que prometo pensar no assunto esta noite.

Decidiu que gostava de vê-lo prestando atenção nela mais que o habitual.

— E eu prometo que, no futuro, serei um noivo mais complacente.

— A noite ainda não findou... — alertou-o maliciosa.

— O que é uma pena, pois verei o dia nascer sem cerrar os olhos... — Com um novo beijo no dorso de sua mão, ela o deixou sozinho. — Boa noite, milady.

— Boa noite, Thomas.



UM ANEL DE NOIVADO



Tal como imaginara, Thomas não dormiu; minimamente cochilara... Se é que isso seria razoável com tanto em jogo apenas numa palavra: um sim da Srta. Reims.

A menção à palavra lembrou-lhe dos lábios da jovem e, por influência do sono — não poderia ser de outra forma —, eles pareciam terrivelmente sedutores abaixo dos seus, quando prensando-lhe o corpo sobre os lençóis, tentava alcançá-los sem sucesso. Não uma ou duas vezes, mais várias!

Como ela podia negar-lhe um mísero beijo, um roçar de lábios? — gemeu sua frustração, retirando o lençol que o cobria e expondo o dorso nu à brisa que entrava pela janela. Era como um toque de amor contra seu corpo quente. — Ah, ela aprenderia a ser dele. — Voltou a mirá-la nos olhos brilhantes. — Aprenderia a desfrutar de seus carinhos — Escorregou a mão pelas bochechas, e pensamento, e quase urrou em triunfo — Seus beijos... — O corpo dele pulsou.

A porta se abriu e George entrou, afastando as cortinas.

— Bom dia, milorde.

Ele praguejou algo, mas o mordomo ignorou-o, e quando estava prestes a deixá-lo, Thomas esbravejou:

— Mas que diabos, homem! Precisa me acordar tão cedo?

Calmamente George prosseguiu, deixando-o sozinho ao respondê-lo num tom comedido:

— Já passa das nove, senhor. — Deu uma leve tossidinha antes de completar: — E Lady Claire insistiu que eu viesse ver se estava tudo bem.

— A Srta. Reims já desceu?

— Todos, milorde. — Fechou a porta atrás de si.

Era uma maldita, isso sim! — Sua mente contrapôs assim que

George saiu.



Embora tivesse encontrado alguma resistência para dormir, como a grande revolução sob a qual seu coração chegara ao quarto diante do beijo e do título de Milady que ele lhe destinara, quando cedeu ao sono nada pôde fazer...

Tal entrega ao mundo dos sonhos não coibiu que o Conde lhe fizesse uma visita. Não era a primeira vez que sonhava com ele, é certo que não, mas era a primeira vez em que a beijava com paixão e a tratava com carinho, diligência e atenção.

Sentia-lhe os lábios, a pressão de toda sua virilidade contra seu corpo e seu ar se esvaía. Poderia tentar negar em palavras que cedia a ele, mas seu corpo estava longe de ratificá-lo. Desmanchava-se entre seus dedos, incapaz de articular coerências.

Por Deus, ardia!

Os dedos dele, gentis, continuaram descendo por sua garganta e pescoço até oscilarem à borda do rufo, e então, não havia palavras a serem ditas, mesmo que quisesse não ousavam deixar seus lábios. Tentou impedi-lo, gritar e, desesperada, sentou-se na cama num supetão. O ar entrando rápido em seus pulmões, ressecando seus lábios.

Eles estavam ao ponto de... — Levou a mão à testa. — De... — Tentou pensar novamente, mas nada. — Droga! Por que o desejava tanto?

Atirou o lençol para o lado, indo até a janela e olhando os campos cobertos de cardos. Suspirou derrotada, gostaria de dizer-lhe não, como sua razão solicitava. Afinal, ainda que entendesse sua posição e não ousasse contestar que Claire viesse em primeiro lugar, ele dispusera de sua vida como uma mercadoria a ser arrebatada facilmente por um título.

Voltou até a penteadeira e começou a desembaraçar os longos cabelos ruivos.

Era verdade que nunca havia sido pedida em casamento por um homem tão proeminente, talvez isso na sociedade suplantasse qualquer delito que o mesmo homem houvesse feito, porém na família em que fora criada, as coisas sempre eram claras, não é mesmo?

Não entendia nada de casamentos, nada a respeito da intimidade de um casal, exceto as poucas coisas que ouvia aqui e ali, e por livros. Mas não podia culpar seu pai pela ausência de explicações acerca desse assunto, ele era homem. Não cabia a ele instruí-la.

Apoiou a escova contra o tampo de madeira e olhou seu reflexo em rubros lustrosos.

Estava só arrumando justificativa para si mesma; no fundo, desejava aquele compromisso desde que o conhecera melhor pelos pergaminhos. Sabia, também, o quanto era decisiva para o futuro de Claire, uma palavra que fosse para seu benefício, partida de sua avó. Entretanto, para ela, Irina, o futuro já não era tentador, teria sorte se ainda arrumasse um casamento. Era mais certo que ficasse solteirona.

Olhou a imagem de Jesus no crucifixo, que depositara ao largo do espelho. Talvez fosse essa sua missão... O que fora reservado para sua existência.

Obstinada, fez a trança e vestiu cinza, descendo para o jejum. A resposta para o Conde já estava na ponta de sua língua, bastava ditá-la.



Somente trocas de olhares foram feitas durante o jejum. Claire ainda estava eufórica pelas palavras otimistas de seu pai em relação à peça e, tão logo teve oportunidade, solicitou que Irina iniciasse o

novo treino para o Natal. Estava mais do que disposta a cantar novamente.

Porém, não havia desculpas suficientes para que seguisse duas conversas entre o Conde e sua preceptora em menos de um dia, sem suscitar cochichos. Afinal o que tanto poderiam ter em comum? Thomas, a essa altura, esperava que muitas coisas.

Suou várias vezes na biblioteca, e se o administrador tinha a impressão de que não conseguia falar nada inteligível, já que sempre tinha que se repetir várias vezes, e a conversa que deveria durar apenas uma hora, arrastava-se por duas horas e meia, sob o humor ácido do Conde, sem deixar a menor dúvida de que aquele era um péssimo dia.

Olhou pela janela quando o administrador se foi e George entrou perguntando-lhe sobre o chá. Dispensou-o, preferindo o porto, e com cálice em mãos aproximou-se da vidraça. Uma vez mais atrasaria seu encontro com a Srta. Reims, pois Claire inventara — Deus sabe lá porque — passear pelos jardins.

Santo Cristo! Ele só precisava de uma mísera palavra... Um sim!

Virou o cálice de uma vez.



Nunca, em toda sua vida, um dia havia tido mais de vinte e quatro horas. Contudo, aquele em especial, tendia para tal desde que resolvera começar a contar os minutos para o término do jantar.

Quando, enfim, Claire anunciou sua retirada, ele e a Srta. Reims passaram à sala principal, longe das vistas dos criados que se ocupavam em limpar a sala de refeições. A mão do Conde rodeou-lhe o pulso e sem que Irina pudesse pensar, atravessou aos tropeços o corredor, seguindo-o quase colada as suas costas, na direção da biblioteca.

Eles mal haviam entrado quando seu corpo bateu contra a

madeira da porta e os olhos dele — num castanho terroso — assaltaram os verdes dela brilhantes. Os cabelos estavam em desalinho e seu corpo parecia extremamente exaurido. Ele realmente não dormira direito.

— Então... — Correu os olhos nos dela. Avaliando qualquer possível resposta que lhe evitasse a súplica do questionamento. Ela lhe parecia indecifrável. — Diga-me o que decidiu, Srta. Reims... — Resfolegou forte, quase fora de si. Nunca o vira assim. — Temo que não consiga mais manter minha sanidade na ausência de sua posição... Diga-me qualquer coisa, mas diga!

O rosto dele estava tão próximo, com o corpo dele apoiado sobre as mãos contra a madeira atrás deles, que notava-lhe as leves olheiras abaixo dos olhos.

— Nunca foi minha intenção deixá-lo esperando por tanto tempo — disse falsamente bronqueada com sua aspereza. Ele poderia sofrer só mais um minuto. Seria interessante ver sua reação, estava certa de que não explodiria, mas... — Não vejo como isso seria positivo nas atuais circunstâncias.

Ele cerrou os punhos e a distância entre eles se foi, podia quase roçar-lhe os lábios. Thomas fechou os olhos e sentenciou baixo:

— Rogo-lhe que termine com isso para o bem de nós dois...

— De nós dois? Tem certeza?

Encarou-a em castanhos escuros.

— Eu lhe darei meu nome, minha casa... — E, de repente, não soube mais o que prometer. Fitou-a aturdido.

— O que mais me dará, milorde? — Souu mordaz. — Já tenho um nome e uma casa... Pode não lhe parecer tão bons quanto os seus, mas garanto-lhe que atendem minhas necessidades.

— Eu... — Irina o fitava altiva.

— Vamos, Thomas. Estou esperando... — sussurrou seu nome de batismo. A boca rosada crispando levemente... Ah, maldita mulher! Sabia que não seria fácil tê-la.

— Dei-lhe tudo que dispunha comigo.

— Mentira — sugeriu-lhe o mais calma que conseguia. — Ainda que eu entenda que pensaste em Claire, nem mesmo quando consultou meu pai, levou em conta meus sentimentos, milorde...

Novamente isso?— Pensou. — Ela julgava mesmo que ele poderia se apaixonar tão facilmente?

— Isso, milady, é algo que o tempo pode trazer... — sibilou sobre os lábios dela, devorando-os com o olhar. — Ou não.

O corpo dele era uma barreira sólida contra sua determinação, e com o coração aos pulos, ela determinou:

— Tem razão, milorde. Seria arriscado envolver amor nos negócios, principalmente dadas às circunstâncias desse noivado... — considerou mudar sua posição e dizer-lhe não, mas não ousaria fazer Claire chorar. Havia uma sutil dissonância entre o homem que se importara com Elinor e o que estava a sua frente, que não lhe dera a benefício da escolha. Se recuasse agora, depois da cena feita, macularia a reputação de suas irmãs, já que não conseguiria romper o noivado fictício sem levar seu nome à lama. E ele ainda menosprezava seus sentimentos.

— Então aceitas... — soprou-lhe, aumentando a distância entre seus corpos.

— De certa forma... — assentiu com certa precaução. A mente trabalhava em alternativas. Não facilitaria a mentira como ele esperava, e algo estalou em seu cérebro naquele momento. — Quero que me prometa somente uma coisa.

Os olhos verdes brilharam enquanto o coração dela falseava.

— Diga — exigiu sob um sorriso.

— Não quero... — a voz dela falseou num primeiro instante. — Deitar-me com você — completou com toda convicção que possuía.

O sorriso abandonou seus lábios.

— O que disse?

— Quero manter minha virtude — determinou num sussurro, que escapou de seus lábios.

Thomas poderia sorrir ao vê-la se declarar virgem com tanta propriedade, mas sentiu uma onda de irritação e frustração assolá-lo. Por que não queria que a tocasse? Não conhecia os homens, acabara de proclamá-lo, então de onde vinha tanto receio? Ele não era um mau amante, afinal.

— Isso... — ele ia protestar, mas ela o calou:

— Essa é minha posição.

Os olhos verdes o encararam sério. Não estava em condições de entrar numa discussão sobre suas obrigações matrimoniais naquele momento. Ela aceitara e era o que lhe bastava por ora. Todavia, por mais que fosse um casamento de conveniência, um arranjo que lhe viera à cabeça num rompante... A ruiva o atraía imensamente, e não pensava se casar sem poder usufruir as benéficas do compromisso. Isso seria um absurdo! Era um homem saudável ainda, e cedo ou tarde lhe cobrariam o tal herdeiro. Ainda assim, tinha certeza de que teria tempo de convencê-la do contrário, aos poucos.

— Está bem... Por ora é satisfatório — determinou, afastando-se dela.

— Por ora? — Estreitou as sobrancelhas enquanto ele se servia de porto.

— Certamente não se esqueceu dos herdeiros que sua futura sogra tanto deseja...

Irina fitou as costas largas dele e teve que admitir que sim, o esquecera por completo. Pensara somente em escapar-lhe dos dedos, e abandonara à revelia os ardis da senhora. Será que mãe e filho seriam tão diferentes, afinal?

Thomas se voltou para ela enquanto Irina ainda analisava uma nova saída.

— Façamos o seguinte... — Andou em sua direção, fazendo-a recuar até a porta novamente. — Desejas meu coração, não é mesmo? — Definitivamente gostara do desafio de vê-la adulá-lo a tal ponto. Duvidava muito que desse certo.

Ela, por outro lado, não conseguiu evitar o calor que invadiu suas

bochechas e temeu que suas pernas não lhe sustentassem, colocando sua determinação a perder. Como ele podia dizer-lhe aquilo de forma tão desprovida de tato?

— Acho que não me fiz entender... — ela balbuciou no tom mais impertinente que conseguiu.

— Ah, eu entendi muito bem — cortou-a a dois passos dela. — Pediu-me amor.

O rosto dela se tornou rubro como uma maçã e suas veias arderam.

— Certamente não lhe implorei amor, mas... — Irina o fitou inquieta, ele não retroagiria. E ela não queria ceder algo que lhe era tão precioso.

Não como parte de um acordo qualquer, como se pudesse ser comprado. — Bem, coloquemos desta forma...

— Estou esperando... — Impôs-se, sedutor.

— O fato é que, para fazer o que quer que seja que se faz para se ter um filho... — achou que morreria ao final, ele a faria perder a moral: — Tenho certeza de que necessita amor! — Empinou o nariz em sua direção.

Ele adoraria rir da expressão dela, mas tudo que fez foi olhá-la com um ar curioso. Não queria assustá-la, não de todo.

— Sei que Deus e seu pai devem ser os responsáveis por, digamos, sua visão sonhadora de um ato como esse, mas...

— Os livros também — assentiu pueril e ele a observou por segundos, achando-a deliciosamente ingênua.

— Sim, os livros... Esqueci-me deles e suas histórias de amor — argumentou num tom calmo. — Bem, Srta. Reims, como estava dizendo, posso assegurar-lhe que é possível fazer filhos sem que haja amor envolvido.

Ela não sabia se, se sentia insultada ou horrorizada com aquela resposta. Claro que deveria haver amor!

Pela expressão aturdida dela, Thomas adivinhou-lhe o pensamento. E pior, temeu o que ele pudesse fazer com a sua

decisão, e tratou de acudir a si mesmo, declarando:

— Entenda que falo do ato físico, Srta. Reims, não do modo pelo qual gostaria de ter meus filhos...

O ar lhe faltou e Irina achou que não aguentaria mais um minuto ali. Já lhe dera a resposta, prolongar aquele sofrimento não faria bem a nenhum dos dois. A conversa enveredava por um caminho delicado, nada convencional a ela, deveria, pois, ir dormir.

— Creio que esse ponto já ficou bem claro... Obrigada — soprou quase sem ouvir sua voz. — Boa noite.

Irina se voltou para a porta e levou a mão à maçaneta, abrindo-a. Contudo, o movimento do Conde foi tão rápido, que, quando percebeu, estava entre os braços dele e ele a segurava firme. O rosto inclinando sobre o seu, roubando os centímetros que o separava de seus lábios enquanto murmurava:

— Não creio que o tenha compreendido, de fato. Posso concordar que de início não conceba meus carinhos, pois toda essa situação nos é inusitada... Mas afirmo que não pretendo ficar sem minha esposa em minha cama. — Frisou sua posse e aproximou-se mais. — Encontro-me preso à promessa de não tocá-la somente, e nem um segundo a mais, até o momento em que me desejar. — Irina não respirava, os olhos castanhos escuros dele absorviam sua alma por completo, e não havia um mínimo reflexo em reprimi-lo. — Posso não amá-la, mas não fingirei que não a quero. Por isso, milady, sugiro que me seduza...

— Como? — balbuciou incerta.

— Assim é um bom começo...

Sem esperar a resposta dela, colou seus lábios aos rubros. Apertando-a contra seu corpo. Primeiro, delicadamente, provando-lhe a textura; depois, exigindo-lhe passagem entre eles até preenchê-la completamente com seu gosto e senti-la abandonar seu peso entre seus braços. Estreitou-a ainda mais contra si, explorando cada recanto de sua boca com avidez.

Suas mãos subiram pelas laterais de seu corpo, penetrando-lhe

os cabelos e desfazendo-lhe a trança até que aquele fogo intenso os envolvesse e ele a mantivesse entregue ao beijo, segura apenas por seus dedos contra suas bochechas. Estava a um passo de se declarar rendido quando ela escorregou para longe.

Os olhos verdes alargados contra os castanhos dele e os lábios inchados por seu beijo. Foi apenas um instante que teve para fitá-la e achá-la perfeita com os cabelos soltos e brilhantes, pois no minuto seguinte, havia somente os lírios no ar.

Ela desaparecera de sua frente, correndo na direção do quarto.



O convite para o Natal em Castleblack chegou ainda aquela manhã e Thomas pensava em como digeri-lo quando Irina entrou na biblioteca acompanhada por Claire, conforme havia notificado a George que gostaria que fosse feito.

Ela estava irritantemente vestida de cinza — tinha que dar um jeito nisso —, já Claire estava graciosa num vestido diurno verde-água.

— Mandou-nos vir, papai, e cá estamos. — Seus olhos brilharam ao se sentar no estofado de dois lugares enquanto Irina se mantinha de pé.

— Não deseja se sentar, milady?

— Não, estou bem de pé — sugeriu sem olhá-lo. Assim como ele, passara a noite refletindo sobre o beijo. E não estava disposta a dar o primeiro passo para repará-lo.

Os olhos de Claire saltaram de um para outro, e ela se perguntou o que acontecia entre os dois, principalmente porque o pai chamara a Srta. Reims de milady. Não era seu usual. Não que ela se importasse, a jovem era extremamente bem-educada ou não seria sua preceptora, mas sabia dos rigores de seu pai.

— E, então, o que houve? — O olhar dela dizia mais que suas

palavras.

Ele limpou a garganta e desviou o olhar de Irina.

— Sua avó quer que nos reunamos a ela no Natal.

O rosto de Claire se iluminou.

— Oh, que maravilha! — Bateu palmas. — Não é, Srta. Reims?

De repente, Irina estava lívida. Claire estreitou as sobrancelhas e insistiu:

— Srta. Reims?

A insistência da filha fez o Conde fitá-la e tornou seu semblante tão duro quanto pedra. A jovem estava branca como papel. Partiu em sua direção, amparando-a nos braços.

— Creio que agora queira se sentar...

Ela aquiesceu sem muita consciência dos fatos. Tinha menos de quinze dias para ser a Condessa? Era isso mesmo?

— Ela parecia tão bem ao café — disse Claire, ajoelhando-se aos pés dela e abanando-a.

— Um porto vai reanimá-la. — O Conde apressou-se em servi-la. Sabia exatamente o que ela sentia, pois tivera a mesma apoplexia nas primeiras horas do dia, depois de sonhar a noite toda com ela nos braços. — Beba, milady.

Passou o cálice a ela, que o levou aos lábios obedientemente. Estava muito confusa.

— Vai me dizer por que a está chamando de milady desde que chegamos? — Aproveitou que a cor voltara às bochechas da preceptora, e agora de uma forma ainda mais intensa.

Thomas a olhou intensamente e voltou-se para Claire.

— Não é algo que quiséssemos contar desta forma... — disse com calma, sabendo que Irina o observava, mesmo que não esboçasse o mínimo movimento de se pronunciar ou intervir.

— Contar-me?

— Sim, Claire... A verdade é que a Srta. Reims nunca veio para

cá para ser sua preceptora.

— Não? — a jovem ditou surpresa.

E, por segundos, Thomas pensou que ouviria a mesma coisa dos lábios de Irina, mas ela os firmou na borda do cálice, agarrando-se a ele como salvação.

— Não, achei que essa seria a forma mais correta de fazê-la se aproximar de sua madrasta, sem que lhe parecesse uma imposição ou uma ameaça.

Você poderia conhecê-la e adorá-la... — Fitou Irina com um carinho, que ela se perguntou de onde viera. — Vendo-a como a vejo, perfeita!

Irina engasgou e Claire tratou de lhe dar severos tapinhas nas suas costas enquanto dizia:

— Bem, é de fato inusitado que pense em se casar... Depois de tantos anos recluso.

— Reprova-me? — O Conde a fitou intensamente.

— Não... — Olhou para Irina ainda mais rubra. — De forma alguma. Sabe que sempre quis alguém para conversar e fico feliz que seja a Srta. Reims. Alguém que realmente estimo, mas não entendo... De certo já se conheciam...

— Não — respondeu Irina.

— Sim — ditou o Conde, calando-a. — Milady diz isso porque nunca me olhou efetivamente como um pretendente.

— Mesmo? — Voltou-se para Irina com olhos brilhantes. — Já lhe disse que pode parecer o pior dos homens, mas no fundo é gentil.

— Disse-lhe isso? — surpreendeu-se o Conde. Claire assentiu com a cabeça enquanto o olhar verde de Irina se alargava e lhe faziam voltar à postura anterior. — O fato é que, como contei, ela nunca me viu como pretendente. Porém, com o pretexto de ser sua preceptora, eu a trouxe para nossa vida... — Fitou-a intensamente e completou: — Permanentemente.

Ele havia se servido de porto e o sorveu inteiro.

Claire se voltou para Irina e atirou seus braços ao redor dela num abraço.

— Estou feliz — segredou-lhe ao ouvido. — Muito feliz por ser você... Tinha medo de quem ele escolhesse.

Com os olhos presos ao Conde, que lhe brindava com um meio sorriso, devolveu-lhe no mesmo tom:

— Ainda estou me acostumando com a ideia, mas estou feliz por me aceitar.

— Penso que ela irá conosco ver a vovó. — Claire voltara-se para o pai.

— Sim, sua avó insiste... Não aceitará uma negativa. — Deixou um olhar doce na direção de Irina. — E eu quero que a vejam.

Pelo visto, ele estava empenhado em representar seu papel perfeitamente — pensou Irina.

Claire suspirou antes de se erguer do sofá.

— Então, devemos nos preparar...

— Sim, preciso que organize um guarda roupa completo para milady. — E manteve-se firme ao completar: — Não quero que poupem um só centavo!

— Falarei com George agora! — E com um sorriso, os deixou a sós.

Assim que a porta da biblioteca se fechou, Irina o fuzilou com o olhar ao erguer-se do sofá e enfrentá-lo:

— Por que não contou a verdade a ela?

Thomas deu dois passos em sua direção e ele agora parecia extremamente forte. Ela amoleceu, buscando a parede atrás de si.

— É impressionante que sempre acabe acuada, milady — sussurrou sobre o rosto. Ah, como gostaria de beijá-la de novo. — Entenda, quanto menos gente souber a verdade, mais facilmente lidaremos com ela.

— Mas Claire é sua filha...

— Sim, por isso estou protegendo-a — ele prosseguiu ainda mais

baixo, fascinado pela cor rubra de seus lábios. — Melhor que ela seja honesta em tudo que disser a avó, nós nos incumbiremos da farsa. Está bem? — Ela assentiu lentamente, fascinada diante do cheiro e olhar intensos. — Quero testar algo, posso? — Não esperou que ela concordasse, e enterrou os dedos em seus cabelos, fazendo-a arrepiar e cerrar os olhos, mordendo o lábio inferior em busca de controle.

Aguardou o beijo, ansiou por ele, mas tudo que sentiu foram os cabelos desfeitos e os fios ondulados que se ergueram como uma cortina ao seu redor.

— Não o prenda mais dessa forma... — Abriu os olhos e o encarou. — Você é a futura Condessa de Rothesay, não mais uma preceptora.

— Eu sou o que sou e nada mudará isso.

Um terno sorriso brotou no rosto dele e com o polegar massageou-lhe os lábios. Ela ofegou.

Ele pensou em beijá-la, mas a porta se abriu e George entrou, proporcionando uma fuga conveniente.

Irina escorregou de seus braços para o corredor. Thomas não ousaria alcançá-la.



Ela não sabia efetivamente o que dizer na carta endereçada ao pai. Não era de inventar histórias para quem amava, mas estava presa à promessa feita ao Conde, e também não queria decepcioná-lo. Porém, tinha certeza de que, seja qual fosse o nome que poderia atribuir ao que vivia, sua situação não era de longe a defendida por Thomas durante o pedido de casamento.

Posou a pena no tinteiro, até porque, o interesse dele era exclusivamente no bem-estar da filha, e seu pai jamais abriria mão do seu em contrapartida. Encontrava-se no dilema de ter que

escrever, mas sem saber o quê, definitivamente.

Uma batida severa na porta a tirou de seus pensamentos. Ergueu-se da pequena escrivaninha no canto do quarto e dirigiu-se à porta, abrindo-a. Sua surpresa escorregou por seus olhos quando viu Thomas diante de si, apoiado nos seus braços abertos contra o batente, numa atitude contestável. Diante do meio sorriso dele, Irina estreitou seu cenho.

— Algo em que possa ajudá-lo, Sir?

Ele não esperou uma segunda pergunta e entrou no cômodo, empurrando-a delicadamente para o lado. Correu os olhos pelo ambiente e voltou a fixá-los nela.

— Ocorreu-me que temos pouco tempo para ensaiar uma vida a dois — disse firme. — E não devemos desperdiçá-lo.

Um frio cobriu-lhe a espinha, mas ela foi mais rápida, ignorando-o sob as palavras:

— E pretende começar por aqui? Há essa hora?

O sorriso dele ampliou e Irina percebeu o passo mal dado quando os olhos dele desviaram para cama e ela teve que ignorar as batidas aceleradas do seu coração.

— Adoraria... — ponderou, vendo-a ruborizar. — Seria um desafio e tanto relembrar os bons tempos. — Ela se manteve em silêncio, lembrando-se das palavras de Charlotte. — Embora acredite que já ouviu falar algo sobre meu caráter... — procurou pela palavra adequada: — Um tanto questionável.

— Eu diria que ele é bem mais do que isso... — contrapôs com olhos verdes brilhantes, fazendo-o olhá-la curioso.

Irina o observou escorregar até a cadeira que ocupara minutos atrás, cruzar as pernas e ditar:

— Eu esperava um pouco menos de entusiasmo de sua parte, mas já que o expôs, por favor, não poupe nenhum detalhe.

— Então, por que o perguntaste?

— Estás certa, deveria ter sido menos complacente. Agora conte-

me o que ouviu de mim.

— Ora... — gaguejou. Como poderia atribuir-lhe atos libertinos sem se passar por uma mulher leviana?— Isso não é certo. São coisas que não cabem ser repetidas ou repassadas adiante.

Ele sorriu, ela pouco via graça em tudo.

— Eu admiro que se empenhe em me defender até mesmo de sua razão. Porém, se vamos nos casar, é mais do que razoável que eu saiba o que pensa de mim, não acha?

Viu-se sem saída.

— Nunca dei ouvidos aos boatos, por isso não me lembro de nada. Excluo-os de minha mente.

— Essa é a pior mentira que já ouvi — decretou sério. — Façamos assim... — Ele notou a carta incompleta sobre o tampo de madeira. Um início razoável sobre como estavam o pai e as irmãs, mas nada muito substancial sobre eles. Ela estava insegura, ele voltou o olhar a Irina. — Eu direi exatamente o que pensei da senhorita quando a vi. Dessa forma, não se sentirá inibida em falar de mim.

Irina se segurou na porta, não tinha muita certeza se aguentaria muito tempo. E, a julgar por sua postura, o Conde estava longe de abdicar de seu intento.

— Bem... — Ele se pôs de pé e andou até a janela. — Jamais vi uma mulher tão desgrenhada em toda minha vida! — declarou tão sincero, que ela teve a exata noção de que empalideceu. — Tudo o que vi, quando a encontrei, sob a tempestade, me enervou. — O coração de Irina batia fraco a cada palavra. Ele precisava ser tão sincero? — Sua falta de bom senso declarada e o trabalho que meu deu, além de me fazer passar a noite em sua cabeceira. — Fixou o olhar nela, aproximando-se um pouco e parando ao lado da cômoda. — O que, confesso, não foi nada comparado a sua insistência em se vestir como... — ele pausou e suas mãos crispavam. — Uma mulher sem qualquer atributo, e sua tendência exagerada a conflitos. Tem uma personalidade forte, milady — confessou, lançando-lhe um olhar que fazia arder a pele da jovem. — Demorei um pouco para

admirá-la.

Thomas deu mais alguns passos em sua direção e o rosto da jovem queimava.

— Ouso dizer que, até mesmo quando propus a minha mãe, nosso casamento, custou-me crer que a tinha escolhido.

— Estou lisonjeada que o tenha feito. Deveria agradecê-lo? — disse irritada.

— Ainda não. — Sorriu. — Eu não terminei... — Em três passos, Thomas estava à frente dela. Seus olhos vasculhavam sua alma como brasas. — Desde que pus meus olhos em milady, soube que algo aconteceria entre nós. — Seu semblante agora estava sério e ele parecia ver além de Irina, o que a fez tremer enquanto erguia sua mão e tocava-a, com o dorso, as bochechas. — Eu fugi disso, fugi de repetir os mesmos erros... — Estreitou seu olhar sobre ela. — No entanto, me vejo preso a eles novamente.

Ela respirava alecrim e ofegava rapidamente, incapaz de pensar. Thomas estava muito perto, perto demais. Sentia o calor de seu corpo, a fortaleza que eram seus músculos e seu corpo amolecia. Tinha ciência de que os olhos dele percorriam seus traços avidamente e que seus dedos espalhavam-se por seu pescoço num carinho que ela não saberia descrever como impróprio. Ainda que lhe despertassem sensações incríveis.

Um formigamento que lhe cobria o corpo todo e mexia com seu ventre, estremecendo-o. Fechou seus olhos e deixou-se levar. O rosto dele se moldou à curva de seu pescoço, os lábios colaram-se a sua pele, molhando-a. O coração disparado no peito conforme ele deslizava a boca na direção de sua orelha. Ela separou os lábios em busca de ar, seu corpo todo queimava e estava longe de saber controlá-lo. Queria apenas sentir, cada vez mais. Senti-lo sobre sua pele, em todos os lugares. Não notou que gemeu quando ele mordiscou-lhe a orelha, tampouco que separou suas pernas, deixando que a coxa dele sustentasse-a no cerne de sua sensibilidade.

Agarrou-se à sensação poderosa que a fricção dos tecidos

provoca-lhe no âmago. Pensava que a qualquer momento se desmancharia entre os dedos dele. Nunca experimentara nada tão maravilhoso, nada que prontamente lhe tirasse a razão, mas sabia que ele sim... Que não era a única mulher que ele tivera nos braços, nem a que ele amava. Seu corpo esfriou, mesmo que ele lhe beijasse a linha do maxilar com carinho.

Muito pelo contrário, ela era a mulher que ele julgava uma alternativa duvidosa, num momento de desespero. No entanto, e talvez apenas isso sustentasse sua escolha, sentia-se atraído por ela. Num único movimento, empurrou-o com força para longe, impedindo-o de selar seus lábios.

— Já basta! — Passou a mão repetida vezes sobre os lugares em que ele a tocara. Os olhos dele semicerraram em alerta.

— Eu não quis ofendê-la.

— Por favor, saia.

— Irina... — Ele avançou com a mão erguida, querendo tocá-la, mas ela refutou-o, girando a maçaneta e abrindo a porta enquanto dava-lhe passagem.

— Foi bastante claro no que pensa de mim, Sir...

Thomas a fitou incrédulo, abaixou a mão com fúria e, sem ter o que dizer, passou pelo batente como um raio. Quando fechou a porta, as lágrimas escorreram de seus olhos. Será que seria sempre assim? Ele não se importaria com os sentimentos dela?



Infelizmente, ou não, no dia seguinte, o Conde havia saído cedo, e por sua vez, Irina se recolhera logo após o jantar, esquivando-se de qualquer conversa. Havia enviado a carta ao pai, pois, não era sua intenção que Claire fosse envolvida em seus problemas. Sim, eram seus, a partir do momento que se deixara envolver pelo homem que escrevera aquelas cartas, e que há muito, deixara-se

esmaecer como a tinta da grafia requintada.

A manhã do terceiro dia surgiu ainda sem o Conde à cabeceira da mesa, fato que incomodou Irina profundamente. Talvez fosse certo pensar que ele a evitava. Por um lado, isso impediria que ela fugisse dele; por outro, dificultava que aprendesse a se comportar na frente de sua futura sogra. Não haviam ainda inventado nada contundente, em que se baseasse o noivado. Porém, Claire surgiu sorridente na sala de jantar, como se a ausência do pai não a abalasse e, de fato, talvez não o fizesse. Não como a ela, constatou irritada.

Uma irritação que foi substituída pelo assombro quando a jovem confidenciou o destino de ambas, naquela manhã: o atelier da Sra. Lovax. E, ainda que não tencionasse, seu tempo foi ocupado com uma nova visita à modista. Porém, se antes as pessoas apenas as olhavam, ao passarem na rua, a curiosidade desta vez — de Bute — estava a florada.

Os cochichos se alastravam como pólvora a sua volta. Claire parecia não se importar, mas Irina não tinha tanta certeza de que resistiria por muito tempo. Ainda que a Sra. Lovax tivesse mantido sua descrição e o semblante divertido enquanto tomava-lhe as medidas, anotando cada detalhe que a jovem lhe ditava e sugerindo sempre conversas triviais, que a ruiva acolhia com um mínimo assentimento de cabeça, era certo que nem todos seriam tão condescendentes. E, essa mera possibilidade, assustava-a. Não sabia como agir, ou o que dizer, caso abordassem-na com perguntas sobre o Conde.

E, apesar de saber o que cada traje daquele representava, não se via usando nenhum. Descobrira, naquele momento, que faltava-lhe não só a intimidade com seu par, mas também, com todo seu mundo. Com o corpo novamente coberto pelo tecido cinza, ainda no salão da Sra. Lovax, e observando o vai e vem de pessoas que pareciam determinadas a conseguir um traje novo para o natal, viu-se sendo analisada por duas senhoras, ao canto, enquanto Claire fazia os últimos acertos de seus vestidos.

Não demorou, para desespero de Irina, que elas se

aproximassem e trouxessem consigo os olhares de todos os presentes.

— Bom dia, Srta. Reims — a mais alta e de olhos de águia, pois assim se apresentavam os dois azeviches que se comprimiam em sua direção, sugeriu num meio sorriso. — Sua chegada parece ter trazido alegria a Rothesay.

A ruiva não poderia ter ficado mais lívida. Como responder àquela provocação clara? A senhora mirou seus dedos e, instintivamente, Irina os escondeu. Sabia que procurava um anel de noivado, e caso ela não o achasse, como de fato aconteceria, qual seria sua nova ponderação sobre sua estadia em Rothesay?

— O que minha irmã quis dizer, Srta. Reims — a de olhos azuis provocativos, cortou seus pensamentos —, é que desejamos muitas felicidades em seu enlace com o Conde.

A menção ao seu casamento, feita por aquelas duas senhoras, diante da aprovação contrita de uma plateia de corvos, trouxe frio à espinha de Irina. Não sabia como se defender de nada daquilo, mal compreendia como o pedido do Conde havia ido parar ali, naquelas bocas agourentas.

— Por que é isso, não é mesmo? — As azeviches brilharam satisfeitas com o que haviam descoberto. — O Conde não desperdiçaria tanto dinheiro com apenas uma simples preceptora.

Uma agitação interna de rebeldia preencheu o espaço deixado em seu cérebro por uma resposta à altura do desaforo. Se ao menos pudesse dizer o quanto adoraria voltar a ser uma simples preceptora... Esquecendo tudo o havia descoberto sobre o Conde e arrancando-o de seu coração. Cerrou os punhos, cravando as unhas na palma da mão para que a dor do corte lhe trouxesse presença de espírito e ponderação. Fechou os olhos e ouviu o sinete alertar para mais um intruso.

Eles não parariam de chegar? O que mais lhe diriam? E, Claire, onde estava?

Enquanto respirava fundo, a voz que preencheu o ambiente fez seu coração disparar:

— Perdoem-me a intromissão, miladies... — Os olhos verdes se abriram nos castanhos e a mão dele entrelaçou-se a sua, sem que pudesse refutá-lo. Uma curta e precisa reverência, às senhoras, foi feita. — A futura Condessa precisa ainda escolher alguns itens do enxoval comigo.

O sorriso que se formou nos lábios dele, após suas palavras e a comoção despertada entre as mulheres presentes, fez Irina se questionar se devolvia-lhe uma bravata pelo ocorrido do dia anterior e ria dela. Contudo, no mesmo instante em que todos os olhares estavam nele, os dedos ágeis do Conde deslizaram um anel para o seu, levando sua mão em seguida ao seu antebraço e expondo, à visão geral, o noivado de ambos.

Um misto de fúria e surpresa a atacou. Sempre sonhara que aquele fosse um momento romântico e íntimo, a ser preservado de olhos nocivos, ainda que a joia em seu dedo fosse belíssima e, para decretar seu silêncio, a que ela própria escolhera.

Ele sempre pensava em tudo?

Estava ponderando um comentário afiado quando ele sentenciou entre dentes, conforme a conduzia para fora do atelier, sob os olhares julgadores.

— Se tivesse permitido que me desculpasse, o anel já estaria em seu dedo.

Uma forte inquietação tomou conta de seu semblante enquanto relembrava o toque dele em sua pele. O coração acelerou e, sem saber como controlar-se com ele tão próximo, atacou-o:

— Mas a que preço seria? — Desviara seus olhos a tempo, não conseguiria sustentá-los diante de sua pergunta.

Todavia, os dedos enluvados de Thomas capturaram seu queixo e trouxeram seus olhos aos dele uma vez mais.

— Eu cobro muito pouco... — Retirou a cartola e enlaçou-lhe a cintura, beijando-a em meio aos transeuntes, que diminuíram os passos para observá-los melhor.

A sensação dos lábios dele nos seus a deixava atônita,

envergonhada de sua debilidade diante de algo, que devia ser recusado. Porém, a pressão, a quentura e o gosto dele eram impossíveis de ser ignorados e, num reflexo, seus dedos se enrolaram aos cachos de cabelos castanhos, deixando-o aprofundar o beijo.

Não era de todo tão caro... — pensou por fim. — Não, ao menos, quando já tinha lhe roubado a alma.



A proximidade do Natal, fez com que os dias do Conde fossem mais atribulados, e isso deu à Irina, a oportunidade de ter contato com várias obrigações que assumiria em pouco tempo, quando se tornasse a Condessa de Bute. E, tomar conta de um castelo, era a menor delas. Passou uma tarde inteira retribuindo os votos de um feliz noivado, ofertados pelas famílias da região. Em outra, recebeu presentes dos arrendatários, e no final da semana, um convite para um jantar em homenagem a ambos.

De todas, essa foi a pior situação em que se encontrou. Estava longe de saber como responder. Esperou, aflita, o Conde chegar, mas ele só o fez às altas horas da noite e com um leve cheiro de bebida no ar. Em pés delicados, escorregou pelo corredor até o quarto dele, logo após ter ouvido os passos fortes ecoarem pelo corredor e o trinco cerrar a porta, em seguida.

Respirou fundo diante da porta, com a touca em seus cabelos e a luz da vela, entre seus dedos, bruxuleando sombras ao seu redor. Ergueu a mão e bateu firme. Demorou um pouco até que Thomas surgisse sob o portal e a encarasse com um olhar travesso.

— Srta. Reims... — Olhou-a de forma sedutora. — Tenho certeza de que, em algum momento, seu pai lhe avisou sobre vir até o quarto de um homem, no meio da noite. — Colocou a cabeça para fora, certificando-se de que o corredor estava vazio.

— Infelizmente, o que me traz aqui é algo que não pode esperar

até amanhã.

— Não? — ele sugeriu ébrio e sorridente.

— Permite-me? — Fitou-o, indicando que desejava entrar.

— Eu não creio... — disse embolado.

Ela passou por ele, colocando-se as suas costas. Com um longo suspiro, Thomas fechou a porta, isolando-os do mundo. Ali, sob a luz das velas, podia ver os cabelos soltos dela, correndo em cascatas pelos ombros, extremamente cobertos com uma horrorosa camisola de algodão. De onde ela tirara aquilo?

— Isso chegou hoje. — Estendeu-lhe o convite. — Eu simplesmente não sei o que responder...

Fitou-o reparando nos cabelos desalinados e no peito desnudo, por onde uma fileira de cabelos castanhos se perfilava sobre os músculos rígidos e se escondiam sob o tecido da ceroula. Ruborizou ao perceber que se deliciara com aquela visão.

— Isso é tudo? — ela detectou uma nota de ironia em sua voz.

— Sei que pode parecer ridículo de minha parte, mas ainda não temos uma história juntos para apresentar às pessoas — sugeriu de uma vez só. — E, se permite, não creio que devemos aceitá-lo.

— Não, não o permito — cortou-a.

— E por isso mesmo, não encontro motivos para recusá-lo, educadamente... — Foi nesse exato momento que Irina entendeu as palavras do Conde e o fitou surpresa. — O que disse?

— Disse que não permito que siga essa linha de raciocínio deficitária e recuse o convite. Estamos sendo testados. — Respirou fundo, era certo que estava bêbado ou jamais colocaria as coisas dessa forma. — Se fizermos algo do tipo, não só atiraremos tudo à lama, como Claire virará motivo de cochichos, e isso eu não permitirei.

— Bem... — Ela estremeceu, sentindo-se uma tola. Não havia pensado nessas possibilidades, ficara muito assustada em enfrentar as aves de rapina da sociedade de Bute. — Da forma que expôs...

— Se tivesse me deixado prosseguir, naquele dia, Srta. Reims...
— Thomas sorriu e se aproximou dela, encurralando-a contra o dossel da cama. Onde as mãos de Irina buscaram suporte enquanto o cheiro dele a envolvia e seus dedos tomavam-lhe uma mecha de cabelo, levando-a aos lábios. — Não estaria assustada com um simples convite. — O coração dela disparou e agradeceu verdadeiramente à parede atrás de si por ser mais firme que suas pernas. — Se me permitir, poderíamos recomeçar nossa aula sobre nós dois, exatamente daqui. Esse é um bom lugar para se começar uma história... — desviou o olhar para a cama.

Ela perdeu o fôlego ao ler sua impotência diante da voz rouca dele e da forma como, agora, dedilhava a pele do seu pescoço, afastando a gola de sua camisola, para lhe permitir maior acesso.

— Não estou tão certa... — balbuciou sem muita convicção.

— Certa de quê? — ele questionou ciente da fragilidade dela.

— Que eu deva permitir — murmurou enquanto sentia os lábios dele se colarem ao ponto sensível em seu pescoço e o ar fugir de seus pulmões, levando-a a um suspiro.

As palavras dela se perderam, assim como seu raciocínio, em meios às respirações aceleradas e os beijos que cobriam-lhe o pescoço até os dentes cerrarem no lóbulo de sua orelha, mordiscando-a suavemente. Seu corpo se liquefazia em meio à onda de calor que os toques dele lhe provocavam, principalmente quando a mão pousou sobre seu seio, enfatizando o atrito do tecido com sua pele e arrancando dela um gemido ardente.

Os olhos castanhos do Conde, até então cerrados, se abriram contra os verdes dela, e a mão livre ergueu-lhe a barra da camisola, escorregando pelas coxas cremosas até alcançar-lhe a base das nádegas. Irina reprimiu um novo suspiro e o Conde sorriu, encostando sua testa a dela e novamente friccionando a palma da mão contra o seio rígido.

— Não vou lhe machucar, milady. — Colou seu corpo ao dela, expondo-lhe todo o desejo contra seu ventre. — Eu lhe prometo que não farei nada que não desejar...

— Eu não... — Ele calou-a com um dedo pousado nos lábios e tomou-a nos braços, deitando-a sobre os lençóis de linho.

O corpo viril se impôs ao dela, e novamente estava longe de dizer-lhe não. Queria sentir mais dos toques, dos beijos, mas antes que pudesse desfrutar do gosto dos lábios dele, uma sentença a gelou por completo:

— Deixe-me fazê-la minha, Elinor... Apenas por uma noite.

Seu coração parou de bater e Irina sentiu-se abandonada por todas suas forças. Então ele achava que era Elinor? E ela chegara a conceber ter aquele tipo de intimidade antes do casamento, para que não se sentisse tão vazia quando fosse abordada por senhoras impertinentes, como aquelas do atelier.

Apoiou firmemente suas mãos contra o peito dele e empurrou-o com todas as suas forças recém-adquiridas pelo ódio, fazendo-o tombar de cara contra o travesseiro, e ali ficar, ressonando.

Com os olhos embotados de lágrimas, Irina deixou o quarto do Conde, sem pensar em levar vela ou convite consigo. Tudo que escondeu sob suas cobertas, foi a humilhação de não se sentir amada.



A manhã chegou cinzenta e nebulosa, nevaria em breve, e quis Deus, que Thomas estivesse sentado — confortavelmente — em sua cadeira, na sala de refeições.

— Bom dia — disse delicadamente.

— Bom dia — respondeu o Conde sem fitá-la.

— Claire?

— Foi até a vila — finalmente a encarou. — Disse-lhe que precisava de um tempo a sós com a senhorita. — Desviou o olhar para os criados que se perfilavam em sua lateral, e que prontamente deixaram o local.

Irina não fez menção de se levantar, ainda que um arrepio e a irritação lhe atacassem impiedosamente.

— Eu sei que lhe devo desculpas por ontem.

Ela passou os talheres à borda do prato.

— Existe mesmo, a possibilidade de lembrar o que aconteceu ontem? — Encarou-o, ainda que não dominasse completamente seus sentimentos e sentisse seu rosto queimar.

— Em parte, tive um comportamento inadequado — disse suave.
— Peço que me perdoe.

Irina fechou a mão e abriu-a diversas vezes até se manifestar num murmúrio:

— Lembra o que me disse?

— Como? — Estreitou as sobrancelhas sobre ela.

Encarou-o e viu a perplexidade diante de sua pergunta. Thomas parecia não se lembrar de tê-la chamada de Elinor. E, ela tampouco saberia como revelar sua mágoa, diante de algo que, aparentemente, o Conde ignorava ter ocorrido entre eles. Ou era um bom ator, ou dizia a verdade, e de qualquer forma, aquela conversa não esclarecia nada. Pois ambos já haviam definido suas posturas diante do assunto.

— Prometeu-me que hoje aprenderia um pouco mais sobre meus gostos.

Leu o alívio nos olhos castanhos.

— Se o fiz, está feito. Mas não me disse, se me perdoou por ontem à noite.

Irina respirou fundo antes de respondê-lo:

— Sim, eu compreendo que estava fora de seu normal. Mas compreenda também, que nada houve, de fato. — Estava julgando que a falta de memória dele, advinha do excesso de álcool. — Apenas escorraçou-me do quarto — revelou, devolvendo os olhos à comida. — Eu irei superar.

Thomas ponderou, por instantes, aquela insinuação e seu corpo

enrijeceu. Era horrível admitir a si mesmo que sonhara com os beijos depositados no pescoço dela. Ainda tinha a imagem dela em seus braços, viva. Porém, após tomá-la no colo e depositá-la em sua cama, tudo escureceu. Sabendo-se incapaz de protestar com as poucas lembranças que possuía da noite anterior, apenas sentenciou breve:

— Tenha certeza de que não ocorrerá de novo. — Levantou-se, dirigindo-se à porta. — Eu aceitei o convite em nosso nome — determinou ao abri-la. — Então, à noite, começaremos nossas lições. Tenha um bom dia, Irina.

— Você também, Thomas — as palavras deixaram seus lábios com dificuldade, a mesma que encontrou para comer o restante do bolo.

Infelizmente, seu temperamento não lhe permitia viver em dúvida. Tirá-las-ia assim que pudesse.



Ele estava sentado na poltrona de tecido café e seus olhos a fitavam estranhamente a cerca de uma hora quando sentenciou:

— Minha cor favorita?

— Verde.

— Bebida?

Ela bufou.

— Conhaque.

Thomas sorriu ao se erguer e andar pela biblioteca, e tomar uma garrafa entre os dedos, servindo-os.

— Não... — recusou o cálice direcionado a si. — Obrigada, milorde.

— Por favor... — sugeriu sob um sorriso. — É apenas um pequeno brinde.

Irina aceitou incerta, não era de sua natureza ingerir bebidas. Ainda mais as daquele tipo: forte.

— E a que estamos brindando? — indagou levemente desconfortável por fazê-lo.

— Ao nosso noivado.

A ruiva fitou o cálice, como se ponderasse se devia segui-lo no brinde. E, de fato, ponderava. Aquela situação mostrava-se, a cada dia, mais insana.

— Acha que sua mãe acreditará em nós?

Ele bebia de seu cálice, encarando-a, à frente dela.

— E por que não o faria?

Um nó se formou em sua garganta, mas ela o desfez com um mínimo gole.

— Nada do que ensaiamos parece-me real.

Ele ponderou a sugestão dela por um segundo, até reformular a sua:

— E o que lhe pareceria real?

Irina se ajeitou na poltrona em que se encontrava, para prosseguir num tom ameno:

— Saber sobre seus gostos, não é tudo a que se resume um compromisso... — E seus olhos estavam intensos nos dele. — Deve-se conhecer muito a quem se vai unir por uma vida. Principalmente num caso como o nosso, em que um lado era claramente avesso a contrair núpcias novamente.

Sabia que se arriscara a dizer aquilo, mas podia ver um sorriso malicioso escondido no canto dos lábios, que se revelou em palavras no instante seguinte:

— E o que sugere, milady? — Observou-a atentamente. — Até poucas semanas atrás, também tinha teorias estranhas a meu respeito.

— Um engano contornável, eu diria — interrompeu-o.

— Engano? — A sobrancelha dele enviesou minimamente. —

Posso saber o que teve poder de desfazê-lo?

Ela corou fortemente.

— Milorde está sendo impertinente.

— É um defeito que deve conhecer, e tentar conviver, pois, não pretendo me livrar dele.

— E por que não?

Fitou-a curioso.

— Porque isso consumiu muito de minha reputação ao longo dos anos, e manteve pessoas inconvenientes longe do meu caminho. — Saboreou o sorriso que floreceu os lábios dela. — Não penso abrir mão de minha melhor defesa, Srta. Reims.

— E está se defendendo do quê? De mim?

Ele sorriu abertamente, pousando o cálice na mesa, onde havia apoiado parte da perna. Vestia apenas um colete claro, aberto, revelando a blusa, impecavelmente branca, que estava dobrada até os cotovelos, expondo a pele clara dos braços, sobre músculos fortes.

— É mais impertinente do que eu — ele persistiu na bravata. Ela irritou-se com tamanha leviandade de sua parte.

— É o meu melhor ataque — rangeu, disparando em seguida: — Porém, ousou dizer, que não mudei minha opinião de todo.

Ele a analisou intensamente.

— Não de todo... — sugeriu seco. — O que quer dizer com isso?

— Que há coisas para as quais não achei um antídoto, e me parecem ser exatamente o que se apresentam.

— E se eu lhe sugerisse um? Certamente o acusado tem o direito de se defender.

— De certo que sim, mas ainda não provei a veracidade das minhas suspeitas. E seria injusta. Não lhe parece?

Thomas observou-a curioso, gostaria de saber o que se passava na mente da ruiva. Não estava gostando daquilo.

— Certamente devemos acusar quando há provas...

Ele ainda não havia terminado sua fala quando, num gesto intempestivo de quem se sabia observada e, assim sendo, demonstrando sua segurança, Irina alcançou a mesa onde estava disposta a bebida e serviu-se um novo cálice. Os olhos castanhos do Conde se abriram num misto de surpresa e preocupação ao vê-la virar o cálice de uma vez só e sorrir para ele.

O que a ingênua e tola preceptora — e filha de um pároco — estava querendo provar-lhe? Que tinha idade para se embebedar? Não, ela podia ter muitos defeitos, mas não era uma doidivanas. Algo a incomodava, mas o quê? Por que, raios, não se lembrava de nada? Sua têmpora latejou diante de sua frustração tempo suficiente para um abrir e fechar de olhos em busca de apaziguá-la, permitindo que ela se aproximasse.

Quando voltou a fitá-la, Irina estava muito próxima, seu peito subia e descia rapidamente sob o decote simples, e o calor do conhaque emprestara uma cor rosa e um sorriso travesso àquele rosto sempre tão sério. Esperou que interrompesse seu avanço sobre o tapete, porém, à medida que não o fez, Thomas se pôs de pé, rígido. Não tinha a mínima ideia dos intentos da jovem e sabia, por experiência própria, que damas alcoolizadas eram terrivelmente inoportunas.

Todavia, quando o cheiro de lírios, corrompido pelo hálito de conhaque, o alcançou, ele teve a exata noção do que se passava em seu íntimo. Havia não só aquele fogo ardendo em suas bochechas, mas seus olhos adquiriram um brilho escuro e indecifrável, e os lábios se partiram volumosos e convidativos. Certamente lhe oferecia uma dose do que provara na noite anterior, não lhe restava mais dúvidas. O problema era que Thomas possuía certa intimidade com a bebida e ela nenhuma, e não estava tão seguro de que, sóbrio, seria menos inócuo aos encantos da jovem.

— Nossa conversa já não é mais apropriada para o momento... — Ele tentou freá-la quando notou que adoraria se aproveitar da incapacidade dela. — O dia foi extenuante e deve querer se recolher.

Continuamos amanhã.

— A mim, parece apropriada, Thomas. Podíamos terminar o que começamos ontem... — ela ousou sussurrar o nome dele, ouvindo-o tragar todo ar que havia na biblioteca. O corpo dela agora estava inclinado sobre o seu, espalmando suas pequeninas mãos contra a solidez de seu tórax. Ele cerrou os olhos para conter a quentura que tomou conta de sua pele, ainda que o tecido a impedisse de tocá-lo. Há muito não compartilhava toques ou carícias, e aquilo estava fugindo ao seu controle. Fugia tanto deles, que já concebera tê-la em seus sonhos, mais de uma vez e, cada vez mais, de uma forma real.

— Creia-me, milady... — ele respirou fundo, encarando aquelas esmeraldas brilhantes, enquanto segurava-lhe as mãos, interrompendo o contato. — É melhor se recolher.

— Mas vamos no casar, e... Pediu-me que o seduzisse! — irritou-se, ao se empertigar a sua frente. Era frustrante saber que estava certa desde o início, não havia chances de se comprometerem como um casal. Toda a sedução da noite anterior fora exatamente por conta da bebida, e jamais ele pensara deixar-se levar por sentimentos. Sentindo sua determinação esvair ao ser confrontada com a verdade, murmurou: — Era de se esperar que tivéssemos um grau de intimidade mais profundo... Além de cores, flores e futilidades.

Ele admirou a convicção dela em afirmar que deveriam ser mais íntimos, ainda que não concordasse com os métodos dela e, assim sendo, estivesse feliz que os colocasse em prática entre aquelas paredes. Seria difícil manter esse tipo de ideias aceitáveis diante dos criados ou de amigos.

— Já sabemos que milady não compreende aonde sua curiosidade a levará... — ele disse levemente ríspido, sabendo que a sua também estava despertada e era sua obrigação se conter. Desejava-a, mas não em meio a um disparate daqueles.

Ela respirou fundo e contrapôs:

— Pediu-me que o seduzisse, milorde... Que não perdesse um

minuto se quer, e creia-me, estou fazendo o meu melhor — sentenciou, trazendo novamente a vermelhidão as suas bochechas, era humilhante admitir isso, mas não podia dizer que o testava. Por que não podia simplesmente arrancar ele de seu coração e ir embora, ao invés de bancar uma tola? — Evidentemente, não tenho metade de sua experiência, nem mesmo com jogos desse tipo... Mas se está tão empenhado em me ter em sua cama, também estarei empenhada de que não seja de qualquer forma — ela pausou, encarando-o. — Foi difícil se apaixonar pela mãe de Claire?

Por segundos, houve um descompasso no coração do Conde, onde ela fora buscar aquele tipo de pergunta? E por que a fazia? Ele recuou, tentando buscar coerência naquele discurso, que só permitia ir adiante porque ela estava fora de si.

— Não creio que seja algo que desejes saber — sentenciou um tom mais alto do que queria. A pergunta o pegara de surpresa.

— Ela também teve que seduzi-lo? — Embora soubesse a resposta, queria ouvi-la dele. Talvez isso lhe partisse de vez o coração e a tirasse daquele torpor.

Não queria falar sobre aquilo. Por que ela tornava as coisas difíceis? Não queria que seu passado manchasse seu futuro mais do que já havia feito.

— Basta! — cortou-a seco.

Irina estremeceu.

— Não deve haver segredos entre marido e mulher — argumentou irritada pela fuga dele.

— Não os tenho... Elinor faz parte meu passado, e é só.

— Um passado que, até poucos dias, era tudo que lhe fazia ficar dentro desta casa... Revivendo-o! — atirou contra ele furiosa. Por que não podia ser honesto com ela?

— Elinor não tem nada a ver com nosso noivado.

— Tem tudo! É para o bem da filha dela, que vou entregar meu futuro a você.

— Está sendo injusta. Sei que gosta de Claire — ele disse,

tentando ser cortês.

— Gostar ou não dela, não muda o que de fato sente.

— Estou intrigado para saber o que seu cérebro elucubrou sobre o que eu sinto! — explodiu.

— Eu não sou ela, e não resgatará nada através de mim! Ter-me em sua cama, não a trará de volta, milorde!

— Por que diz isso? — Segurou-a pelos ombros, fazendo-a encará-lo.

— Como pode me pedir que o seduza... Que lhe dê filhos e que me prenda a você, por toda minha vida, se ainda a ama? — Seus olhos nublaram. — Pensa mesmo em mim, como um ser inanimado, incapaz de se envolver sentimentalmente nesse teatro que armou, sem meu consentimento? Acaso acha que sou um homem e que racionalizo tudo?

E, ainda surpreso pela avalanche de ataques dela e sem saber como contê-la, não interferiu. O que havia feito, realmente, na noite anterior para despertar tudo aquilo?

— Pois eu tenho uma novidade para você, Thomas: sou uma mulher e estou longe de saber lidar com esse tipo de situação. É bom que leve em consideração, que as coisas podem fugir ao seu controle, mais uma vez.

Sem argumentar nada, viu as lágrimas escaparem daqueles olhos verdes, em cascatas, enquanto ela o abandonava sozinho.



O BAILE



De fato, não se viram nos últimos dias. Estava claro para Irina que não havia como conhecer mais profundamente o Conde, e, aquele homem das cartas, só existira para uma mulher, Elinor.

Olhava-se no espelho do toucador e, mesmo com o vestido belíssimo de seda bordada num tom de pêssego, decote baixo e saia ampla, bordado com pequenas pedras azuis e fios de prata, não conseguia divisar o que poderia agradar o Conde. Nem mesmo entendia a sua insistência em fazê-lo.

Tinha vontade de desistir, de voltar ao presbitério, mas até isso lhe era negado, porque envergonharia seu pai e sua família, já que o Conde assumira um relacionamento com ela diante de todos. Como pudera ser tão tola em querer ajudá-lo pela simples nota enviada à Duquesa? Seu coração estava em mil pedaços.

Os olhos marejaram e impediu as lágrimas de rolares, erguendo-se do estofado e empertigando-se diante de seu reflexo. Tinha que parecer segura, pelo bem dela e de Claire. Desceu as escadas conformada com seu destino e surpreendeu-se ao vê-lo em seu traje de noite preto, impecável, em pé, ao lado do último degrau.

Os olhos castanhos buscaram os verdes dela e a expressão que leu neles foi de admiração. Por instantes se sentiu perfeita, uma mulher à altura dele, mas ao perceber Claire, mais adiante, o rosto de Elinor se formou a sua frente e ela entristeceu. Sua mão pousou na ofertada por Thomas sem a mesma vivacidade que ele vislumbrara ao fitá-la no alto da escada. Estava perfeita.

Tomou-lhe a mão enluvada, na sua, com carinho, e por respeito e deslumbramento, beijou-a com uma afeição incomum, murmurando-lhe ao conduzi-la a Claire:

— Você está maravilhosa.

— Está mesmo — concordou a jovem sob um sorriso de orgulho.

Sentindo o calor se intensificar nas maçãs do rosto, Irina disfarçou o mal-estar:

— Se não nos apressarmos, chegaremos atrasados.

Fingindo não perceber que retirara abruptamente a mão de sobre a do Conde, dirigiu-se à porta e fez um gesto de cabeça mínimo ao mordomo, que lhe deu passagem prontamente, não conseguindo ser mais rápido que ela para lhe abrir a portinhola do coche. Com o coração aos pulos, ela se instalou na ponta de um dos bancos, com a cabeça para fora. O ar, por mais que soprasse em excesso, não parecia ser o suficiente.

Ouviu o farfalhar de vestes, sentiu a alteração do peso no coche, mas não voltou seu rosto nem ao Conde, nem à jovem. Precisava colocar a cabeça no lugar, a visão dele a perturbara, assim como suas palavras recheadas de elogios. E não, não deveria ceder. Apenas executar seu papel como era esperado.

— Está uma noite linda... — Claire comentou, entusiasmada.

A felicidade implícita em sua voz, fez com que algo estalasse na mente de Irina. Apesar de ainda ter que esperar pela vó, para ser oficialmente apresentada à corte de Londres, aquele seria o primeiro evento social de Claire, e por culpa do Conde, se esquecera disso. Como pudera esquecer completamente seus propósitos reais e o emprego que tão feliz aceitara? Maldito seja ele! — bradou mentalmente. — Porém, remediaria a situação.

Voltou seus olhos verdes a ela e completou:

— E será mais linda ainda, quando todas as atenções forem para você. Tenho certeza de que se divertirá muito. — Sorriu-lhe.

O rosto de Claire se iluminou, cada linha dele expressava gratidão, e com a brecha dada à jovem, Irina viu sua mão novamente colhida pelo Conde. Contudo, dessa vez, ele a segurou forte, entre as suas, e acarinhou-lhe o dorso com o polegar. Tentando não pensar no toque quente dele, sugeriu para si mesma: — a noite será longa.

Tão logo foram introduzidos ao salão de baile, foi impossível não

terem todos os olhares voltados para o casal. Um burburinho ameaçou recebê-los de forma errônea, mas a anfitriã surgiu num maravilhoso traje de cetim azul, e seus cabelos castanhos — levemente platinados — presos no alto da cabeça, deixavam fugir pequenos cachos para emoldurar-lhe o rosto fino.

— É um prazer tê-los aqui, essa noite.

— O prazer é todo nosso, milady. Permita-me apresentá-la a Lady Irina Reims, minha futura esposa.

A ruiva não saberia dizer quem estava mais surpresa, se Lady Trevil ou ela própria, já que a conversa não era reservada, não havia uma nota no ar e todos foram capazes de ouvir o que o Conde havia mencionado.

— Lady Irina. — A mulher prestou-lhe uma reverência.

— Lady Trevil — devolveu a jovem.

— Pode me chamar de Abgail — sugeriu de forma informal a mulher.

Em seus pensamentos mais reclusos, Irina achava que manter Lady Trevil seria melhor, mas certamente, não o mais educado, quando Abgail havia lhe sugerido a intimidade dos primeiros nomes.

Como se não prestasse atenção na expressão da ruiva e lhe escapassem tais cogitações, Lady Trevil voltou-se ao Conde:

— Permita-me que apresente Lady Irina às outras damas.

Um olhar dos castanhos para os verdes, que se inquietaram diante do pedido. Contudo, um sorriso discreto e pequeno endereçado a ela pelo Conde, teve um efeito reconfortante em seu interior e Irina se deixou guiar pela nova amiga, afastando-se do Conde e de Claire.

— Não se preocupe, querida. — Abgail lhe deu dois tapinhas na mão que havia enlaçado a seu braço. — Com minha experiência, posso lhe dizer que o Conde está apaixonado.

Tal observação teve um efeito surpreendente em Irina, pois colhida de surpresa pela informação, tinha o coração repleto de felicidade; a mente cheia de dúvidas; e o estômago, aparentemente,

se rebelava contra ambos.

— Ah, e achávamos que ele não tinha mais jeito! — exclamou baixo, direcionando-as a um grupo de três mulheres louras. Irina tinha certeza de que o mundo conspirava contra ela, em todos os sentidos.

Assim que Claire foi tirada para dançar, Thomas tentou evitar ser abordado por qualquer membro da sociedade de Bute. Havia descoberto um espaço perfeito para seu intento, uma pequena saleta à direita da varanda principal.

Estava vazia, imaginava o Conde, por sua localização. Lembrava-se de sua época, quando locais como aquele que os Trevil ostentavam nos fundos de sua propriedade — um viçoso jardim, com muitos recantos — eram bem mais frequentados que uma saleta em tons de bege com um canapé de tecido castanho ao canto e quadros de gosto duvidoso. Certamente as coisas não mudaram tanto assim em quinze anos.

Olhou mais uma vez para Irina, que estava entretida numa conversa com as amigas de Lady Trevil, formando uma barreira a qualquer intromissão externa; e depois, procurou por Claire, que agora valsava nos braços de jovem robusto, cujos cabelos castanhos muito o assemelhavam à anfitriã. Claire estava feliz e, Thomas julgou que, se ficasse ali por um tempo, não seria de todo mal.

Acabara de ter uma conversa enfadonha com o Barão de Lion sobre o tempo das Balcãs, quando em nada lhe interessava o assunto, e aparentemente, muito menos ao Barão. Já que havia muitas contradições em suas frases; todavia, havia também um bom motivo para cada homem naquele salão querer ser visto em sua companhia. Afinal, o Conde não era uma figura fácil de ser avistada em seu meio, e isso estava para mudar com uma Condessa a caminho e uma filha debutante. Em breve, os primeiros a lhe falarem, agiriam como velhos amigos. E Thomas não estava tão certo de querer tantos conhecidos assim.

Soltou um longo suspiro e entrou na saleta, aproximando-se do canapé. Havia uma das poucas pinturas, que considerava decente,

ali, e representava a ilha de Bute. E, surpreendentemente, um lugar que Thomas conhecia muito bem: a parte da floresta que dava em seus jardins. Rothesay estava bem ao fundo. Fitou-a demoradamente, procurando o ângulo certo em que o artista se encontrava, e projetando a distância do qual fora pintado.

Foi arrebatado de suas conjecturas por uma voz feminina as suas costas:

— É lindo, não é?

Voltou-se rapidamente para sua interlocutora, e viu-se na presença da jovem Lady Bertrand. A surpresa estampou-se em seus olhos.

— Milady... — Fez-lhe uma reverência curta. — Não esperava encontrá-la aqui — disse sem rodeios.

A jovem não se sentiu intimidada e se aproximou um pouco mais do Conde.

— Essa é a casa de minha tia.

— Não sabia que Lady Trevil tinha parentes próximos aqui, na ilha.

— Meu pai não cresceu aqui — disse com calma, mantendo o olhar indecifrável sobre ele. — Ele voltou a Bute quando se casou com minha mãe — a voz se tornou baixa e carregada de emoção ao completar: —, mas abandonamos tudo quando minha irmã morreu. Meu pai resolveu tentar a vida em Londres, e somente quando seus negócios prosperaram, foi que minha tia reatou os laços familiares. Infelizmente, minha mãe também nos deixou pouco antes de voltarmos a Bute. Lady Trevil está cuidando de minha educação desde então.

— Sinto muito que tenha tido tantas perdas, sendo tão nova — disse o Conde com sinceridade comedida. Havia algo no semblante da jovem que o incomodava.

— Tive o prazer de conhecer a futura Condessa — intercedeu na nota de compaixão do Conde. — Como havia precavido sua mãe, é uma mulher simples, mais de muitos predicativos.

Os olhos do Conde a fitavam, curiosos. Em nada, Lady Marianne lembrava a moça frívola que a mãe lhe apresentara, muito pelo contrário. Um antigo sinal de ardis disparava em Thomas, como se ele ainda fosse um mancebo, e que o fazia tomar certa precaução, ainda que a jovem não o atraísse em nada.

Não conseguia, desde que beijara Irina, que tocara-lhe a pele, pensar em outra mulher. Admitia para si mesmo que se envolvera mais do que o desejável na farsa do casamento. Simplesmente o queria, e para ontem se possível fosse. Havia uma total incompatibilidade dele com suas roupas quando a jovem estava por perto, quer seja por questão de tamanho das ceroulas, ou pelo tecido de que era feito. O fato era um só, seu corpo pinicava; sua mente se debatia, e o amor e a razão pareciam aliados contra sua vontade de mantê-la longe.

Embora sua mente devaneasse, seus olhos capturaram a cena de Claire sendo conduzida para os jardins, pelas mãos do jovem com quem dançara. Tendo sido um grande paquerador em sua época, imediatamente, Thomas deixou a saleta para trás, seguindo-o. Nenhum homem se atreveria a tocar em Claire sem ter posto um belo anel em seu dedo, e um jovem respeitável, jamais a levaria a um passeio como aquele num primeiro encontro, se suas intenções fossem honestas. Isso Thomas podia apostar.

Ainda que andasse rápido, o casal havia sido engolido pela escuridão e pelas folhagens que os cercavam. Thomas avançou devagar pelos caminhos, procurando qualquer indício de Claire. Afastou-se um pouco mais da casa, indo em direção aos muros. Seu coração estava tão agitado em seu peito, que não percebeu o leve som de passos atrás de si. Somente quando a silhueta de Claire surgiu, sorrindo para o jovem que a acompanhava, em segurança, foi que seus ouvidos detectaram o farfalhar do tecido sobre a grama.

O seu reflexo não foi tão rápido quanto o da dama, que em meio a um estardalhaço inominável, caíra sobre o Conde, atirando ambos ao chão, sob severos improperios. Se a situação não fosse totalmente absurda e pudesse ter sido evitada, Thomas não se veria afoito em se livrar da jovem e todas as precariedades de sua posição

naquele momento.

Vários cachos de cabelos escuros o separavam de sua caluniadora, assim como seus olhos castanhos agora colhiam a visão do corpete frouxo, com o chemise fino sombreando os seios que facilmente seriam entrevistados se uma horda chegasse ali, profanando o esconderijo de ambos, ou se o Conde não estivesse tão entretido em pô-la de pé, revelando o rosto delicado de Marianne.

Sua surpresa não poderia ser maior do que a expressa por Claire e seu acompanhante ao encontrá-los. A jovem lhe pedia desculpas, que o cérebro de Thomas ainda não processava enquanto repassava toda a cena desde a saleta, e o acompanhante de Claire se recuperava rápido do interlúdio, posicionando-se severo:

— Certamente existe uma explicação para encontrá-lo nessa situação, senhor. — O rapaz estreitou suas sobranceiras sobre os dois. — Marianne, está tudo bem?

A forma íntima como se dirigiu à jovem, surpreendeu o Conde. Sua mente agora analisava friamente o que ocorrera.

— São conhecidos? — indagou.

— Primos — disse Marianne, prosseguindo rápido enquanto atava o corpete de qualquer forma e mais convidados se uniam a eles: — Eu apenas tropecei e o Conde me ajudou.

O olhar de Thomas não poderia estar mais surpreso. Ela lhe sorriu.

— Papai... — tentou Claire. — Creio que devemos entrar.

Seu olhar era suplicante e os casais que se uniam a eles, cochichavam ferrenhamente enquanto o rapaz continuava em seu discurso vazio:

— Eu exijo uma explicação do Conde. Sei exatamente o que vi, Marianne.

— Veja como está desgrenhada! — uma jovem disparou, cobrindo os lábios em surpresa.

— E eu que pensava que os anos, o haviam ensinado a ter respeito pela família! — uma senhora destilou.

Era óbvio que se formava um escândalo, e Claire seria a principal atingida. Todos a fitavam e balançavam suas cabeças, negativamente, com olhares de tristeza e pesar. Há muito que Thomas se acostumara às inúmeras suspeitas sobre seu caráter, mas não toleraria que nada atingisse sua filha. Mesmo que seu coração o fizesse querer protestar em defesa de Irina, que sabe-se lá Deus como receberia aquela falseta. Depois de tanto empenho de sua parte em mantê-la ao seu lado, essa onda revolta a engoliria sem piedade. Sem que ele nada, no momento, pudesse fazer, porque Claire era sua prioridade. Desde que viera ao mundo.

Em apenas um instante, a personalidade fria do Conde cobriu sua fraqueza como uma máscara firme.

Oferecendo-lhe o braço, Thomas contrapôs:

— Vamos resolver isso de uma vez.

Praticamente arrastando-a consigo, Thomas fez com que Marianne o seguisse. Ela e o séquito de hipócritas que sugeriam cada vez mais sandices aos seus ouvidos. Esperava sinceramente que Claire não se abalasse com tamanhas distorções de sua pessoa, mas foi o olhar de Irina que fez a sua garganta fechar e, por segundos, ficar sob inúmeros pares de olhos, de diversas colorações, sem dizer uma sílaba.

Tudo lhe parecia pesado e ferino. Quando Claire novamente ficou diante dele, Thomas recuperou o fôlego e a razão, e com a voz mais do que solene, anunciou:

— Senhores, devo confessar que há tempos estou arrebatado pela beleza de Lady Marianne e que, mesmo tendo lutado contra isso, por sua tenra idade, meu coração não reconhece as fronteiras que deve respeitar. — Seu olhar cruzou com o de Irina num curto e mínimo instante. Ela se erguera e levava a mão à boca, buscando algo em que se apoiar, mas nem mesmo as víboras que a cercavam, lhe prestavam atenção. Tinham um novo assunto em mãos, ela se tornara obsoleta, sem representação. Hipócritas, adoraria gritar. — Tentei, em vão, buscar algo que representasse o decoro de minha posição... — Tragou o ar profundamente enquanto a via sair do

salão aos tropeços, sem ninguém a olhá-la. Sem que nenhuma senhora se importasse com a pequena intrusa que, finalmente, estava em seu lugar. — Mas não sou bom com mentiras, nunca fui. Então, devem me perdoar por trazê-los aqui e encenar uma falseta. Embora, jamais possam me questionar por não lhes trazer a Condessa de Rothesay.

Já não a via mais, seu coração soava menos uma nota. E várias congratulações se ergueram de todas as partes, até mesmo entre aqueles que se calaram a sua entrada com Irina. Odiava-os, um a um... Todos. Claire se aproximou, ainda que tenha sido o beijo de Marianne a primeira coisa a receber em seus lábios. O gosto amargo da desilusão. Ele, que tanto se orgulhara na juventude de fugir de arranjos como aquele, deixara-se se enganar.

— Pai... — Claire o chamou baixo. — Não pode deixar que Irina parta daqui, da forma como saiu. Precisamos fazer algo.

Ele apenas a fitou com carinho, depois tomou a mão de Marianne e a colocou em seu braço.

— Pai...

Com a altivez de seu título, Thomas desfilou pelo salão.

O coração de Irina estava como uma corda esticada ao máximo, a um passo de sair de seu peito, mas foi por seus olhos, que a dor escorreu. Molhando seu rosto, não a deixando ver onde pisava e que rumo tomava, simplesmente queria fugir. Deixar Bute o mais rápido possível. Como pudera acreditar que o homem do diário ainda existia? Como pudera ceder a ele, seu coração? E, pior, acreditar que poderia ser mesmo uma Condessa?

Era um desatino desde o principio. Havia sido tudo por e para Claire. E ela havia concordado, e se afeiçoara à menina... à casa... a ele.

Maldição!

— Milady! — o chamado ocorreu, a primeira vez, sem que lhe desse atenção. Apenas fazendo-a apertar o passo. — Milady! — Fez-se a insistência e os olhos verdes se voltaram na direção da voz.

George freara a carruagem e descera com agilidade, postando-se a sua frente antes que ela protestasse.

— Milady, permita-me levá-la a Rothesay.

Ela parecia não ouvi-lo, encarava-o como se não fosse real.

— Por favor, Milady...

— Deve saber que não precisa me chamar assim... Não mais.

— Eu insisto. Permita-me levá-la de volta — ele pausou. — Não é bom para uma dama andar sozinha, principalmente, tarde da noite.

— Deve cuidar do Conde... e Claire.

— Antes cuidarei de milady. — E abriu-lhe a porta da carruagem.

— O baile não há de terminar antes do serviço.

Controlando-se, ela deixou que George a ajudasse a entrar na carruagem, pois suas pernas tremiam e suas mãos estavam frias. Ainda não tinha ideia do que faria.

As lágrimas insistiam em cair, ininterruptas, sem conseguir calar a dor em seu peito.

A manhã despertou sorrateira, sem encontrar Irina em seus aposentos, e nos do Conde, a dor de cabeça não o deixava pensar. Não concebia, por qualquer ângulo que olhasse, ter tido tanto cuidado com Claire e abandonado a si mesmo à sorte daquelas irascíveis mazelas.

Levantou-se devagar, seus pés tateavam o chão, provocando-lhe calafrios. Não sabia como iria olhar para a ruiva, o que diria... E, o que seria pior, não sabia explicar ao próprio coração porque se sentia tão traidor. Vestiu-se com presteza, como sempre. Era um homem extremamente metódico, havia se deixado vencer e taciturnar pelos anos sozinhos. E, ainda que muitos homens o julgassem louco, não via como Marianne poderia invadir seu espaço, sua existência, sem destruí-lo por completo.

Desceu envolto em pensamentos, desculpas que não sabia se seriam recebidas, confundidas ou silenciadas. Sentia-se um idiota. Era de fato um tolo completo. Estúpido.

Caluniava-se a tal ponto que não percebeu a ausência à mesa, exceto na terceira vez que foi chamado à realidade pela filha:

— Papai, Irina se foi.

Thomas demorou a conciliar a imagem à fala de Claire.

— Como assim... se foi?

— Partindo bem cedo — ponderou Claire num tom seco. — George a levou, assim que suas malas ficaram prontas.

Os talheres nas mãos do Conde colidiram com a mesa e ele se ergueu numa lufada fria de vento, desalojando a ira que se incrustara nele, em algum recanto soturno, desde a noite anterior:

— Impulsiva! — disparou, passeando os dedos entre os cabelos. Claire o olhava surpresa. — Como pôde tomar uma decisão dessa sem falar comigo? — Andou pela sala, irritado. — Deixar essa casa sem uma explicação cabível! E as joias?

Claire se pôs de pé, interferindo:

— Basta de insanidades! — Bateu as mãos contra o tampo. — Sabe muito bem que Irina não levou nada do que lhe demos. Os vestidos estão todos nos armários, as joias foram entregues a George. — Thomas parou a sua frente sem palavras. — Admita que todos esses despautérios são frutos do que sente por ela.

Os ombros do Conde encurvaram e ele segurou, com força, o espaldar da cadeira.

— Não há nada que eu possa fazer, para tê-la de volta — disse baixo, sem encarar a filha. — Se eu voltar atrás com Marianne, você não terá um futuro.

— Eu não me importo, posso viver aqui com vocês e casar com algum camponês — dedilhou a jovem.

— Eu não abri mão de minha vida, para que terminasse assim...

— Não pode deixar sobre meus ombros, o peso das suas escolhas.

Determinado, Thomas se aproximou da filha, passeando o polegar por seu rosto, delicadamente.

— Tenho certeza de que Irina nunca esteve ligada a Bute, ela era feliz no presbitério e voltará a sê-lo.

Com um passo brusco para trás, Claire se livrou do toque do pai e rebateu irritada:

— Não pode fingir que não se importa. Não pode simplesmente dispor do amor dela desta forma. — Recuou até a porta com os olhos embargados. — Não foi assim que me criou, pai!

— Claire...

Com um estrondo a porta cerrou, anunciando sua partida. Thomas olhava os nós da madeira como se fossem os de sua própria vida, duros e imutáveis.

Uma névoa, em seus olhos, a impedia de ver a paisagem que tanto apreciara na vinda para Bute. Se, por um lado, a curiosidade lhe atizara a manter-se desperta e buscar cada detalhe do mundo novo que a aguardava; a volta a Carlisle abrigava a tristeza da sua decepção. O coração em pedaços e a sensação de que o mundo a engolia, aos poucos, degustando sua dor.

Seria um fardo ter que encarar seu pai quando o mesmo esperava pelo dia de celebrar seu casamento, mas havia decidido não trazer vergonha à família. E, se possível fosse, tornar-se-ia reclusa. Não tencionava explicar-se, ou até mesmo a decisão de Thomas, pois ela mesma não a compreendia. Não distinguia onde falhara em sua observação, mas era fato que todos seus castelos no ar haviam sido atirados por terra.

A convicção de que Deus não a talhara para o matrimônio ganhava força em seu coração a cada légua que a aproximava da Inglaterra e de seu lar. Os tons escuros do céu precipitavam como gotas insistentes ao redor da carruagem que a conduzia, misturando-se ao último lamento que banhou seus olhos. Pesando seu corpo ao sono.

Assim que o presbitério se fez presente no horizonte, Irina ergueu seus olhos verdes em sua direção. Seu coração quase não batia mais, porém, foi com alívio que respirou o doce perfume de sua casa e sentiu a brisa roçar seu rosto.

Os primeiros raios da manhã tocavam o telhado da casa e o som da carruagem trouxe o pai e as irmãs à porta, sem conseguirem disfarçar a surpresa em seus rostos, ainda que sorrissem por tê-la ali.

Irina pagou o cocheiro e tão logo a carruagem partiu, os abraços vieram, assim como uma enxurrada de perguntas. A mais severa, entretanto, partiu dos lábios do pai:

— Onde está seu noivo? — Fitou-a preocupado, calando as filhas.
— O Conde a enviou sozinha, numa viagem tão longa?

Correndo os olhos verdes pelas irmãs, sentenciou:

— Meu noivo está bem — assegurou Irina, tomando a frente de todos enquanto concluía baixo: — Melhor entrarmos.

As pessoas não tardariam a passar por sua porta em busca da igreja para a missa, e Irina não queria ser o motivo do primeiro sermão do dia. Assim que se viu segura entre as paredes, explicou ao pai e às irmãs o que sucedera. Talvez não da forma que devesse, ou com a intensidade que os acontecimentos a atingiram, mas definitivamente não amenizara a culpa de Thomas.

— Eu o julguei errado — disse ao pai, ao se sentar próximo a ela.
— Tive a impressão de que ele a amava, mesmo que não o percebesse.

— Então ele é tudo o que dizem por aí? — indagou Yvine, surpresa.

— Ele a magoou? — disse Gwen.

Os lábios de Irina se abriram e se fecharam duas vezes antes que ela conseguisse prosseguir:

— Na verdade... — disse com cuidado. — Creio que não soubemos ponderar o que seria melhor para nós, seguimos por impulsos. — Todos os pares de olhos estavam sobre si, indecifráveis.
— Sempre estive claro que não pertencço àquele lugar... E o baile me fez perceber o quão tola estava sendo, acreditando que fizesse diferença.

— Ah, minha querida! — O reverendo se aproximou e tomou a

filha nos braços. — Nós jamais desistiremos de você, terá sempre essa família ao seu lado. — Beijou-lhe os cabelos.

— Não me importa mais a sociedade — determinou Gwen, unindo-se ao abraço.

Um frio corrompeu a espinha de Irina e ela contrapôs severa:

— Não quero que sintam pena de mim, ou trazer problemas com os quais não saberemos lidar. — Voltou-se para o pai. — Sabe que a partida de Gwen é necessária, e Yvine também fará um bom casamento, se eu me mantiver longe.

— Não — determinou o pai.

— Da mesma forma que meu noivado correu cada família de Carlisle, minha volta também o fará, e cercada de maledicência — pausou. — Não há nada que possamos fazer contra isso no momento, porque em breve saberão sobre a Condessa de Rothesay.

— Daremos um jeito — disse o pai, baixo.

— Sim... — prosseguiu Irina. — Você escreverá ao convento de Newcastle e acertará minha ida para lá. Diga-lhes que perdi a razão.

— Convento? — as irmãs disseram em uníssono.

— Será melhor termos essa resposta o quanto antes. — Desviou os olhos verdes das irmãs para o pai, e trouxe-lhe pena e papel. — Uma oferta sua mostra que a decisão foi acertada para preservar o bom nome da família, se eu fizer de próprio punho, assinarei uma confissão de minha condição leviana. — A mão dela tremeu, segurando a pena a sua frente.

— Não pode fazer isso, papai — retrucou Yvine. — Deve haver outro jeito. Afinal, foi o Conde quem a colocou nessa situação! Deve exigir sua postura de cavalheiro!

O pai a fitou com carinho enquanto Irina contrapunha solene:

— Sabe que não há nada melhor a ser feito, pai. Por favor... Quando eles se derem conta, estarei longe daqui e os boatos nem serão ventilados com a força que deveriam.

— O que farei sem você? — gemeu Gwen, atirando-se aos braços

da irmã.

— Você irá me visitar quando quiser... Será um segredo nosso. —
Beijou-lhe a testa com carinho.

Com os olhos embotados, o reverendo se encurvou sobre a mesa, preenchendo o papel de tinta escura.



OS BERTRAND



O grande salão de Blackcastle estava ricamente decorado e repleto de convidados. Apesar do agravamento do estado de saúde de Lady Hattway, a velha senhora não mediu esforços, ou dinheiro, para apresentar sua recém-nomeada neta. E, durante o período em que ficou em companhia da jovem, ajustando todos os detalhes do baile, não houve um dia em que não exigisse sua presença à cabeceira.

A essa altura, Thomas tinha certeza de que Claire conquistara a afeição da avó, ainda que esta nem sonhasse que em nada seu filho tivesse participação na concepção da criança. Para o Conde, isso pouco importava, amava-a com a uma filha e, até ter encontrado a Srta. Reims, jamais cogitara ter algum herdeiro de seu sangue. Embora, agora admitisse, que tal ideia não lhe abandonava.

Não havia uma noite se quer que não sonhasse com ela em seus braços; não provasse de seus beijos, para ao acordar — muitas vezes — ver Lady Marianne redecorando Rothesay. Numa dessas vezes, por pura insensatez ou desespero — não saberia dizer — enviara um homem de sua confiança a Carlisle e este lhe jurou que Irina não se encontrava no presbitério. E, por infelicidade, não soube seu paradeiro.

Thomas, desde que tivera a notícia, não conseguia admitir para si mesmo que ela pudesse ter disposto de sua mão para outro. Seu coração negava-se a acreditar em tal absurdo e as visitas de Marianne passaram a aborrecê-lo em demasia. Assim, quando a mãe teve um ataque que a imobilizou parcialmente, mudou-se para Blackcastle e lá se enfiou até o baile. Preocupada em redecorar Rothesay, Marianne não o seguiu.

Naquele momento, ainda que Marianne surgisse a sua frente a qualquer instante, sua mente estava preocupada em determinar o minuto exato em que sua prima, Lady Charlotte, entraria no salão.

Ela certamente saberia o paradeiro de Irina, mesmo que ele tivesse certeza de que não seria fácil convencê-la a dizê-lo.

Todavia, uma mão enluvada em cetim azul escorregou por seu braço, sussurrando-lhe ao ouvido:

— Senti saudades e você?

Thomas se empertigou e, sério, tomou-lhe a mão, deixando um beijo leve em seu dorso.

— Creio — ele disse — que deveria observar o mesmo. Contudo, encontro-me sem palavras à altura de fazê-lo.

Surpresa com a forma fria que a recebeu, Marianne apenas consentiu ser conduzida ao salão por seu braço.

Concedendo sorrisos por onde passavam enquanto os olhos de Thomas buscavam pela prima, ele a abordou:

— E, então, convenceu seu pai a vir?

— Sim, ele chegará em breve — sugeriu a jovem quando os olhos castanhos do Conde encontraram Charlotte, o Duque e, para sua surpresa, Gwen.

— Com a sua licença — determinou, deixando-a junto a duas senhoras que comentavam seu vestido.

As três mulheres consentiram, ainda que Marianne o acompanhasse com o olhar curioso. Viu-o atravessar o salão e parar em frente de Charlotte.

— Minha adorável prima... — disse, fazendo-lhe uma mesura. — É uma honra tê-la aqui. Alteza — sugeriu polidamente ao senhor ao lado de Charlotte, suas costeletas começavam a ficar grisalhas, mas possuía um sorriso agradável e jovial, e voltou-se para a jovem, que o olhava determinada. — Lady Gwen, espero que aprecie a noite.

A jovem tentou em vão não ruborizar, mas o Conde era belo e aquela era sua primeira aparição em sociedade. Thomas buscou Claire com o olhar e num minuto decidido, trouxe a filha até elas, apresentando-a:

— Lady Charlotte, Alteza... Lady Gwen Reims... Essa é minha

filha, Claire.

— Lady Charlotte, meu pai fala muito da senhora. Ansiava conhecê-la.

— O prazer é todo meu. Ele também fala muito de você — retribuiu a Duquesa no mesmo momento em que o Duque murmurava um pedido de licença e se afastava do grupo, na direção de um conhecido.

— Você deve ser irmã da Srta. Reims... — Claire sugeriu com cuidado. — Ela está bem? Sinto tanta a sua falta — emendou, enquanto via Gwen correr seus olhos até Charlotte em busca de auxílio.

Ao ponto de quase perder sua postura, Thomas rosnou baixo:

— Ora, por favor, o que estão escondendo? — Havia mais do que impotência em sua voz, havia receio e dor. — O que aconteceu a Srta. Reims? — Fitou-as apreensivo. — Ela... — Molhou os lábios com dificuldade, disfarçando sua angústia. — Ela se casou?

— De fato... — Charlotte tomou a palavra, vendo o Conde tornar-se lívido. — Irina fez seus votos há um mês.

— Ela se casou? — a frase saiu mais alto do que supunha e vários pares de olhos o fitaram inclusive os de Marianne, que veio em passos lentos ao seu encontro.

— Papai, tenha calma — pediu Claire, vendo a jovem se aproximar.

— Como assim se casou? — insistiu o Conde irritado consigo mesmo.

— Com Deus, milorde — completou Gwen. — Minha irmã está num convento.

Thomas parecia ter levado um soco no estômago, mal respirava. Num convento? Mas o que ela tinha na cabeça para se enfurnar num convento? E em qual?

Marianne não ouvira a conversa, mas fizera questão de unir seu braço ao dele, o que fez Gwen reconhecê-la de imediato e dar uma desculpa para deixá-los a sós. Contudo, Thomas estava longe de dar

atenção a Marianne, seu coração batia descompassado no peito, e sem pensar duas vezes, deteve Gwen pelo pulso.

— Onde?

Gwen respirou fundo e encarou Marianne.

— Onde você não conseguirá magoá-la. Tenha uma boa noite, milorde.

Fez uma mesura à Marianne, que passou a se preocupar com as palavras ditas.

— Do que ela falava? — Quis saber.

— De algo que você nunca vai compreender — rebateu seco. — Se me der licença, preciso de ar...

— Meu pai acabou de chegar — entrevistou Marianne com um leve sorriso. — Não queria conhecê-lo?

— Mais tarde — determinou enquanto seu olhar seguia o dela e ele empalidecia. O que aquele homem fazia ali? Em sua casa? Não o tinha expulsado há anos?

Sem perceber, Thomas foi conduzido até ele e apresentado:

— Esse é meu pai, Arthur Bertrand.

O Conde ainda o encarava atônito quando Arthur segurou-lhe a mão e sorriu.

— É um prazer revê-lo, Conde. — E correu os olhos por cima de seus ombros. — Onde está a pequena Claire? — Inclinou-se para frente e sugeriu-lhe ao ouvido: — Ela se parece com Elinor? — Voltou a fitá-lo intensamente. — Deve estar feliz por seus esforços, desde que a adotou, terem sido recompensados.

Os punhos do Conde cerraram.

— Deixe-nos, Marianne. Eu preciso falar algo com o Conde... Em particular.

— Mas, papai... — A jovem enviesou as sobrancelhas num alerta dispensado por ambos os homens.

— Não ouviu a solicitação de seu pai? — endossou o Conde, cáustico.

Insultada, a jovem se afastou.

— O que acha que está fazendo? — rangeu Thomas.

— Pegando o que é meu de volta. — Sorriu Arthur.

— Claire não é sua neta, nunca foi — rebateu o Conde.

— De fato... — Fitou a jovem, parecida com Elinor, que desfilava pelo salão, sorridente. — Estou longe disso. Não vai, suponho, fazer um escândalo ao saber que sou o pai dela. — Voltou seu olhar altivo ao nobre. — Não creio que cogitasse isso à época, e estava tão enfeitiçado por minha enteada rameira, que resolvi não desfazer seu sonho de cavalheiro. Resolvi usá-lo ao meu favor — ressaltou com cinismo evidente. — Pena ter que esperar o momento certo para agir, mas não de todo tão mal quanto perder esse espetáculo.

As veias de Thomas arderam, todo seu corpo tencionou. Estava a ponto de atacá-lo quando Arthur retomou o controle da situação.

— Não seja tolo, você lutou por anos para dar um nome à Claire, e lhe sou muito grato por isso — sentenciou num murmúrio que só Thomas ouvia. — Não estrague tudo. Não me faça ir até ela e dizer-lhe a verdade, e acabar de vez com tudo que construiu. Foi inusitado, confesso, ver um boêmio como você se unindo a uma causa como essa. Estou-lhe profundamente grato, não encontro palavras para dizê-lo em melhor tom.

— Eu gostaria de matá-lo com minhas próprias mãos — reverberou entre lábios estreitos.

— Ora, Sua Graça, baixe as armas. Não vim começar uma guerra, somos aliados. — Encarou o Conde com altivez — Fez de Elinor algo de valor quando era apenas um fardo. — Os punhos de Thomas cerraram, fazendo-o olhar a sua volta e se controlar diante dos convidados. Aquela não era nem a hora, nem o local para um embate desse porte. — Tomou meu erro para si, e, agora, irá se casar com Marianne e seremos uma linda família feliz até o fim de nossas vidas.

Os olhos de Thomas brilharam em fúria, mas qualquer coisa que lhe ocorresse fazer foi interrompida pela voz doce que lhe trouxe à

realidade.

— Papai! — O chamado fez Thomas sair do torpor e se afastar de Arthur. — Venha dançar comigo.

Sem ter como negar-lhe o pedido, Thomas fê-la rodopiar pelo salão.

Nenhum pensamento conexo se formou em sua mente, desde que se recolhera aos seus aposentos. Só havia cenas de Elinor e Irina desenhando o triste cenário a que estava entregue. Mesmo que agora parte dos temores de Elinor fizesse sentido, principalmente a sua reserva em ser tocada. Podia se lembrar dos beijos, mas nunca da pele, nem das curvas do corpo da jovem, que só em preâmbulos de tecidos diáfanos havia apreciado. Nos momentos, em que a dor física do desejo era quase insuportável, havia sempre uma amante na vila a confortá-lo. Embora nunca, nunca satisfizesse seu coração.

Desenvolvera a cautela e respeitara a mulher sob seu teto até o dia de sua morte. Quando se viu frente à Irina, não houve como não tentar resgatar seu passado, e acabou por se apaixonar. Perdidamente, e quando se deu conta de que poderia sim, tê-la para si, algo se quebrou. O destino parece gostar de lhe pregar peças, e essa foi mais uma. Como poderia abrir mão do futuro de Claire? Sua mãe jamais a abençoaria, caso soubesse que a menina nunca fora concebida por ele. E jamais o perdoaria por outra falseta.

E, agora, além do casamento, o verdadeiro pai de Claire moraria sob seu teto. Que tipo de existência o aguardava? Simplesmente não tinha mais o controle de sua vida.



Os dias não melhoraram depois deste interlúdio. Muito pelo contrário, a presença de Arthur tornara-se constante. E, quanto mais ele frequentava a casa, mais próximo de Claire, ficava. Isso deixava Thomas ainda mais exasperado. Ocorre, todavia, que a saúde da senhora se mostrou mais delicada,

e os arranjos para o casamento — em março — foram suspensos a seu próprio pedido.

Contando uma semana depois do pedido, o que se notava era a crescente intransigência do pai da noiva, e com medo do que pudesse acontecer, Thomas estava decidido a tirar Claire de lá. Embora a jovem estivesse afeiçoando-se à avó.

— Preciso que me escute — disse ao entrar na biblioteca atrás dela e trancar a porta dupla.

— É a vovó? — assustou-se a jovem.

— Não... — prosseguiu o Conde com cautela. — Preste atenção, Claire, irei mandá-la ao encontro de Charlotte.

Correu os olhos sobre a fronte do pai.

— E por que faria isso?

— Eu não posso lhe contar nada no momento — disse num tom profundo. — Mas sabe que não faria nada que a magoasse.

— Isso tem ligação com Marianne? — devolveu a moça.

Thomas ponderou alguns instantes e prosseguiu:

— Em parte...

— Por que não desfaz essa loucura? — determinou Claire. — Sabemos que não houve nada naquele jardim!

— É essencial que fique com Charlotte, Claire — cortou-a nervoso. — Não há como desfazer o mal-entendido do jardim, mas há como nos livrar de outro.

— O que quer dizer?

— Não sei exatamente — recuou quando viu que havia falado demais. — Apenas quero ter certeza de que estará segura. Não acredito que Marianne esteja satisfeita com o adiamento do casamento, e temo o que possa advir disso.

A batida na porta, entretanto, os fez interromper a conversa e, Thomas, caminhar até a mesma, destrancando-a e abrindo-a. A voz solene de Alastor anunciou:

— O Doutor deseja falar-lhe, milorde.

O Conde soltou um suspiro e passou os dedos na testa, devolvendo:

— Mande-o entrar...

Claire sentou-se na poltrona ao canto e o jovem médico, com seus cabelos ruivos cacheados e olhar escuro entrou no recinto.

— Perdoem-me se atrapalho algo... — Correu os olhos de um para outro.

— Por favor, doutor, sente-se — disse o Conde. Evitando levar em consideração a tenra idade do jovem.

— Obrigado — disse suavemente enquanto esperava, de certo, alguma outra ponderação que Thomas prontamente atendeu.

— Fique à vontade em falar, não guardo segredos de minha filha.
— Houve um longo suspiro e um franzir de testa involuntário, ao completar a frase.

— Se me permite, milorde, eu preciso ser franco...

— Não me faça esperar mais tempo por isso, doutor — incentivou o Conde.

O jovem doutor, limpou a garganta e assentiu, prosseguindo com cuidado:

— Entendo que possa parecer precipitado de minha parte afirmar, mas gostaria de dizer, que em se tratando desse tipo de ocorrência, mesmo com minha pouca idade...

— Ah, por favor, diga logo o que quer que seja, doutor... — sentenciou Claire, encarando-o.

— Morrison. — Ele sorriu contido por dizer seu nome. — Daniel Morrison — completou suave e levemente constrangido, emendando em seguida: — Estive examinando sua mãe — explicou o doutor. — E há diversas manchas em sua pele. O senhor... — hesitou — ou sua filha haviam notado algo?

— Manchas? — indagou o Conde sério.

— Arroxeadas — determinou o jovem.

— E o que isso quer dizer? — cortou Claire, preocupada.

A expressão do doutor se tornou severa, ele parecia escolher as palavras que diria:

— Eu colhi um pouco de sangue, espero que me perdoem por tê-lo feito sem a permissão de milorde... Mas era um caso de vida ou morte. Sua mãe pode estar sendo envenenada.

Thomas se pôs de pé de súbito.

— E o que está procurando, especificamente?

— Arsênico — murmurou o doutor nervoso. — Vi muitos casos como este na cidade de onde vim. As doses são facilmente alteradas nas receitas.

— Da forma que fala, está convicto da sua posição.

O doutor olhou para as próprias mãos e pronunciou:

— É como eu disse, farei uma análise do sangue, mas não falo de algo que não conheço.

Encarou Claire.

— Santo Deus! — A moça levou as mãos, aos lábios. — Por que alguém poderia querer matá-la?

— Não sei... — consentiu o doutor, com cuidado. — Por isso, peço que além de aguardarem minha resposta, mandem fazer esse remédio.

Estendeu a Thomas, uma receita. O Conde demorou a pegá-la e, quando o fez, um leve tremor percorreu sua espinha. Era mais que imprescindível afastar Claire daquela casa.

— Insisto que, apenas uma única pessoa, o ministro — o ruivo determinou.

— Eu o farei — disse Thomas, amarrotando o papel. — Tenho certeza de que, desta forma, as pessoas terão menos trabalho em me acusar de algo.

— Milorde, eu não quis...

— Papai, o senhor jamais faria isso! — Claire fitou-o com olhos lacrimosos.

— Nós dois sabemos que não, querida. — Abraçou-a, beijando-

lhe o cimo da cabeça. — Mas eu sou o filho problemático, que volta ao lar depois de anos... E todos sabem que minha mãe nunca foi o tipo maternal. A maioria das pessoas não hesitaria em tirar suas próprias conclusões. — Voltou-se ao médico, dizendo. — Não é mesmo, doutor?

— Minha intenção nunca foi pôr em dúvida sua pessoa, milorde.

— E nem a minha, questionar sua inteligência.

O doutor lhe fez uma reverência.

— Todavia, peço-lhe um favor... — Os olhos do doutor se fixaram nos dele. — Preciso que me ajude a afastar Claire dessa casa, sem levantar suspeitas.

O jovem o encarou confuso, assim como a filha.

— E como eu faria isso?

— Conhece Lady Charlotte, minha prima?

— Sim, claro. — O médico enfiou as sobrancelhas. — Já a vi uma ou duas vezes.

— Pois trará uma mensagem dela, em breve, pedindo a presença da prima ao seu lado, sob a alegação de que está doente — ponderou o Conde. — Qualquer doença inócua, mas que a tenha deixado de cama.

— Pensarei em algo — O doutor consentiu com a cabeça.

— Eu não vou deixá-lo aqui sozinho! — revidou a jovem. — E como pode concordar com isso? — reclamou ao doutor.

— Você só não deve, como vai — devolveu Thomas sério. Claire conhecia aquele olhar do pai e sentiu-se sem forças para lutar, seria em vão.

O doutor estendeu-lhe a mão, que o Conde apertou firmemente, e sentenciou antes de deixá-los a sós, novamente:

— Eu farei o melhor que puder. — Fitou-a intensamente. — Acredito que a senhorita deva, realmente, se afastar desses acontecimentos. Boa noite.

Em passos determinados, Daniel atravessou o portal.



Em dois dias, o doutor voltou com a carta de Lady Charlotte, assegurando a todos que nada havia de mal com a jovem senhora, mas expressando o pedido dela, pela companhia da prima.

Apesar de Thomas ter se mostrado relutante em deixá-la partir, foi o olhar de Arthur que chamou a atenção do doutor. Era escuro e inquietante, pois vasculhava-lhe a alma.

— Claire partirá amanhã — sentenciou o Conde.

— Fico feliz em saber — disse o doutor, à mesa.

— Não sei se podemos dispensar Claire num momento como esse — interveio Arthur, ainda destrinchando sua perdiz e sem levantar o olhar.

— Perdão — cortou-o Thomas —, mas não vejo no que ter minha filha aqui, possa contribuir para o restabelecimento de minha mãe. Estar aqui e não poder frequentar nenhuma festa diante da saúde de sua avó, é como estar presa em uma gaiola. Ela será muito mais útil ao lado de minha prima.

— Devo discordar — insistiu Arthur, levando uma bela colherada de purê de maçã à boca e encarando Thomas. — Marianne precisará de alguém que a acompanhe às compras, e veja com ela o enxoval.

Marianne e Claire acompanhavam a discussão, fingindo não notá-la, mas os olhos do doutor brilhavam aturdidos.

— O noivado está suspenso, temporariamente... — rangeu Thomas. — Não existe a menor possibilidade de que o ponha em prioridade, diante da saúde frágil de minha mãe, como atesta o doutor.

— Sim, de fato — afirmou Arthur, cortou um naco de perdiz e o balançou no ar. — Contudo, há coisas que não precisam ser postergadas, como o enxoval. — Levando-o à boca em seguida. — Pois, se há algo que não pode ser mudado, é que ele ocorrerá. Hoje

ou daqui a um mês.

As damas suprimiram a respiração diante da tensão no ar e Claire era a mais pálida das duas. Percebendo o desconforto da jovem, o doutor segurou-lhe a mão por baixo da mesa.

— Há empregados para isso — sentenciou o Conde. E voltou seu olhar, numa nota carinhosa para Marianne. — E, caso seja necessário, ela terá a mim.

— É mais do que o suficiente — a jovem balbuciou incerta.

— Pode ir arrumar suas coisas, querida — disse Thomas, inclinando-se à testa da filha e depositando ali, um beijo.

O doutor, atônito, deu uma leve tossida e soltou-lhe a mão. Mas foi a pele de Claire, no dorso de sua mão, que protestou a falta do carinho. Porém, ela se limitou a sorrir para o pai em agradecimento e deixou-se escapulir da sala.



Os trovões riscavam o céu quando a batida na porta soou três vezes, fazendo com que a última ecoasse fortemente pelas folhas de madeira do revestimento e apressassem os passos de Alastor, que já resmungava algo por ter sido tirado tão tarde da noite da cama.

Primeiro havia sido a crise de nervos da jovem Marianne, que nenhum chá que possuía parecia ter efeito calmante sob a moça; com isso, dera por falta de Luci, a nova ajudante de cozinha, que deixara a casa logo após o jantar e não voltara... E, agora, alguém esmurrava-lhe a porta. Se continuasse assim, todos acordariam e ele seria incapaz, junto a Louise, de dar conta da balburdia que se instalaria na casa.

— Já estou chegando... — rosou próximo à porta, com uma lamparina em mãos.

Os trincos foram destravados e um oficial de polícia surgiu diante da expressão carrancuda de Alastor. Atrás do mordomo, entretanto,

Thomas já se encontrava postado ao lado de Arthur, cuja sombra escura se destacava da proporcionada pelo corredor.

— Boa noite... — disse o jovem de cabelos cor de palha e olhos de um castanho intenso, com o rosto coberto de sardas. A postura, todavia, era irrepreensível, nem fitara Alastor direito, sua atenção foi capturada pela figura do Conde. — Alteza... — Prestou-lhe uma dura e curta reverência. — Peço desculpas pelo avançado da hora, mas ocorre que não poderia ficar até o amanhecer sem lhe consultar.

Arthur pigarreou, Alastor arqueou as sobrancelhas e Thomas determinou:

— E o que pode ter lhe trazido aqui, com tanta presteza? — Indicou-lhe a sala próxima, e os quatro homens se encaminharam para lá. Thomas, no entanto, estava intrigado. Não esperou nem que o policial terminasse sua avaliação das obras de artes expostas ali, coisa comum a um visitante, e interpelou-o: — No que posso ser-lhe útil?

Retirando o caderninho do bolso enquanto Arthur sentava em uma poltrona, envolto em seu robe de seda preta, perguntou:

— Conhece a Srta. Luci Anderson?

Foram breves segundos para que Thomas dissesse não e Alastor intervisse:

— Sim, a ajudante de cozinha.

— Ajudante... — repetiu enquanto anotava.

— E o que tem ela? — rebateu Arthur. — Causou-lhe algum problema numa farra?

O policial dispensou-lhe um olhar cáustico.

— Ela está morta, Sir Thomas — dirigiu-se ao Conde.

— Morta? — sobressaltou-se Alastor, pálido.

Thomas apressou em socorrer o velho mordomo, fazendo-o sentar enquanto tentava obter mais informações do que ocorrera:

— Como foi isso?

O Conde serviu a Alastor um xerez.

— Aparentemente foi um assalto... — Correu os olhos pelos três, analisando-os. — Ela foi encontrada num beco, sem nenhum pertence. Exceto algo que trazia em seu bolso.

— Pobre jovem — murmurou Arthur.

— Ela estava muito alvoraçada durante o jantar — disse Alastor após alguns goles de bebida. — E, assim que acabamos de arrumar a cozinha, ela saiu.

— Deveriam ser que horas? — interveio o policial.

— Oito...

— Obrigado. — Voltou a anotar. — Lady Marianne Bertrand se encontra?

— O que quer com minha filha? — Empertigou-se Arthur.

— Nada por enquanto. — Um meio sorriso aflorou em seus lábios.

— Não está pensando que um de nós matou Luci... — cortou Thomas.

— Ainda não temos uma linha de investigação, Sir — disse solene. — Contudo, devo avisá-los que todos devem ser interrogados.

— Isso é um insulto — retrucou Arthur, irritado.

— E isso é a lei, Arthur e é melhor se acostumar a ela — determinou Thomas.

— Folgo que pense assim, Sir — sentenciou o policial. — Torna as coisas mais fáceis.

— Queremos saber o que houve a Luci — disse solene. — Conte com nossa ajuda.

— Eu o manterei informado — concluiu o policial. — Devo me retirar... Em breve, terão notícias do caso.

Fazendo uma nova reverência, deixou que Thomas o conduzisse à porta. Alastor ainda se encontrava muito abalado.



UMA PRECE



Claire olhava para Lady Charlotte enquanto estava absorvida pelas páginas de um livro, na sala de leitura de Carlisle.

— Milady... — disse a jovem depois de avaliar se deveria fazê-lo.

— Ainda preocupada com a carta de seu pai? — Charlotte sugeriu, sem tirar os olhos do papel.

— Sob certo ponto de vista, sim. Lady Marianne é quem me preocupa, e tudo que fez a meu pai — disse sem volteios, a jovem. — Por isso queria lhe fazer um pedido...

A Duquesa fitou-a momentaneamente e, em seguida, fechou o livro, depositando-o na mesinha próxima.

— E qual seria? — Charlotte a fitou curiosa.

— Quero visitar a Srta. Irina.

— Serei sincera com você, Claire — disse com cainho. — Não sei se faria bem a ela, sua visita.

— Diz isso porque sabe que ela gosta de papai tanto quanto eu.

Houve uma pausa de ponderação por parte da Duquesa.

— Sim, e me sinto responsável por isso. Não gostaria de vê-la magoada de novo.

— Não acha que ela deveria saber o que de fato aconteceu naquele jardim, Lady Charlotte?

— Isso não mudaria o que aconteceu...

— Sente-se tão culpada, que não daria ao meu pai, uma segunda chance? — a jovem indagou levemente irritada.

— Não é isso, Claire, somente não vejo como apenas o fato de ter o conhecimento do ocorrido possa fazer algo por eles... Sua avó é irredutível, e toda essa situação com Marianne não será facilmente esquecida. — Houve uma pausa e Charlotte concluiu: — Tudo pelo

que seu pai lutou até agora, não terá valor algum.

Ambas se encararam e Claire tomou a palavra:

— E o que é mais importante? Já estive nessa situação, Lady Charlotte... — sentenciou com cuidado. — E mesmo que eu veja sua dedicação ao seu marido, pode mesmo dizer que está feliz, quando abriu mão do grande amor de sua vida?

— Claire... — a Lady tentou.

— Estou apaixonada pelo Doutor Daniel, e papai não será feliz longe de Irina. Devemos, mesmo, deixar tudo que sentimos para trás? Somente por um bando de hipócritas?

Lady Charlotte sorriu.

— Iremos ver Irina amanhã cedo.

Claire levantou-se do canapé e correu ao seu encontro, abraçando-a.

— Obrigada — disse junto ao seu ouvido.



A vida no convento jamais a faria esquecer-se de Thomas. A falta de notícias ou orações não conseguia manter seu coração em outra cadência que não a do amor que sentia. Pedia pelo pai, irmãs, Charlotte... E o Conde. Ainda que lhe doesse a ferida aberta aquela noite, seu coração estava disposto a desculpá-lo, bastava-lhe uma palavra, um aceno.

Quando a porta se abriu, pela manhã, fazendo entrar a Madre em sua cela, Irina deixou-se levar pela agitação. Era comum refrear seus sentimentos a maior parte do tempo, mas não aquela manhã. Não quando despertara com um aperto em seu peito.

— Lady Charlotte veio vê-la — ponderou a religiosa.

— Eu irei recebê-la. — A jovem se ergueu da cama, passando pela Madre.

Os dedos da senhora capturaram o pulso da noviça num reflexo.

— Mantenha Deus em seu coração.

Por segundos os olhos de ambas se uniram num brilho de alerta. Com um mínimo consentimento, Irina desfez o laço e a deixou sozinha na pequena cela.

Seu coração ia ao descompasso que seus pés ditavam no chão de pedra. Era uma tola, tinha certeza, mas se Lady Charlotte estava ali era porque algo ocorrera... Sua mente palpitava intrigas. Seria seu pai? Seria alguma das irmãs? Sem prestar atenção na corrida que agora impingia a seus pés, uma palavra saiu de seus lábios:

— Thomas.

A nave da capela nunca lhe parecera tão grande quanto a ansiedade que lhe inundava a alma. Seus intensos olhos verdes logo captaram a figura postada no segundo banco, e seu coração acelerou ainda mais ao notar a completitude mais delgada que a de Lady Charlotte. O olhar límpido e azul de Claire a alcançou antes que ela pudesse ditar algo.

— Senhorita Irina... — E seus braços a envolveram num abraço profundo.

Se havia em si alguma dúvida de que era um sinal de Thomas, ela havia se desfeito. E tudo que Irina pode fazer foi lhe retribuir o abraço, intenso e sincero. Estava imensamente feliz em ver Claire.

— Estou tão, mas tão feliz em vê-la — prosseguiu a jovem, recuperando-se da emoção, assim como a noviça.

— Também encontro-me muito feliz, Claire — retribuiu Irina, sentando-se ao lado dela. — Não recebo muitas visitas, e a sua me trouxe uma alegria inusitada.

— Então, não está chateada conosco? — Aqueles olhos azuis nunca brilharam tanto.

— Receio que essa não seja a palavra exata para o que senti quando os deixei — determinou com olhos baixos.

A mão da jovem pousou sobre a dela num carinho mudo.

— E se estivesse, eu entenderia — pontuou Claire. — Compreendo tudo que deva ter sentido naquele momento, embora seja incapaz de determinar o quanto lhe custou nos perdoar, para estar aqui, como sempre, de coração aberto. — A emoção inundou-lhe os olhos.

— Esse não é um lugar para mágoas — despistou Irina. — O que a trouxe aqui?

— É uma longa história, mas antes de contá-la, preciso que saiba, e de certo tem essa certeza em seu coração, que meu pai a ama.

A sentença a deixou fora de si por instantes. Um misto de alegria e surpresa preencheu o espaço antes ocupado pela dúvida e tristeza. Os meses no convento a haviam feito olhar o outro lado da sua dor, a perdoar e aprender com tudo que lhe acontecera.

— Não importa o que ele diga, ou como aja, ele a ama — confirmou Claire enquanto Irina se perdia em ponderações. — E, justamente por ele estar a ponto de cometer uma insensatez por minha causa, eu vim até você.

— Não penso que daqui possa fazer algo a seu favor ou ao dele.

— Não. — Sorriu-lhe com carinho. — O que vou lhe pedir é muito mais do que deveria, e jamais ousaria tanto se não soubesse que o ama da mesma forma e que está perdendo tempo aqui dentro. Um tempo precioso, eu diria.

— Claire... — repreendeu Irina.

— Peço que ouça tudo que vou lhe contar com atenção — determinou calmamente, fazendo com que a noviça minimamente consentisse com a cabeça, pondo-se a ouvi-la.

Claire não poupou um detalhe, nem mesmo as desconfianças sobre o envenenamento da avó. Após todo seu relato, seus olhos azuis voltaram a se fixar no rosto de Irina, esperando por alguma palavra.

— Vai nos ajudar? — Leu a hesitação no rosto da preceptora. — Lady Charlotte me contou que você jamais abriu mão do que quis,

sempre se identificou mais com você por ser tão determinada... Ela se equivocou?

Irina abriu e fechou a mão diversas vezes, respirou fundo e olhou-a intensamente.

— Não. Eu farei o que me pede, irei até seu pai...

— Não sabe como isso me deixa feliz — ditou com carinho.

— Mas farei isso ao meu modo — completou carinhosamente.

Com um sorriso cúmplice, Claire assentiu e voltou a abraçá-la.



Pensara, equivocadamente, que manter Claire longe lhe traria paz, mas há dias que Irina o perseguia em sonhos. Morrendo em seus braços, úmida de chuva, sem que lhe dissesse o quanto a amava e se arrependia do que fizera. Deus deixara claro, quando lhe destinara Marianne, que não acreditava que ele poderia amar de novo. Não tinha fé em seu coração. Abrira mão de tudo para que Claire tivesse um futuro na sociedade que lhe negara o seu, mas naquele momento, via todos seus castelos serem ameaçados por um único nome: Arthur Bertrand. Passou as mãos pelos cabelos escuros. O que faria? Claire nunca estaria segura ao lado de um homem como ele, e suas ações estavam neutralizadas.

Encheu o copo ao seu lado com mais do líquido âmbar e amargo.

A sineta tocou e Alastor veio abrir a porta. Seu semblante cansado demonstrava que, desde a morte de Luci, seus dias haviam sido atribulados. Havia o entra e sai permanente dos oficiais da Scotland Yard, e suas muitas entrevistas. De fato, havia o lenço de Lady Marianne na cena do crime, mas sua posição de noiva do Conde de Rothesay tornava a investigação minuciosa e furtiva. Ninguém ousaria tocá-la sem provas concretas. E não havia discussões ou rusgas entre patrão e empregado que sugerisse um bom motivo para o assassinato.

Em passos lentos, Alastor alcançou a porta e abriu. Uma linda jovem ruiva surgiu sob o portal. Seus olhos verdes capturaram os do mordomo, e sorriu-lhe. Apesar de retribuir-lhe a gentileza, Alastor achava que o preto não combinava em nada com a moça, e secretamente se questionou o que levaria uma jovem como aquela a ser uma noviça.

— Bom dia, senhor. — Fez-lhe uma mesura. — Vim cuidar da Baronesa, por recomendação do Doutor. — Estendeu-lhe uma carta. — Está tudo explicado aqui. O Conde deve estar a minha espera.

Alastor tomou o papel entre os dedos e leu-o, fazendo-a entrar.

— Por favor, por aqui... — Indicou-lhe o caminho, apreciando o rubor que invadiu o rosto da jovem. Ou seria apenas sua impressão? Não importava. A Baronesa não poderia ser importunada pela atribulação que a casa passava nos últimos dias, e talvez, o jovem médico tivesse acertado em sua escolha. O rubor deveria ser pela riqueza dos painéis que enfeitavam todos os corredores de Castleblack. Abriu a porta dupla da biblioteca e consentiu: — Espere aqui, o Conde virá em breve.

Ela aquiesceu levemente com a cabeça e deu-lhe às costas, sem tomar qualquer assento para si. Tencionava se entreter com as pinturas e livros ali expostos, uma postura terrivelmente difícil de manter, quando tanto lhe passava pela mente. Pousou a pequena valise no chão e observou atentamente o quadro a sua frente. Era uma bela versão do Conde mais velho.

Não ouviu o abrir da porta, ou os passos que se seguiram a ele. Todavia, a voz que lhe envolveu a fez tremer nos segundos seguintes.

— Vejo que encontrou meu pai... Não era dos mais afetuosos, assim como eu — sugeriu calmamente, seguindo o olhar da jovem. — Peço desculpa pela minha demora, só esperava-a amanhã, Srta. Stanford.

Ela postergou voltar-se para ele por mais alguns segundos, e quando o fez, seu coração disparou.

— Acreditei que precisasse de mim... O mais cedo possível.

Os lábios dele se partiram e os olhos castanhos estavam tão alargados em seus verdes, que ela teve a certeza de que acertara em passar a noite numa estrada poeirenta apenas com a esperança como companhia e aliada naquela empreitada insana.

— Irina... — O nome escapou de seus lábios com doçura, num hálito de conhaque.

Não tinha o atrevimento suficiente para aproximar-se. Aceitara tudo que Claire e Lady Charlotte lhe contaram, mas era certo que dele, nada ainda ouvira. Estava lhe dando uma segunda chance, mas para ela pouco restaria caso ele a recusasse. Arriscava tudo, como noviça e mulher.

A distância entre eles foi vencida pelos passos firmes do Conde, que a alcançaram antes que ela pudesse dizer-lhe algo mais.

— Ah, meu Deus... — Num único e inusitado movimento, estava aos seus pés, enrolando-se aos panos de sua saia. Seu rosto enterrado no tecido escuro, que abafava aos poucos, a angústia que escorregava lentamente de sua garganta, tão ressequida pela surpresa do encontro e a esperança de recuperar sua alma. — Diga-me que não sonho... — as palavras eram arrastadas pelo excesso de bebida, mas seus olhos brilhavam numa intensidade que aqueciam o corpo e o coração de Irina. — Entretanto, se for um sonho, não me deixe... Por favor, não me deixe, ou temo que contigo parta minha sanidade. — Voltou ao tecido degastado, molhando-o.

— Thomas... — Acarinhou-lhe os cabelos, fazendo-o erguer-se do chão.

Jamais o imaginara assim, tão abandonado de si mesmo. Não era esse o homem que conhecera, por quem se apaixonara.

— Achei que não me perdoaria... — Abraçou-a profundamente.

Irina fechou seus olhos, sem retribuir o carinho. Não o queria pela metade. Queria o homem das cartas ou nada. Lutando contra si mesma, ditou:

— E não o perdoei... Mas não está sonhando, Sir — sentenciou calmamente. Ele agora a fitava com carinho.

Por segundos, Irina vislumbrou o homem que conhecia, quando Thomas voltou a se empertigar e encará-la. O olhar abatido e a barba por fazer não diminuían sua beleza, nem a grandeza do homem que era aos seus olhos.

— Por que veio então? — refletiu em meio a seu devaneio.

— Vim lhe ajudar quando todos foram embora...

— Claire pediu que viesse?

Ela assentiu.

— Não a culpe, estávamos todos preocupados e sem uma saída útil — ponderou calmamente. — Chegamos à conclusão que minha presença aqui era necessária.

— Ainda que não possa negar que estou feliz em vê-la, e me sentir honrado por ainda me destinar tal atenção, não posso deixar que fique. — Num vislumbre de sanidade, afastou-se dela. — Claire deve ter lhe contado o que aconteceu aqui — disse cansado — Há um assassino nesta casa, e eu já perdi muito quando deixei que Claire partisse... — sua voz falhou. — Quando deixei que fosse embora daquela forma, não vou expô-la a esse perigo.

— Não é algo que possa decidir por mim, Sir — Seus olhos verdes brilharam. — Eu decidi vir, e vou ficar até que não precise mais de mim.

Devia, por uma questão de honra, mandá-la embora, mas estava tão cansado de não partilhar seus pensamentos com alguém, que tê-la ali, não era somente a renovação de suas forças para seguir adiante, ou a sensação mais esfuziante que se coração se permitia sentir nas últimas semanas, era a certeza de que valera cada momento de angústia. Queria abraçá-la, senti-la entre seus dedos, sentir seu perfume. Porém, por ora, bastava-lhe sabê-la não perdida para todo sempre... Não como Elinor.

— Talvez eu não a deixe mais partir, milady, se insistir nessa loucura.

Irina leu a apreensão nos olhos dele que ao mesmo tempo transbordava carinho. Havia uma luta ainda maior no interior de

Thomas, além daquela que travara quando a deixara partir, como lhe relatara Claire. Passava-se por tola uma vez mais, mas tinha seguido seu coração e estava ali. Com carinho, tomou-lhe a mão nas suas e esqueceu-se do hábito que vestia, levando-as aos lábios num carinho.

— Então devo insistir — deixou sobre a pele dele.

Num impulso Thomas a abraçou até que os corações de ambos se acalmassem. Não precisavam de palavras, apenas do calor de seus corpos.

— Claire me contou muitas coisas... — sentenciou após algum tempo, contra o peito dele — O que descobriu sobre os Bertrand, que não disse a ninguém?

Com um longo suspiro, Thomas ditou:

— Não é algo de que me permita falar...

— Mas é necessário.

— Sim, sim... — Balançou a cabeça afirmativamente. — Mas não são coisas fáceis de revirar. Não para mim.

— Tente... — confortou Irina.

— Arthur é o padrasto de Elinor. O homem que achei ter banido de minha vida há muito tempo.

Um sobressalto tomou-lhe o corpo e como cenas desconexas, folhas de diário e rostos se fundiram.

— E Marianne? — A linha de raciocínio foi óbvia. — Marianne é irmã de Elinor?

— Sim, mas isso não é tudo... Nem de longe o pior — assegurou Thomas amargurado.

— O que há mais? — indagou preocupada.

Ele hesitou por segundos em prosseguir, o que ia dizer não era algo que devesse ser pronunciado naquelas paredes, principalmente depois de todo o mal que trouxera a Elinor. Doía nele, ter que pôr tudo nesses termos, mas era necessário ou sufocaria, e não havia ninguém melhor para ouvi-lo e compreendê-lo que Irina.

— Ele é o verdadeiro pai de Claire. — Os olhos do Conde nublaram. — Tudo que eu fiz, todos esses anos... — Retirou a mão das dela e deslizou os dedos pelos cabelos. — Nada a manterá a salvo daquele homem.

Num impulso, Irina deteve seu gesto alucinado e o fez olhar dentro de seus olhos verdes.

— Claire ficará segura. — Sorriu-lhe. — Confie em mim.

O coração do Conde recuou nos batimentos acelerados e deixou-se ser acalentado pela alegria de tê-la ali, ao seu lado, mesmo que parecesse egoísmo trazê-la para Castleblack naquele momento... Mas estava feliz. Com os olhos brilhantes, agradeceu:

— Eu quero que fique, obrigado.



Desempenhar seu papel junto à Baronesa com a ajuda do Doutor e do Conde, não lhe era difícil, mas ficar firme diante dos olhares de Marianne e Arthur, sim. Não havia um dia em que não a questionassem sobre qualquer coisa, até mesmo o que a levava a ir para um convento. Questões, as quais, Irina se desvencilhava com certa naturalidade, que a surpreendia.

— Então, foi uma decepção amorosa, o que a levou ao convento... — sentenciou Marianne à mesa, analisando-a friamente.

— Talvez... — sentenciou Irina, sem fitá-la.

— E talvez, tenha descoberto, através da extrema benevolência divina, que tudo que lhe sobreveio teve um propósito maior.

Thomas desviou seu olhar para a ruiva, que mantinha sua calma ao se servir. Ele estava a um passo de intervir, sentia seu sangue queimar diante das insinuações de Marianne.

— Há muitos motivos que podem levar uma mulher ao convento, até mesmo a culpa por seus atos, onde talvez não encontre a clemência de Deus — ditou delicadamente.

— Então, devo crer, que não curou sua ferida de todo... — sugeriu cínica. — Não deveria se culpar por ele escolher uma mulher melhor — disse em falso descompromisso.

— Sinto muito que a tenha levado a crer que uma decepção amorosa seja a causa de minha reclusão, milady. Descobri minha devoção recentemente, o que agradou muito a meu pai — explicou Irina, reunindo todas as suas forças e mantendo um semblante neutro. — Deus está lá para nos prestar amparo nos momentos em que mais precisamos Lady Marianne. Não tema em procurá-lo quando necessitar, eu terei prazer em ajudá-la.

Marianne sorriu com desfaçatez.

— Disse que seu pai é pastor — interveio Arthur. — Certamente o clero está no sangue.

O sorriso que chegou até ela, desta vez, foi de escárnio.

— Sim, tem razão — devolveu-lhe a bravata. — E não me sinto menos feliz por isso. Amar a Deus é uma honra. — Passou o guardanapo pelos lábios e pediu: — Poderia me dar licença, Lorde Thomas? Gostaria de ver como está a Baronesa.

Num curto assentimento, o Conde a viu deixar a sala com sua altivez de sempre e, interiormente, sorriu.



A porta foi destravada e, silenciosamente, Irina deslizou para dentro do quarto da senhora, sendo surpreendida por sua voz.

— Ainda não sei o que faz aqui — a Baronesa sugeriu.

— Cuido da senhora... — disse ao levar a sopa para mais perto e se ajeitar para ministrá-la.

— Não tente me fazer de tola, não a mim. Observei você e Thomas... — ela continuou após sorver um pouco da sopa. — Ele sempre escolhe as que estão aquém de sua posição.

A louça tremeu em suas mãos, mas Irina recuperou sua postura no instante seguinte.

— Lorde Thomas é um bom homem, e gosta da senhora. Não há o que ser observado — ponderou surpresa com sua frieza. — E foi o Doutor quem me indicou para cuidá-la.

— É outro tolo que esquece a posição que ocupa — protestou a mulher. — Homens tem uma inclinação nata para isso quando se trata de um rosto bonito.

— Ambos são homens honrados — ponderou com cuidado. — O Conde, por exemplo, — continuou sabendo-se observada — criou a filha sozinho, e aparentemente muito bem.

— Soube disso pelo bom Doutor? — interpelou-a. — Acho que não...

— De fato conheço Lady Charlotte.

— Então deve saber que aquela jovem é uma bastarda, isso sim. — Sorveu o líquido. — Ela não é nada até eu dizer que é algo para esta família.

— Não sente mesmo nenhum apreço pela jovem Lady Claire? — Os olhos verdes encontraram os escuros da senhora.

— Vejo que se afeioou à família... E é um tanto obstinada quando coloca suas posições — refletiu a senhora. — Deus concorda com isso?

— Deus sempre sabe o que se passa em nossos corações, não há o que esconder dele... E ele me trouxe até a senhora. — Limpou os lábios da Baronesa com delicadeza. — Acredito que há algum significado nisso.

Os olhos escuros se estreitaram sobre ela.

— Talvez eu esteja subestimando-a, minha cara.

Irina sorriu-lhe levemente.

— Talvez, ambas nos tenhamos subestimado. — Ergueu-se da cadeira que ocupava. — Vou até a cozinha, e depois, ao meu quarto. Espero que descanse.

Afastou-se na direção da porta enquanto a ouvia sussurrar:

— Veja se dá um jeito naquele homem chamado Arthur... — sentenciou. — Ele costuma entrar aqui, quando acredita que estou dormindo, e mexer nos potinhos sobre a cômoda. Deve achar que são meus, velho idiota.

Com isso fechou os olhos, deixando as sobrancelhas de Irina levemente enviesadas.



Uma leve batida foi ouvida na porta da biblioteca, e Thomas determinou:

— Entre.

Seus olhos castanhos encontraram os verdes, para logo em seguida, perceberem o policial da Scotland Yard bem ao seu lado.

— Posso voltar depois, se desejarem...

— Se há algo que deva nos contar — o jovem prontamente respondeu.

Os olhos verdes foram desviados do Conde.

— Não ouse crer que assuntos que envolvam a saúde da Baronesa possam ter qualquer serventia para sua investigação, senhor — frisou a última palavra.

O policial limpou a garganta e prosseguiu:

— De fato, ainda não há nada que una esses dois pontos. — Seu tom foi seco e não passou despercebido aos presentes. — Mas não estou tão certo de que não haja nenhuma ligação entre ambos.

Alastor abriu a porta, com o serviço de chá em punho, e Thomas concluiu:

— Por favor, Alastor. — O mordomo depositou a prata sobre a mesa ao canto. — Acompanhe-o até a porta. O senhor Carter estava de saída.

— Sim, senhor. — Fez-lhe uma reverência e indicou a porta ao policial, que, contrafeito, o seguiu.

— Nos vemos em breve — a promessa foi deixada no ar antes da porta cerrar atrás deles.

Thomas ajeitou os punhos da camisa e Irina alisou a saia do vestido enquanto se dirigia até o serviço de chá e servia a ambos.

— Beba. — Entregou-lhe uma chávena. — Nos fará bem.

Houve apenas o intervalo para um gole e o Conde tomou a palavra:

— O que há com minha mãe? Aprontou alguma coisa?

Irina sorriu com os lábios sobre a porcelana.

— Ela é bem esperta, e sabe conduzir uma conversa.

Seus olhos castanhos voltaram-se pra a ruiva.

— Ela disse algo inconveniente?

— Não — determinou a noviça. — Mas acredito que possa lançar uma luz às investigações da polícia.

— Não temos prova de nada — sugeriu o Conde. — E não sei o quanto isso afetaria Claire.

— Não pode fugir da verdade e achar que está fazendo isso pelo bem de Claire — contrapôs Irina. — Devemos neutralizar Arthur, não temê-lo. Somente dessa forma a protegeremos.

Em poucos passos Thomas se sentou de frente a ela, tomando-lhe as mãos nas suas.

— Não gosto de tê-la aqui — sentenciou baixo —, envolvendo-se cada vez mais com esse assassinato.

— Escolhi estar aqui, milorde. Às vezes, a distância não é a melhor forma de defender alguém. — Os olhos dela brilharam.

As mãos de Thomas subiram pelas laterais de seus braços até alcançarem seu pescoço, e seus polegares massagearam suas bochechas, delicadamente. Sem refutar o toque, como deveria por seus preceitos, Irina fechou os olhos verdes e deixou-se sentir.

Sua resistência se liquefazia diante dos carinhos dele que, agora, contornava-lhe os lábios. A urgência de ter sua boca preenchida pela dele e o receio que a assaltava – logo em seguida – diante do desconhecido, fê-la estremecer. Thomas fechou seus olhos castanhos e roçou seus lábios contra o dela, soprando:

— Não me mande embora... — Um movimento a mais. — Por favor. Sei que não é a hora, nem lugar, mas eu preciso senti-la mais um pouco...

Os braços fortes a envolveram, as mãos desceram por suas costas e seu corpo estava contra o dele, sentindo-lhe o descompasso do coração aflito. Devagar, ela aceitou o pedido dos lábios dele, deixando-o preenchê-la com seu gosto. Era algo demasiado poderoso, mágico.

Não estavam bêbados, nem brigando. Ele temia pela vida dela e ela se sentia amada; única em seus braços. Estreitada num laço de carinho e cumplicidade, que só provara através de seus escritos. Quando ele lhe permitiu procurar por ar, ambos ofegavam. Os olhos verdes procuravam-lhe algo nas feições, e sorriu, lembrando-se do pedido dele ainda em Bute.

— Será que o seduzi, milorde?

Ele novamente a trouxe para seus braços.

— Nunca estive em perigo de não consegui-lo, e ousou crer que sempre soube disso...

— Mas nada é melhor do que uma confissão.

Foi a vez de Thomas ceder-lhe um mínimo sorriso de canto.

— O que, afinal, minha mãe lhe disse? — Afastou-se, achando por bem não serem encontrados naquela proximidade. Mesmo que isso o afetasse em demasia.

— Sua mãe me contou que Arthur entra em seu quarto, trocando os potes da cômoda, quando acredita que ela esteja dormindo.

Encarou-a profundamente.

— Pode parecer estranho, mas acho que sua mãe tem muito mais a relatar. Devia conversar com ela.

A porta da biblioteca se abriu uma vez mais, mas ao invés de Alastor, o rosto que surgiu sob o beiral foi o de Marianne.

— Atrapalho?

Irina percebeu uma nota de ironia no tom da jovem e permaneceu calada, deixando as palavras ao Conde, que ponderou:

— Tomávamos chá e conversávamos. Junta-se a nós?

Marianne aproximou-se com cautela.

— A Baronesa, como está?

— Devia visitá-la, milady... — concluiu Irina. — Ela sente falta das conversas que tinham.

Um sorriso amarelo se formou nos lábios da jovem.

— Ela tem a senhorita, agora... — ressaltou Marianne. — E eu coisas demais com que me preocupar como a reforma de Rothesay — prosseguiu, seguindo para junto deles e sentando-se próxima ao Conde, buscando-lhe a mão, que rapidamente entrelaçou a sua. — Já estive em Bute, senhorita?

Serviu-se de chá.

— Não — concluiu Irina. — Somente ouvi falar do lugar. Dizem que é lindo.

— Bem, se gosta de algo mais selvagem...

— O campo — corrigiu Irina — é sempre inspirador.

— Para um artista, talvez — ponderou a jovem. — Mas estar longe dos bailes e de Londres não me agrada — sugeriu, vendo os olhos do Conde se estreitarem e se tornarem um alerta. E voltou-se novamente a Irina, completando: — Tão logo possamos, faremos de Castleblack nossa residência oficial.

— Rothesay será nossa residência oficial, Marianne — o Conde sentenciou seco. — E não falaremos mais sobre isso.

Visivelmente irritado, ele deixou a biblioteca.



O jantar transcorreu quase como uma solenidade. Apenas os talheres e os passos de Alastor eram ouvidos, indo e vindo da cozinha. Marianne quase não comia e Arthur parecia absorto por algo além da comida. Com a desculpa de não se sentir bem, a jovem se retirou mais cedo do convívio social, seguida, quase meia hora depois, pelo pai, que recusou a sobremesa.

O semblante de Thomas, estando a sós com Irina, tornou-se ameno.

— Estive com mamãe pouco antes de descer...

— E então? — Impôs-se a ruiva.

— Ela acredita que estamos envolvidos... — se permitiu sorrir antes de completar: — Sentimentalmente.

Irina fingiu não notar o olhar malicioso que ele lhe lançou e a faria corar fervorosamente, caso se permitisse — ainda que minimamente — fitá-lo.

Continuou desempenhando seu papel.

— Ela certamente tem muita imaginação. — Respirou fundo. — O senhor não acha? Ouso acreditar que qualquer jovem com menos de trinta, e mais de dezesseis, possa verdadeiramente ocupar o espaço que ela me dispensa em suas maquinações.

Alastor passeou entre eles com pudim.

— Não tenho tanta certeza de que qualquer uma preencheria o espaço com tanta eficiência. — Ergueu um brinde a ela, divertindo-se com o fato de cortejá-la, como há tempos não fazia. O rubor invadiu-lhe as bochechas e Thomas se deliciou com isso. — O que lhe parece?

— Parece-me uma conversa inapropriada para a ocasião — determinou Irina enfática.

— Alastor — dirigiu-se ao mordomo, sem retirar os olhos dela. — Nós já terminamos. Por favor, saia e assegure-se de que ninguém entre aqui.

Um frio percorreu-lhe a espinha, e continuou ali instalado quando Thomas se ergueu da cadeira e foi até ela. Seu coração dedilhava um compasso desalinhado no momento em que a tocou nos ombros e baixou seu rosto até a linha de seu pescoço, beijando-lhe a base.

Fechou os olhos, absorveu perfume ao seu redor e se pôs de pé tão rapidamente, que o Conde recuou um passo para recuperar o equilíbrio.

— Definitivamente não devo permitir que prossiga. — Respirou rápido, alcançou a porta e saiu.

Todavia, assim que alcançou o corredor, ouviu passos rápidos que se dirigiram à escada. Apressou os seus na esperança de saber quem os estava bisbilhotando, mas tudo voltou ao silêncio.



Thomas deliciou-se com um pouco mais de vinho e deixou a sala de jantar. Sua mente borbulhava com inúmeras visões de Irina, já havia chegado ao topo da escadaria quando viu a porta do quarto da Baronesa se abrir e Marianne sair por ela.

— Lady Marianne... — murmurou Thomas.

— Oh, Conde — ela dissimulou. — Deste-me um susto. — Levou a mão ao coração.

— De fato, também me surpreendi — contrapôs preocupado. — Achei que descansava.

— Era meu intento quando deixei a sala, mas as palavras da Srta. Stanford não me deram sossego... e... — Molhou os lábios, fitando-o. — Eu precisava vir visitá-la, e assim o fiz. — Empertigou-se. — Não achei que reprovaria meu desejo.

— Se minha mãe desejava vê-la, não serei eu a reprová-la, mas certamente reservo-me o direito da surpresa, já que desde que ficou noiva, sua atenção tem se voltado tão somente ao enxoval e certas particularidades — observou o Conde sério.

— E não pode pensar que seria diferente... — Estendeu-lhe a mão. — Há tanto o que fazer para deixar Bute um lar atraente para nós. — Piscou-lhe o olho enquanto esperava que tomasse sua mão para si. — Não se incomodaria de me conduzir até meu quarto, não é mesmo, milorde?

— Fico feliz, em parte, que tenha deixado Castleblak fora de seus futuros domínios. — Tomou-lhe, enfim, a mão ofertada sob um meio sorriso. — Será uma honra saber que milady dormirá o sono dos justos — disse numa leve nota de ironia.

Ela aquiesceu com um mínimo movimento de cabeça e deslizaram pelo corredor revestido de quadros e penumbra das velas.



Sentia o coração pulsar ao lembrar-se da investida do Conde após a refeição. Um calor úmido cobria sua pele e se sentia incapaz de dormir. Andara pelo quarto umas três vezes, visitara a janela e, até mesmo, fizera a Lua de confidente, mas não conseguia desviar os pensamentos de Thomas.

Um barulho, entretanto, vindo do quarto da Baronesa chamou-lhe a atenção. Parou junto à porta contígua dos quartos — cuja tranca ficava pelo lado da senhora — e pôs-se a ouvir. Todavia, o silêncio se fez por muitos minutos nos quais Irina cogitou que seus sentidos haviam lhe pregado uma peça, mas do qual foi demovida quando o som de passos e o ranger da madeira voltaram a inundar o ar.

Pé ante pé deslizou para a porta, que dava acesso ao corredor de quartos e abriu-a, espiando-o de um lado a outro sem que o mínimo movimento fosse percebido. Com uma vela em punho, escorregou até a porta da senhora, forçando-lhe a maçaneta, que cedeu ao seu primeiro intento.

Entrou devagar, tomando cuidado para apagar a vela, e,

novamente, o silêncio a acolheu. Um silêncio entrecortado apenas pelo ressonar pesado da Baronesa. Fechou os olhos e desenhou mentalmente a disposição de cada mobília, perfazendo o caminho até a cama.

Tateou a parede até a porta contígua, notando que o trinco estava realmente travado, como nunca ficara. Aquele era seu acesso mais rápido à senhora. Seu coração começou a palpitar e voltou-se à cama. Um pequeno cotoco de vela agora queimava sobre o criado mudo.

Seus olhos reclamaram e ela deu um passo para trás, colidindo com algo sólido, que a arremessou contra o chão, caindo sobre ela. Rolaram pelo assoalho até as cortinas, e sentiu o peso do punho de seu adversário contra seus lábios, arrancando-lhe um filete de sangue.

O luar, vindo da janela, refletiu no que se revelou ser uma lâmina tão logo desceu sobre si, quase acertando-lhe o rosto. Empurrou seu oponente e conseguiu imobilizar-lhe o braço, projetando seu corpo sobre o dele e invertendo as posições, lhe dando alguma vantagem. Apertou com mais força o pulso que detinha o punhal e, a exclamação que ressoou pelas paredes, surpreendeu-a.

Sua pequena distração fez com que o inimigo se levantasse e ganhasse uma dianteira, mas Irina saiu em seu encalço, alcançando-o antes de chegar à porta contígua. Contudo, a lâmina da faca atingiu-lhe o braço, fazendo-a recuar. Tropeçou na barra do vestido, batendo com a cabeça na quina do criado mudo.

Uma risada preencheu o ar enquanto tudo escurecia ao seu redor, ainda que a chama do cotoco de vela começasse a consumir as cortinas, fervorosamente.



Acordou encharcado de suor. Seu coração estava disparado e ainda podia ver a cena horrível em sua cabeça. Precisava de ar.

Vestiu o roupão rapidamente e saiu para o corredor, a fumaça que escapava por debaixo da porta do quarto da Baronesa o fez apressar os passos e entrar apavorado num quarto com cortinas em chamas.

Seus gritos trouxeram os criados, que retiraram a Baronesa da cama enquanto ele enrolava algo em suas mãos e jogava água do jarro do lavatório contra o tecido. Puxou as cortinas, atirando-as ao chão e apagando o restante do fogo. Contornou a cama e tomou Irina nos braços, levando-a para o quarto ao lado.

Deitou-a na cama no mesmo instante em que Arthur e Marianne surgiam sob o portal, indagando o porquê de todo o alarido. Com fúria nos olhos, Thomas os expulsou do quarto, ficando sozinho para cuidar da jovem.

Molhou seu lenço na água fresca do jarro, e esfregou-lhe os braços e testa. Aos poucos a pele dela esfriou e Irina abriu os olhos.

Ele beijou-lhe os lábios num carinho silencioso.

— Ainda bem que está viva, eu não me perdoaria se a perdesse...

— A Baronesa... — Tossiu fortemente.

— Foi removida para meu quarto.

— Thomas... Havia alguém no quarto com sua mãe, e provavelmente a sedou.

— Tente descansar — interveio ele, preocupado.

— Se não fosse assim, sua mãe teria acordado com nossa luta — prosseguiu sem dar-lhe ouvido.

— Você viu quem foi que fez tudo isso? — interpelou-a.

— Sim, Marianne...

— Marianne? — surpreendeu-se. — Pense bem, pode estar confusa por ter inalado fumaça...

— Eu a vi. — Fixou os olhos verdes nele. — Nossas saias se embolaram quando nos confrontamos.

— Não saia daqui. — Beijou-lhe a testa.

Num movimento brusco, ergueu-se da beira da cama e saiu para o corredor, encontrando Alastor no caminho.

— Onde está Lady Marianne?

— Creio que na sala, milorde. — Fitou-o preocupado. — Quer que a chame?

— Não, quero que vá a polícia e traga o inspetor... Sem ser percebido, entendeu?

— Sim, senhor.

— Ótimo. — Tomou a direção da escada e desceu-a, mas assim que chegou à sala, percebeu-a vazia e a porta da frente da casa encontrava-se aberta.

Projetou-se para fora da casa a tempo de ver o cavalo de Marianne correr desabaladamente pelo terreno.

— Vou segui-la — disse a Alastor. — Traga o inspetor rápido.

Com um breve assentimento o mordomo foi cumprir sua incumbência enquanto Thomas corria até o estábulo e partia atrás de Marianne.



A desabalada perseguição não poderia ser mais bem servida do que sob uma chuva intensa. Logo após cruzarem o bosque, que rodeava a casa, entraram numa charneca, era impossível não estremecer diante dos raios que viajavam pelo céu escuro, atirando-se a terra. Apesar de exímia amazona, Marianne teve dificuldades em desviar de um galho, que alquebrado pelo raio, caiu em frente a sua montaria.

O cavalo empinou e, ainda que Thomas esporasse o seu na tentativa vã de aumentar-lhe o ritmo, não impediu sua queda ou a amenizou. O corpo da jovem aterrissou brusco sobre o terreno insólito. Com apenas um movimento preciso, o Conde apeou de sua montaria, precipitando-se na direção do corpo, onde próximo, o cavalo sapateava como se angustiado.

Debruçado sobre Marianne, com o rosto gotejando contra o dela,

constatou-lhe a falta de pulso e o pescoço quebrado. Um longo suspiro escapou de seus lábios enquanto permitia-se desabar contra o terreno enlameado. Ficou ali até a chegada do inspetor, que tal como ele, atestou a tragédia.

Ao retornarem para Castleblack, encontraram Arthur na sala de estar, seu olhar alcançou Thomas, sombrio.

— Onde está minha filha?

O Conde limitou-se a fitá-lo, mas foi o inspetor quem lhe respondeu:

— Receio que a notícia não seja das melhores, Arthur. Infelizmente Lady Marianne está morta.

— Como assim morta? — estarreceu-se.

— Isso mesmo que ouviu, senhor — declarou enfático o policial. — Quebrou o pescoço ao fugir de Lorde Thomas

Thomas serviu-se de xerez e o levava aos lábios quando Arthur despejou:

— Deve estar feliz agora, Rothesay. Livrou-se de uma vez por todas de minha filha! — esganiçou seu falso desespero. — De um noivado que nunca esteve disposto a concretizar. Ó, pobre Marianne! Ela, sim, esteve sob ameaça esse tempo todo!

O Conde voltou-se friamente para ele, arqueando a sobrancelha.

— Está me acusando de matá-la? — Seus olhos brilharam e Arthur se antecipou ao Conde.

— Eu pensaria mais uma vez antes de proferir novamente esta sentença, senhor — alertou-o o jovem da Scotland Yard. — Há provas de que Lady Marianne foi responsável pelo incêndio ocorrido aqui, hoje.

— Provas? — titubeou. — Isso é um absurdo! Marianne era inofensiva como uma mosca.

— A jovem noviça afirma o contrário — sentenciou o policial. — E a fuga de milady corrobora a veracidade de suas palavras.

Ouviu-se um barulho nas escadas e todos voltaram sua atenção à

porta. Uma jovem, de avental muito branco sobre o uniforme azul escuro, fez uma mesura antes de declarar:

— A Baronesa deseja falar com o jovem da Scotland Yard.

Surpreso com a citação, o policial a seguiu, deixando os dois homens para trás.



O caderninho de notas brincava entre seus dedos quando lhe foi permitida a entrada no recinto. Um quarto — ele avaliou — tipicamente masculino, com móveis sólidos e pouca decoração.

— A senhora queria me ver — ele sentenciou ao se aproximar da cama.

— Aproxime-se mais, eu não costumo morder. — Encarou-o levemente aborrecida.

Ele atendeu ao pedido, observando-a atentamente.

— Então, milady, o que tem a me contar? — Bateu com a ponta do lápis sobre a capa de couro. — Os olhos pequeninos a espreitavam por trás das lentes dos óculos. — Sabe, as entrevistas com os outros hóspedes — escolheu o termo com cuidado —, não surtiu o efeito que eu esperava.

— Deveria ter vindo diretamente a mim — retrucou sem titubear.

Lançou seu olhar de rapina mais uma vez por todo lugar antes de voltá-lo a ela.

— Seu médico apresentou uma forte oposição contra isso. — Encarou-a num meio sorriso. — Nada pude fazer diante de sua alegação.

— E o que médicos sabem, afinal? — contrapôs. — A verdade é que, ainda que o doutor tenha tido seus motivos para impedi-lo de vir antes, isso nos poupou uma série de problemas, e, quem sabe, outro assassinato.

O policial agora estava a sua cabeceira, curioso.

— Posso pedir que seja mais explícita, milady?

Ela alisou pacientemente a manta que a cobria antes de respondê-lo.

— Sabe muito bem que não prosseguiria nessa investigação, se eu não o quisesse. — Devolveu-lhe o olhar intenso. — Posso estar entrevada nessa cama, e ter sido levemente envenenada...

— Então sabia...

— Não me interrompa — retalhou, enérgica. — Veio aqui para saber o que aconteceu nessa casa, e é o que terá — concluiu. — Já vivi demais, para não reconhecer o caráter das pessoas e onde querem chegar... Acha mesmo que Alastor dá um passo sem que eu saiba?

O jovem se manteve calado, reconhecendo a presença marcante daquela mulher.

— Luci era uma jovem tola, e se arriscou muito fazendo um joguinho duplo entre Arthur e eu, embora houvesse algo em Marianne que não me agradou quando se tornou noiva de Thomas. Um certo brilho no olhar... — Molhou os lábios. — Desde que vi Arthur mexendo em meus vidrinhos de cabeceira, pedi a Luci que se aproximasse dele. Homens, não importam a idade, tem uma queda por meninas tolas, principalmente as com belas curvas... Deve imaginar que não foi difícil Luci conseguir o que eu queria, embora a situação tenha ido um pouco mais além do que eu imaginava.

Ela havia conseguido captar totalmente sua atenção, e sua pausa o fez questionar.

— Deseja algo?

— Não, eu estou bem. — Respirou fundo. — Luci se envolveu demais com Arthur, ao ponto de interferir na atenção que ele dedicava à filha, Marianne, e esta temer por seu futuro. Afinal, o plano era me matar e deixar Thomas extremamente rico. Não que ele já não o seja — evidenciou com certo amargor. — Luci sabia demais da vida de Arthur, e esse lhe prometera casamento. Não sei

como chegaram a tanto, mas quando houve o pedido do encontro com Marianne, eu pedi que ela não fosse. Só que a tola não me ouviu, deveria estar apaixonada por aquele mentiroso — irritou-se. — Por medo, exigi que Luci escrevesse uma carta contando tudo que sabia sobre Arthur...

Os olhos do policial brilharam.

— Devo dizer que tive muito trabalho para recuperá-la, e só recentemente ela chegou as minhas mãos, mais precisamente na noite passada. Ela lhe será entregue quando sair desse quarto, pela moça que o trouxe, Bettie. Ela se arriscou muito ao entrar no quarto de Marianne enquanto esta estava tentando me matar... Luci levou a carta consigo aquela noite, e deve ter sido quando Marianne recuperava o papel em seu bolso, que o lenço dela caiu — pausou. — Durante essa minha pequena investigação particular, fiquei sabendo que o doutor obteve provas do envenenamento, fazendo até com que minha neta deixasse meu teto. Isso deve reforçar a carta de Luci... — Voltou a fitá-lo com interesse redobrado. — Entende, agora, que se o tivesse chamado antes, tudo teria sido em vão, inclusive os efeitos colaterais do veneno, que por um tempo me importunaram.

— A senhora me surpreendeu — O rapaz encontrava-se visivelmente fascinado por sua determinação.

— Sempre farei o que tiver que ser feito, para manter a honra dessa família. — Encarou-o firme. — E isso me leva a minha recompensa por ter feito seu trabalho. Há certas coisas que são ditas na carta de Luci que desejo que não venham a público. E tenha certeza de que...

— Fará o que for necessário para manter a honra de sua família... — Fitou-a sério. — Eu não duvido. Não gostaria de ter a senhora como adversária.

Ela sorriu minimamente.

— Creio que agora deve cumprir seu dever e prender aquele homem horroroso.

— Sim... Devo. — Aproximou-se da cama e tomou-lhe a mão

enrugada, depositando ali um beijo. — Obrigado.

Dando-lhe as costas, dirigiu-se à porta.

— Faça-me um último favor — disse antes que ele saísse. — Diga para meu filho que estou esperando-o.

Ele assentiu antes de deixá-la sozinha, olhando pela janela.



Quando Thomas entrou em seu quarto, foi impossível não respirar a aura de magnetismo de sua mãe.

— Tudo o que policial disse, é verdade? — indagou preocupado.

— Surpreso? — Ela voltou a fitá-lo. — Quando vai apender, Thomas, que faço tudo pela nossa família?

— Mamãe...

— Quando quis impedir que se unisse àquela mulher, deveria ter me ouvido — sentenciou severa. — Este homem, Arthur, poderia ter seguido outro destino que não o de vir atrás da filha. — Percebeu a palidez que se apossou do rosto do Conde.

— Desde quando sabe? — Estreitou as sobrancelhas sobre a Baronesa.

— Ele nunca me inspirou confiança, e sei que seria difícil convencê-lo... Embora não esperasse encontrar o que encontrei — pontuou seca. — Questiono-me apenas, que valores usou para trazer esta menina a minha casa e fazê-la minha neta.

— Os mesmos que usou para me criar — despejou irritado. — Esteve com Claire mais tempo do que eu tencionava, ou gostaria, pode efetivamente dizer que ela possui algum traço que a desonre? Que comprometa o nome desta família?

— Para começar ela não é um varão, e...

— Mamãe, tente manter a conversa num nível aceitável, ou juro que a deixo falando sozinha — alertou-a. — Não seria a primeira vez

que o faria, e sabe que posso cuidar muito bem de mim e dela sozinho.

A senhora se remexeu sob os lençóis contrafeita.

— De fato, mesmo diante do seu nascimento deplorável, você conseguiu fazer da jovem uma dama aceitável. — Desviou o olhar dele. — Devo declarar que fiquei surpresa com isso.

— Por surpresa vou entender que se sentiu encantada com Claire — determinou firme. — Devo trazê-la de volta, então?

Houve um silêncio seguido de um longo suspiro.

— Seria inaceitável que eu voltasse atrás em meu reconhecimento — ponderou calma. — Por isso, pedi ao policial que parte do teor da carta de Luci seja ocultada da investigação.

— Está protegendo Claire? — Um meio sorriso brincou em lábios.

— Estou protegendo Castleblack e o que somos — retrucou enérgica.

— Está protegendo-a. — Aproximou-se da cama e relutou contra seu intuito. Seus olhares se encontraram, e as rugas nos cantos dos olhos da Baronesa se atenuaram. — Sou-lhe grato por isso. — Fechou os olhos e depositou um singelo beijo em sua testa.

— Eu a quero de volta, Thomas — sentenciou.

O Conde assentiu e tomou a direção da porta, mas antes de alcançá-la, a voz da Baronesa o atacou uma vez mais:

— Eu ainda não terminei com você...

Thomas voltou-se para ela, intrigado.

— Quem de fato é a noviça?

O Conde molhou os lábios pensando como contornar a situação.

— Uma conhecida de Charlotte — ponderou, sentindo as palavras arranharem sua garganta.

— E há quanto tempo ama essa conhecida de minha sobrinha? — ironizou levemente. — Outra jovem em perigo, Thomas?

— Irina está longe de ser uma jovem em perigo — rebateu

calmamente. — É filha do clérigo de Carlisle, e veio a Bute para me ajudar com Claire. Ensinar tudo que Charlotte a ensinou, e que a tornou uma dama.

— Sei... E o que mais? Desembuche.

— Quando me pediu uma noiva...

— Pensou na noviça.

— Na verdade, não era para ela estar num convento. Eu a magoei quando me deixei envolver na trama de Marianne, e ela fugiu de mim.

— Não a culpo, ao menos demonstra um pouco de juízo... — ponderou. — Mas ela voltou para ajudá-lo. Embora, eu deseje que toda essa sua determinação não vá resultar em nada além de um agradecimento. Certamente a jovem estará melhor no convento. Não é mesmo, Thomas?

Os punhos do Conde cerraram e seus olhos brilharam ao encontrar os dela.

— Você está certa, eu realmente a amo, e goste ou não, irei me casar com ela. Nunca precisei de seu consentimento para nada, e não o farei agora... — Respirou fundo, contendo-se. — Ainda que tenha tentado fazê-lo pelo futuro de Claire, mas está claro que cometi um erro.

A Baronesa encarou-o por segundos até sentenciar:

— Tem sorte de possuir um título que me impede de ir mais longe. Todavia, vou deixar meus termos para desta vez fazer a coisa certa e abençoar essa união, o que também fará bem a Claire: exijo um herdeiro, Thomas... Um herdeiro que assuma Castleblack.

— Você nunca esteve disposta a abrir mão disso...

— Não... Eu farei tudo que puder para assegurar a honra dessa família. Já devia saber disso. — Fechou os olhos. — Agora me deixe descansar.

Em passos medidos, deixou o quarto.



Sua mala estava pronta, ainda havia muito rebuliço na casa, mas tencionava deixar Castleblack ainda àquela tarde. Uma batida na porta e sentiu seu corpo estremecer. Se fosse Thomas, como reagiria? Hesitou e tomou o rumo da sólida peça de carvalho, não adiantaria fugir mesmo. Não de novo.

O corpo másculo do Conde surgiu no seu campo de visão, tomando-o por completo; e, refutando qualquer tipo de rejeição, entrou na peça. Seus olhos foram capturados rapidamente pela mala ao canto.

— Está de partida? — Seus olhares se encontraram.

— Pretendo voltar a Carlisle ainda essa tarde — Baixou os olhos, a voz fraca.

Ele aproximou seus corpos, mas ela rechaçou a mão que foi em direção a seu rosto, virando-o.

— Achei que havia voltado por mim — ele completou com voz rouca.

Irina fechou seus olhos verdes, tentando ignorar o coração palpitando no peito. O leve perfume de almíscar a embriagava.

— De certo não vou negar que o amo, mas temo não conseguir competir com os fantasmas de seu passado... As cartas para Elinor, os retratos dela... Sua expressão ao lembrar-se de cada momento que desfrutaram. — Voltou a encará-lo. — Não posso e não vou pedir que a esqueça, mas temo que a veja em mim... Que anseie viver comigo, o que não pôde ao lado dela — a voz embargou e deixou-se calar.

— Vai me deixar falar? — pediu carinhosamente.

Irina assentiu muda, evitando fitá-lo, ou transbordaria suas lágrimas.

— Não vou negar que amei Elinor com todo meu coração; com uma intensidade que acreditei nunca poder fazer, principalmente à

época, quando desejava mostrar que poderia me sair melhor do que meus pais almejavam, estando sob a tutela deles. Achei que com Elinor, enfim, eu poria fim aos meus dias de farra, aos sussurros de uma sociedade mexeriqueira. Eu acreditava ter encontrado o amor... Compreende? — Ela assentiu minimamente, baixando o olhar. — Entretanto, mesmo que eu negasse, minha ligação com Elinor sempre foi platônica. Devido a sua saúde, ela depositou em mim a afeição doada a um salvador, ao salvador de Claire. Quando ela morreu, nada restou além da menina e a amargura de uma decepção — ele pausou. — Então, quando a vi, quando se tornou tão afeiçãoada a Claire... Quando me deixou, tive a certeza de que jamais seria feliz de novo. — Tomou-lhe a mão na sua, acarinhando-lhe levemente o dorso com o polegar. — Nunca fui feliz com Elinor, porque ela nunca me permitiu. Sempre foi um sentimento incompleto e doloroso. — Ajoelhou-se diante de seus pés, mantendo-lhe a mão cativa. — Não me abandone de novo. Não se torne o que eu fui até hoje, deixe-me amá-la, Irina... — Trouxe-lhe a mão aos lábios e beijou-a ternamente. — Eu preciso de você, quero cuidar de você...

As lágrimas correram em pares de seus olhos enquanto Thomas se erguia e tocava-lhe o rosto num afago.

— Isso é um sim?

Ela consentiu sem conseguir impedir que mais lágrimas banhassem seus olhos.

Com um sorriso iluminando seu rosto, Thomas tomou-lhe o gosto da forma mais intensa que já ousara até então, num beijo apaixonado e intenso.



EPÍLOGO



Era tarde da noite quando finalmente alcançaram o quarto. Os passos de um tropeçando no do outro em meio a risos abafados. A porta cedeu aos dedos de Thomas, que em seguida tomaram-lhe a cintura, trazendo-a para junto de si.

Os cabelos ruivos foram libertados da grinalda e caíam como cascatas por seus ombros. Seus olhos brilhavam intensamente enquanto mordida os lábios e ansiava pelo próximo toque do marido.

Marido — pensou deliciada com o acelerar do coração que a palavra lhe impingia.

Thomas prosseguiu sua descoberta, descendo-lhe a alça do vestido e trilhando um caminho molhado de beijos até seu colo. Ela arfou e ele se deliciou por provocar-lhe tal reação.

— Talvez eu devesse parar...

— Não...

Ela enrolou os dedos nos cachinhos sedosos dele, notando que ele continuava impecavelmente vestido.

— Eu... — Escorregou os dedos até o lenço. — Quero tocá-lo.

Thomas a encarou curioso enquanto a via tirar seu lenço e sua casaca, deixando-o apenas com a camisa banca. Desabotoou os botões um a um, numa tortura que Thomas considerou suportável até que sua pele recebesse o toque dos pequenos dedos. A pequena trilha de cabelos, que se desenhava em seu tórax, foi consumida impiedosamente pelos lábios de Irina, que percorreu-a, sôfrega, até tocar-lhe um dos mamilos, fazendo o Conde impedi-la de prosseguir.

Sua respiração estava ruidosa e difícil, e se ela se mantivesse assim, não conseguiria ser um homem paciente. Sua calça o incomodava uma enormidade.

Beijou-a com carinho.

— Fiz algo errado? — O rosto dela estava em brasa.

— Não

Ele sorriu, tomando-a nos braços e a levando para cama. Deitou-a calmamente contra os lençóis brancos e desatou-lhe os ilhoses do vestido, retirando-o junto com a chemise. Os seios surgiram duros e rosados, como pêssegos, convidativos a um toque.

— Não me olhe dessa forma... — murmurou envergonhada.

— Estou apreciando sua perfeição.

Desceu calmamente os lábios até o bico e provou-os com delicadeza. Um, depois o outro... Ambos. Irina se contorceu contra os lençóis. Estava de calçola, e a ceroula de Thomas não a impedia de sentir-lhe o sexo duro contra suas coxas.

Os lábios de Thomas percorreram um caminho invisível sobre seu ventre até a borda da calçola. O centro do corpo de Irina palpitou, e por mais que tentasse não pensar nisso, era inegável que desejava sentir mais, e o Conde assim o fez.

Deitou sua boca contra a parte interna das coxas da esposa, mordiscando-a, até estar próximo a sua entrada. Dedicando-lhe pequenos beijos, deixou que um dedo escorregasse para o cerne de sua esposa.

— Oh, Thomas, isso... Isso... — Irina resfolegou.

— É apenas o início, minha querida. — Substituiu o dedo pela língua.

— Deus... — Ela inclinou o corpo na direção de seu rosto. — Não pare.

— Não vou parar... — Intensificou sua investida, sentindo-a encharcar contra seus lábios. — Você é deliciosa.

— Thomas...

Foi tudo que ouviu antes dela se liquefazer entre os lençóis, sob uma tremulação ofegante. Ele voltou a beijá-la, posicionando-se entre suas pernas. Passeava os dedos entre seus cabelos quando murmurou:

— Eu a quero, agora.

Os olhos verdes o encararam ansiosos.

Ele sorriu-lhe com carinho, tomou-lhe os lábios e a penetrou. Sentiu-a retesar abaixo de si e o beijo abafar seu gemido. Devagar foi se mexendo dentro dela, até que o corpo feminino se acostumasse a sua presença.

Ensinou-a a acompanhar seu ritmo, a mover-se contra ele enquanto molhava-lhe os seios, o colo, suavam. Os corpos deslizaram um contra o outro, aumentando o vigor das estocadas, até despejar sua semente nela.

Num movimento delicado, Thomas trouxe-a para seus braços, enlaçando-a com carinho. Beijando-lhe a testa conforme sua respiração voltava ao normal.

— Prometo que da próxima vez o incômodo será menor...

— Acho que posso me acostumar a qualquer incômodo que me proporcionar nesse sentido. — Ela brincou, com a cabeça contra seu tórax. — Adoraria fazer filhos toda a noite.

Tomas sorriu, implicando com ela:

— E sua sogra lhe seria eternamente grata por isso.

Com um beijo, Irina o calou.



AGRADECIMENTOS



À minha família, pela constância, pelo carinho e, principalmente, pelo apoio.

A Janaina Rico por acreditar em mim e no meu trabalho, não só como editora, mas como amiga quando mais precisei de alguém que me incentivasse.

A Elimar Souza e Lia Christo por serem pessoas lindas e maravilhosas que fazem um trabalho belíssimo junto à literatura, principalmente, a de época.

A Caroline Yamashita pela disposição e carinho em betar essa obra.

A Mia Teixeira por sempre ter me aconselhado a escrever romances.

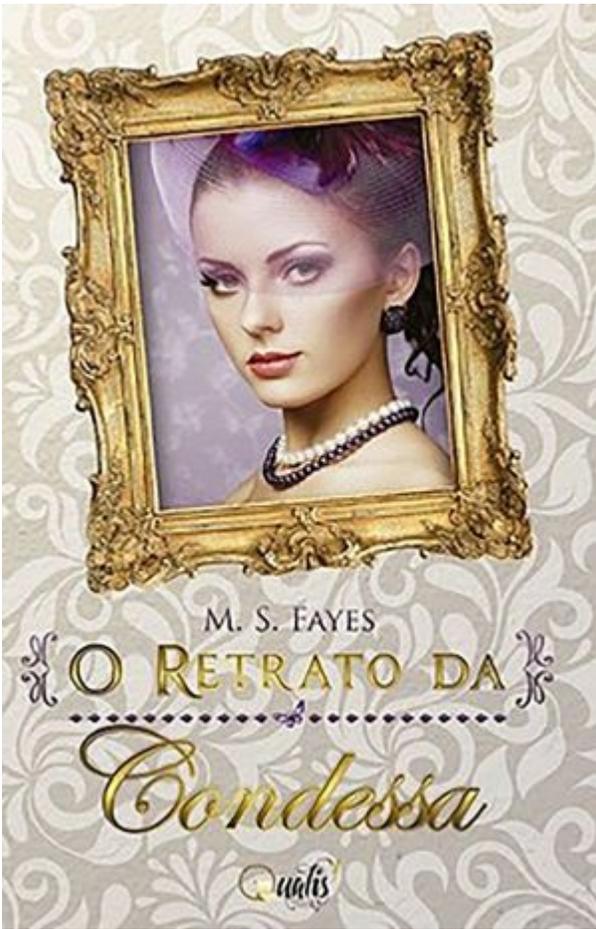
Aos meus leitores, por cada momento em que estive em seus braços e pude alegrá-los.

A Simone Fraga pela paciência em cada detalhe deste livro, pela bela dupla que fizemos ao longo do projeto. Uma amiga e editora linda.

Obrigada!

Roxane Norris





O retrato da condessa

Fayes, MS

9788568839089

166 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ela não sabia o que o destino lhe reservara. Ele não imaginou o que o futuro lhe traria. Num encontro casual, Laura e Vincent veem suas vidas mudarem drasticamente. Passado e futuro se juntam de maneira espetacular, em um amor atemporal. Quando Laura viajou com suas amigas para um hotel charmoso em Londres, não esperava se deparar com um homem elegante e de porte aristocrático em seu quarto. Se Vincent Kildare, Conde de Lilwith, conseguisse usar apenas uma palavra para descrever os eventos que vivenciou, certamente seria "inacreditável". Dois mundos diferentes, que colidem e resultam num amor que nem mesmo o tempo pode apagar.

[Compre agora e leia](#)



"Quando o fim
é o recomeço..."

Me descobrindo

Sua

L . M . G O M E S

Autora de Em um instante... Tudo pode mudar



Me descobrindo sua

Gomes, L.M.

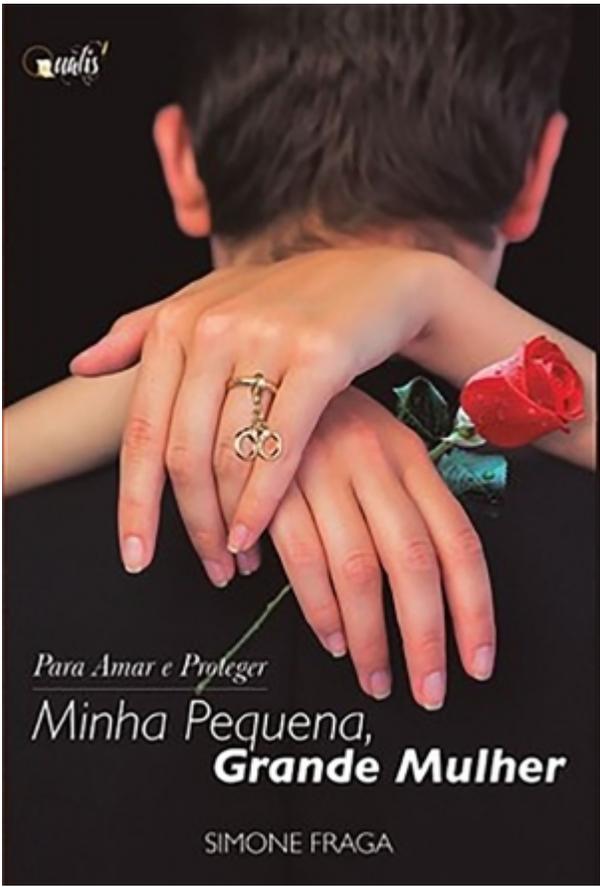
9788568839270

169 páginas

[Compre agora e leia](#)

Jane era uma jovem tranquila, com seus sonhos e planos, até o destino lhe sorrir com um lindo amor de verão. A certeza do "felizes para sempre" mudou sua vida inteira e viver um conto de fadas parecia o caminho. Mas, e quando na verdade o fim é um recomeço? Ela descobre que nem sempre promessas são cumpridas e, depois de ver seu coração destruído, decide que finais felizes definitivamente não existem. James tinha sua vida toda planejada e centrada, nada o abalava até ver o seu anjo. Alguém jovem, linda e que carregava uma alma ferida e um coração blindado. Naquele momento ele se viu, mesmo sem perceber, em meio à batalha de sua vida: fazer Jane descobrir que, na verdade, o destino queria que ela fosse sua desde sempre.

[Compre agora e leia](#)



Quilis

Para Amar e Proteger

Minha Pequena,
Grande Mulher

SIMONE FRAGA

Minha pequena grande mulher

Fraga, Simone

9788568839454

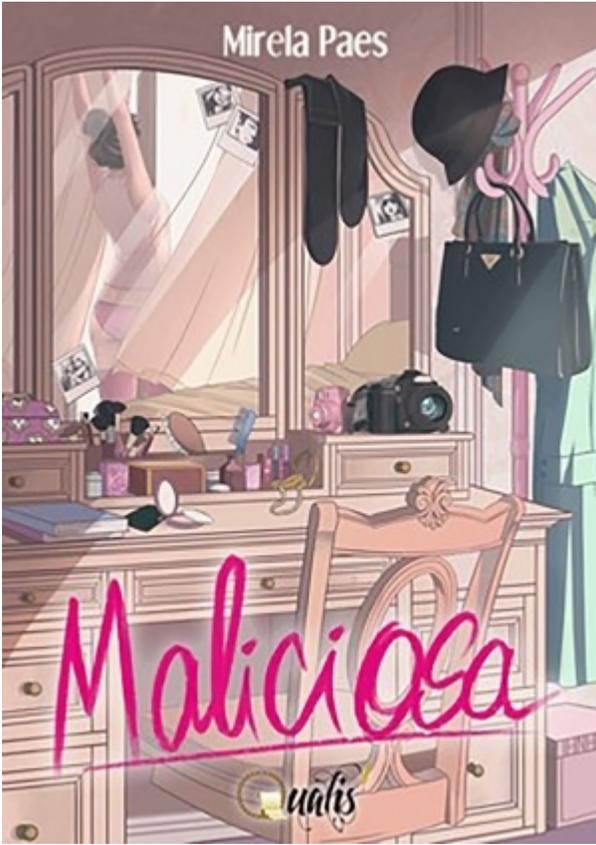
358 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nem mesmo uma infância sofrida e cheia de abusos impediram Júlia de se tornar uma mulher forte e independente, a frente dos negócios da família. Mas o passado retorna e traz com ele a melhor e a pior parte de sua história. Lucas sempre protegeu a amiga de infância e por ela se apaixonou em segredo, um sentimento que só fez crescer durante todos esses anos e que nem mesmo a distância o fez diminuir. Quando o maior pesadelo de Júlia retorna, ele fará de tudo para mantê-la a salvo, de preferência ao seu lado e na sua cama. Mas será que Júlia estará preparada para entregar-se a um novo Lucas e seus desejos e preferências que podem assustá-la? O amor, a confiança, o respeito e a proteção, cujos sentimentos envolvem essa relação, serão fortes o suficiente para resistir e vencer o passado de violência o qual ela ainda tem de enfrentar?

[Compre agora e leia](#)

Mirela Paes



Maliciosa

Qualis

Maliciosa

Paes, Mirela

9788568839294

164 páginas

[Compre agora e leia](#)

Para seus familiares, Ana é o perfeito exemplo de moça de família. Doce, educada e preocupada com o seu futuro. Deseja estudar moda e se tornar uma It Girl. Matthews, por outro lado, conhece uma Ana diferente. Sexy e determinada. O que havia começado com um pequeno jogo tomará proporções avassaladoras. Os encontros se tornam cada vez mais intensos e complicados. Foram criados como primos, e a diferença de idade muitas vezes os atrapalha. Até quando conseguirão manter esse segredo? Estarão eles prontos para lutar pelo amor que sentem um pelo outro?

[Compre agora e leia](#)



Doce imperfeição

Gomes, L.M.

9788568839447

226 páginas

[Compre agora e leia](#)

Pedro Castro tem a convicção de que nada além do hoje importa. Viver intensamente da forma que lhe convém é sua principal regra, se prender é perda de tempo. Dono de uma espontaneidade e sinceridade cortantes, Pedro não está disposto a ceder. Seu único ponto fraco, é a família com a qual seu irmão, Rafael Castro lhe presenteou. Visceral e extremamente confiante, ele só não contava que seu maior desejo acabasse sendo o mais difícil de realizar... Adriana Vieira acredita na lei do retorno, que tudo é só uma questão de tempo. Sem perder o foco, ela se vê apaixonada pelo irmão do namorado de sua melhor amiga. Pedro aos seus olhos é a síntese perfeita de problema, uma revolução e contradição irresistíveis, uma doce imperfeição. Se agarrando ao seu amor próprio, ela quer provar para Pedro que nada é por acaso, que o mundo gira para todos e não há garantias de se manter no eixo, quando o caminho escolhido, é o amor.

Uma trégua, um caminho, e a descoberta...

[Compre agora e leia](#)